

a fraude do Código Da Vinci

TODA A VERDADE SOBRE A FICÇÃO DO MOMENTO

Erwin Lutzer


Vida

a fraude do Código Da Vinci

- Jesus se casou com Maria Madalena, sua legítima sucessora e líder da igreja primitiva.
- Jesus nunca foi Deus. Trata-se de uma mentira inventada pelo imperador Constantino no Concílio de Nicéia.
- Os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João não ensinam a verdade sobre Jesus. A igreja teria escondido os verdadeiros evangelhos escritos pelas seitas gnósticas.
- Leonardo da Vinci manteve essas informações em suas pinturas mundialmente famosas.

Essas afirmações fazem do cristianismo o maior e mais bem engendrado embuste de todos os tempos. Será? Dan Brown, autor do eletrizante romance *O código Da Vinci*, alega que sua obra é baseada em fatos históricos. Milhões de pessoas têm acreditado nessas inverdades, crendo tratar-se de pesquisa segura e correta.

Neste livro, o eminente teólogo Erwin W. Lutzer examina as afirmações de Dan Brown e apresenta respostas claras e bem fundamentadas para esclarecer a confusão em torno da vida de Jesus e da fé cristã. De forma meticulosa e perspicaz, ele desmascara os mitos por trás dessas e de outras lendas, revelando a verdadeira história que existe nesse romance.

A fraude do código Da Vinci é uma defesa clara e contundente da historicidade do cristianismo e da pessoa de Jesus. É também um alerta para que aprendamos sempre a separar a verdade da mentira e a realidade da fantasia.

Erwin W. Lutzer é pastor-titular da Moody Church em Chicago, EUA. É bacharel em Artes pela Winnipeg Bible College, mestre em Teologia pelo Dallas Theological Seminary, mestre em Artes pela Loyola University e doutor em Direito pela Simon Greenleaf School of Law. Escreveu vários livros, entre eles *A cruz de Hitler* (ganhador do prêmio ABEC), *Os brados da cruz*, *7 razões para confiar na Bíblia*, *Um minuto depois da morte*, *Dez mentiras sobre Deus*, *De pastor para pastor* e *A serpente do paraíso*, todos sucessos publicados pela Editora Vida. Seus programas de rádio são transmitidos por mais de 700 emissoras espalhadas pelos Estados Unidos e pelo mundo. Vive com Rebecca, sua esposa, na região de Chicago. Tem três filhos e seis netos.



www.editoravida.com.br

ISBN 85-7367-879-8



Categoria: Atualidades



Editora do grupo

ZONDERVAN
HARPERCOLLINS

Editora filiada a

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE EDITORES CRISTÃOS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE LIVRARIAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE
LIVRARIAS EVANGÉLICAS

Direção executiva

EUDE MARTINS

Supervisão de produção

SANDRA LETTE

Gerência financeira

SÉRGIO LIMA

Gerência de comunicação e marketing

SÉRGIO PAVARINI

Gerência editorial

SOLANGE MONACO

Coordenação editorial

Obras de interesse geral * VERA VILLAR

Obras para a igreja e a família * ALDO MENEZES

Obras teológicas e de referência * ALDO MENEZES

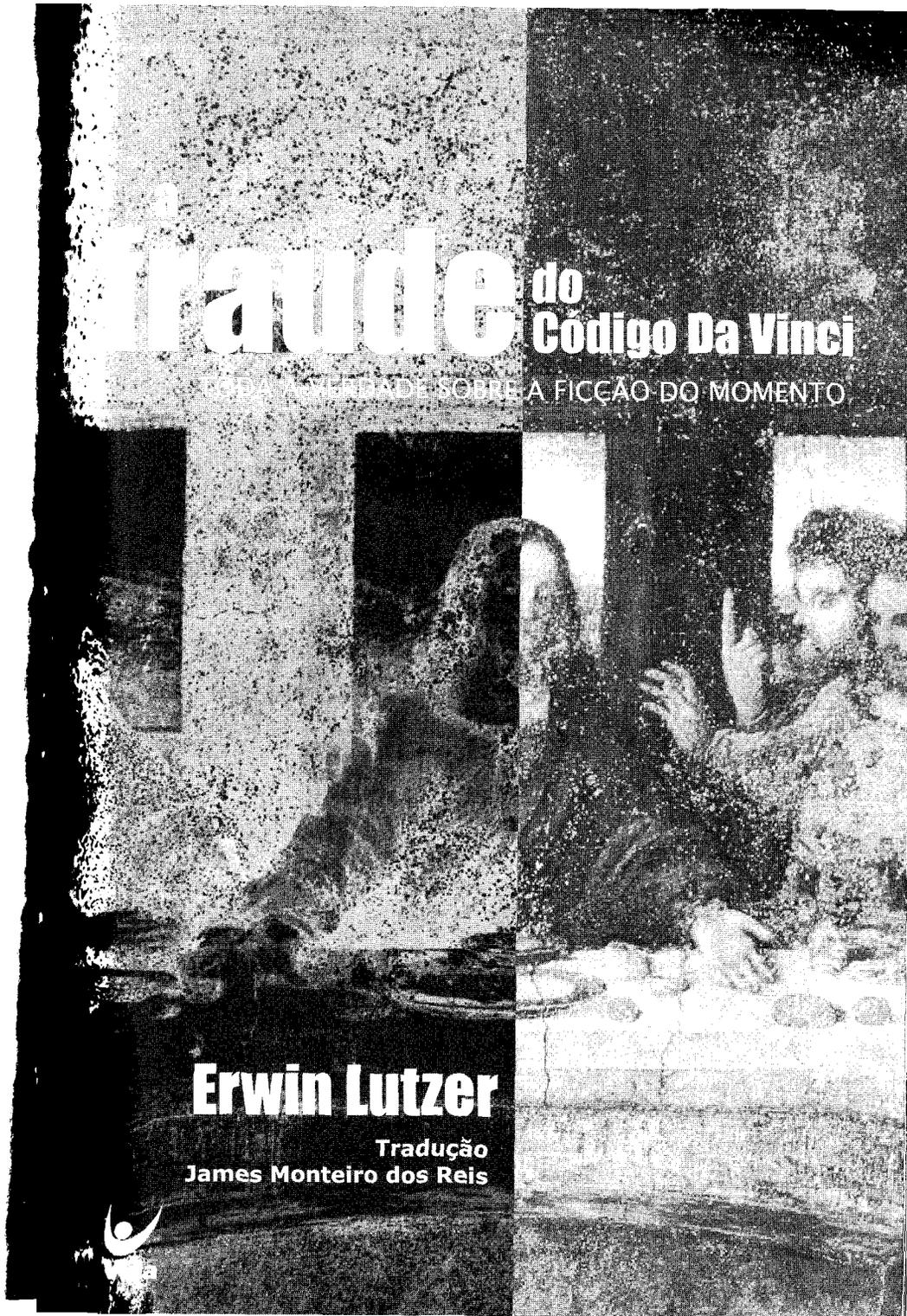
Obras em língua portuguesa * SILVIA JUSTINO

Obras infantis e juvenis * ROSANA BRANDÃO

Bíblias * ROSA FERREIRA

Fraude do Código Da Vinci

UMA ANÁLISE DE SOBRE A FICÇÃO DO MOMENTO



Erwin Lutzer

Tradução
James Monteiro dos Reis



Pelo mesmo autor

■
A cruz de Hitler

Os brados da cruz

10 mentiras sobre Deus

Um minuto depois da morte

De pastor para pastor

7 razões para confiar na

Bíblia

A serpente do Paraíso

Cristo entre outros Deuses

(CPAD)

Aprenda a viver bem com

Deus e com seus impulsos

sexuais (Betânia)

Obras em co-autoria

com Doris van Stone

■
Não tive onde chorar

©2004, de ERWIN LUTZER

Título do original * *The*

Da Vinci deception,

edição publicada pela

TYNDALE HOUSE PUBLISHERS,

(Wheaton, Illinois, EUA)

■
Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

EDITORA VIDA

Rua Júlio de Castilhos, 280 * Belenzinho

CEP 03059-000 * São Paulo, SP

Telefax 0 xx 11 6618 7000

www.editoravida.com.br

■
PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS,
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da

Nova Versão Internacional (NVI),

©2001, publicada por Editora Vida,

salvo indicação em contrário.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lutzer, Erwin W. -

A fraude do código Da Vinci : toda a verdade sobre a ficção
do momento / Erwin W. Lutzer ; tradução James Monteiro dos
Reis — São Paulo : Editora Vida, 2004.

Título original: *The Da Vinci deception.*

Bibliografia

ISBN 85-7367-879-8

1. Brown, Dan, 1964 - O Código Da Vinci - Crítica e
interpretação 2. Cristianismo na literatura 3. Jesus Cristo na
literatura 4. Maria Madalena, Santa, na literatura 5. Santos
cristãos na literatura I. Título.

04-5020

CDU 273

Índice para catálogo sistemático

1. Cristianismo : História : Controvérsias doutrinárias 273

MAZINHO RODRIGUES

A nossos bons amigos, David e Nancy Lagerfeld, que me alertaram para o fato de alguns leitores de *O código Da Vinci* estarem confundindo lendas com fatos e superstições com história séria. O compromisso deles com o Jesus autêntico ajudou outras pessoas a encontrar o caminho.

Agradeço a Erwin Lutzer por lançar esse petardo sobre o rematado embuste apresentado em *O código Da Vinci*. As heresias do gnosticismo dos séculos II e III estão vivas e em plena forma. Que este livro possa liquidar com essas heresias em nossos dias.

DR. R. C. SPROUL
Fundador e presidente do Ligonier Ministries
e autor de *Salvo de quê?* (Vida)

Erwin Lutzer apresenta uma resposta bastante oportuna a quem é tentado a confiar na frouxa areia da cultura popular, desprezando a rocha sólida da verdade imutável de Deus. *A fraude do código Da Vinci* o ajudará a navegar em meio às alegações de uma cultura que, tendo abandonado o Jesus verdadeiro, apegou-se a uma imagem feita à semelhança dele.

THOMAS H. L. CORNMAN, PHD
Historiador especializado em história da igreja
Vice-Diretor e deão da escola de graduação
do Moody Bible Institute

O dr. Lutzer conseguiu mais uma vez. No que se refere a esclarecer a confusão filosófica e moral de nossos dias, ninguém obtém melhor êxito. Sua análise de *O código Da Vinci* é meticulosa, perspicaz e irretorquível.

SANDY RIOS

Presidente da Concerned Women for America

Se Lutzer escreve, eu leio. Pastor perito em teologia e pregador vigoroso, trata-se de um escritor atento à cultura, que expõe provas nítidas e cativantes em defesa da verdade. Possibilita ao leitor separar a verdade da ficção, os fatos da fantasia, a realidade do mito. *A fraude do código Da Vinci* é um livro de leitura obrigatória. Decifra os códigos da conspiração e nos capacita a crer com firmeza na “fé de uma vez por todas confiada aos santos” (Jd 3).

DR. JACK GRAHAM

Pastor da Prestonwood Baptist Church, Plano, Texas

Presidente da Southern Baptist Convention

sumário

nota do autor	
O enigma de Jesus	11
prefácio	
Um breve exame de <i>O código Da Vinci</i>	13
um	
O cristianismo, um político e um credo	25
dois	
Aquela outra Bíblia	45
três	
Jesus, Maria Madalena e a busca pelo Santo Graal	67
quatro	
Banidos da Bíblia: por quê?	87
cinco	
Uma bem-sucedida busca por Jesus	107
seis	
Caminhos discordantes: a igreja e seus adversários	125
epílogo	
Do meu coração para o seu	145

nota do autor

O enigma de Jesus

“Quem vocês dizem que eu sou?”

Os discípulos sabiam o que se dizia sobre Jesus. Para alguns, ele era João Batista ou um dos profetas, mas Jesus queria a resposta deles: “Quem *vocês* dizem que eu sou?”.

Jesus insistiu em obter uma resposta, mas não a respeito do que fazia ou dizia. Tampouco perguntou se os discípulos gostavam dele ou não. Sua pergunta abordava a essência de quem ele era como pessoa. Seria ele apenas um homem extraordinário ou algo mais?

Essa questão nos assombra até os dias de hoje.

A controvérsia em torno do lançamento do filme *A paixão de Cristo* comprova que essa dúvida ainda clama por resposta. Justin Pope, em um artigo recente no *Chicago Sun Times*, afirma que Jesus é um símbolo remoto com muitas interpretações.

“Há um Jesus negro e um Jesus branco. Sem parecer e com formosura, capitalista e socialista, austero e *hippie*. Dedicado transformador social e consolador místico.”¹

O código Da Vinci sugere uma resposta diferente: Jesus, o homem casado; Jesus, o feminista; Jesus, o profeta mortal. É evidente que todos têm uma opinião sobre Jesus.

Neste livro, investigaremos as raízes históricas do cristianismo primitivo. Procuraremos dar respostas dignas de crédito às seguintes questões: “Quem é Jesus? Os documentos que compõe o Novo Testamento são relatos confiáveis de sua vida e ministério? O que isso pode significar para nós, que vivemos no século XXI?”

Examinaremos como os dissidentes dos primeiros séculos tinham uma interpretação própria e radical da vida e da missão de Jesus. Tinham seus próprios documentos, convicções religiosas e mestres. Neste estudo, avaliaremos suas afirmações e como elas ainda nos influenciam nos dias de hoje.

Acompanhe-me nesta jornada, enquanto exploramos as origens da fé cristã.

DR. ERWIN W. LUTZER

¹Books examine Jesus, as part of U. S. history, culture, *The Chicago Sun Times*, 13 fev. 2004, p. 48.

prefácio

Um breve exame de *O código Da Vinci*

Bem-vindo ao misterioso mundo das conspirações, códigos secretos e documentos históricos escondidos desde os primórdios da igreja!

Se você não leu *O código Da Vinci*, permita-me apresentar a história e algumas idéias originais que você pode não ter ouvido antes, como, por exemplo:

- Jesus foi casado com Maria Madalena!
- Deixaram descendentes que, por meio de casamentos, se misturaram à família real francesa!
- Há séculos tudo isso é conhecido, mas a verdade foi mantida longe do conhecimento público por se temer a destruição do poder da igreja! Aliás, há uma organização secreta

responsável por guardar documentos que, se trazidos a público, destruiriam o cristianismo como o conhecemos!

“Os rumores dessa conspiração vêm transparecendo há séculos”, diz o bem-sucedido escritor Dan Brown, em *O código Da Vinci*. Aliás, esse rumores têm se revelado “em inúmeras linguagens, incluindo as artes, a música e a literatura”. Também somos informados de que algumas das provas mais impressionantes se encontram nas pinturas de Leonardo da Vinci.

14 Há meses *O código Da Vinci* se encontra nas listas dos mais vendidos, e, com um filme a ser lançado em um futuro próximo, o romance certamente se tornará ainda mais conhecido. Se você não leu o livro, certamente conhece alguém que o tenha lido. Muitas pessoas estão pensando que ele contém alguma verdade. As evidências históricas podem ser questionáveis, mas, como disse um crítico: “Por que não podemos crer que isso *poderia* ter acontecido?”.

Antes de responder a essa pergunta, vamos fazer um exame das premissas do livro. A história, em suma, é a seguinte: *O código Da Vinci* começa com o curador do Louvre caindo morto em uma poça do próprio sangue. Nesse ínterim, Robert Langdon, professor de Harvard e especialista em símbolos esotéricos, está em Paris a negócios. A polícia francesa localiza Langdon em seu hotel e lhe pede que interprete um código deixado próximo ao cadáver da vítima assassinada. Em sua investigação, Langdon é acompanhado por uma jovem criptóloga chamada Sophie Neveu.

Quando Sophie, em segredo, alerta Robert de que ele é o principal suspeito do assassinato, eles fogem. Mas a

vítima havia intencionalmente deixado pistas para que eles seguissem. Ao decifrarem as instruções em código deixadas pelo curador, Robert e Sophie rapidamente percebem que o crime está ligado à lendária busca pelo Santo Graal. Providencialmente, o casal consegue se associar a um fanático do Graal, *sir* Leigh Teabing, cuja vasta pesquisa e conhecimento auxilia seus esforços na busca do Graal.

Teabing, de forma entusiástica, apresenta ao casal os assuntos que cercam os acontecimentos do Novo Testamento, o que inclui uma compreensão alternativa de Jesus, de Maria Madalena e da natureza do Santo Graal. Ele cita os evangelhos gnósticos — documentos antigos que presumivelmente trazem relatos mais confiáveis sobre a vida e os ensinamentos de Cristo do que o Novo Testamento que conhecemos hoje.

Ainda procurados pelas autoridades, Robert, Sophie e agora *sir* Leigh escapam para Londres e depois para a Escócia, na esperança de encontrar mais indícios sobre o assassinato e sua relação com o Santo Graal. O leitor fica em suspense enquanto as personagens, determinadas e inteligentes, penetram em um mundo secreto de mistério e conspiração, na tentativa de desmascarar séculos de engano e silêncio. Sempre um passo à frente da polícia, eles conseguem se valer de códigos secretos e manuscritos que a igreja tem tentado esconder do público.

É possível que a parte mais interessante do livro, a qual forma sua essência, seja a idéia de que Jesus se casou com Maria Madalena, união da qual lhes nasceu uma filha. Reza a lenda que, após a crucificação de Jesus, Maria e a filha, Sara, partiram para a Gália, onde fundaram a linhagem

dos merovíngios, na monarquia francesa. Lemos ainda que essa dinastia perdura até hoje na misteriosa organização conhecida por Priorado de Sião, organização secreta que tinha os templários como braço militar. Há a suposição de que Leonardo da Vinci, Isaac Newton e Victor Hugo tenham figurado entre os membros dessa organização. Até hoje, afirma Teabing, os restos de Maria Madalena e os registros escavados pelos templários estão guardados, envolvidos em segredo e mistério.

E não pára por aí: *O código Da Vinci* reinterpreta o Santo Graal como nada mais, nada menos que os restos da esposa de Jesus, Maria Madalena, que reteve o sangue de Cristo em seu útero enquanto carregava sua filha.

Segundo o livro, Jesus tinha a intenção de que Maria Madalena liderasse a igreja, mas “Pedro não via isso com bons olhos”. Assim, ela foi declarada prostituta e afastada do papel de liderança. Ao que tudo indica, a igreja queria um salvador celibatário que perpetuasse o domínio masculino. Por esse motivo, após seu marido ter sido crucificado, Maria desapareceu com a filha e tornou a aparecer na Gália. Fosse verdadeira essa teoria, ainda teríamos descendentes de Jesus entre nós.

Robert e *sir* Leigh contam a Sophie que a verdadeira história sobre Maria fora preservada por meio de códigos e símbolos cuidadosamente encobertos, a fim de evitar a ira da Igreja Católica. Nesses códigos secretos, o Priorado de Sião tem conseguido preservar a própria versão da vida conjugal de Jesus e Maria, sem jamais contar toda a verdade.

Também lemos que Leonardo da Vinci sabia tudo a respeito dessa história, tendo usado sua famosa pintura, *A*

Última Ceia, para ocultar diversos significados. Nessa pintura, João está sentado à direita de Jesus, mas carrega características femininas. No fim das contas, constata-se que a pessoa ao lado de Jesus não é João, mas Maria Madalena. E, de forma reveladora, Leonardo não pintou um copo ou cálice sobre a mesa, outra pista de que o verdadeiro Graal é Maria, sentada à direita de Jesus!

Enquanto Robert, Sophie e *sir* Leigh prosseguem em sua investigação, a poderosa organização católica Opus Dei está pronta para se utilizar de todos os meios necessários a fim de manter o segredo encoberto, incluindo-se o assassinato. Dispondo dos amplos recursos financeiros da igreja, a Opus Dei está decidida a obrigar os líderes do Priorado a revelar o mapa que traz a localização do Graal. Se os segredos do Priorado fossem revelados, a igreja seria desmascarada como uma fraude edificada sobre séculos de falácias.

Os objetivos de Dan Brown não são tão sutilmente velados. Esse livro é um ataque direto contra Jesus Cristo, a igreja e aqueles de nós que o seguem e o chamam Salvador e Senhor. De acordo com o romance de Dan Brown, o cristianismo foi inventado para reprimir as mulheres e afastar as pessoas do “sagrado feminino”. Como seria de esperar, o livro atrai as feministas que vêem no retorno à adoração da deusa algo necessário no combate à supremacia masculina.

A conclusão dessa teoria é que o cristianismo se baseia em uma grande mentira ou, mais exatamente, em várias grandes mentiras. Antes de tudo, Jesus não era Deus, mas foram seus seguidores que lhe atribuíram divindade a fim de reforçar o domínio masculino e reprimir quem adorasse

o sagrado feminino. Aliás, segundo Dan Brown, foi no Concílio de Nicéia que Constantino introduziu o conceito da divindade de Cristo com o fim de eliminar toda a oposição, declarando herege quem discordasse. Além disso, Constantino também escolheu Mateus, Marcos, Lucas e João como os únicos evangelhos que se encaixavam em seus planos machistas. Oitenta outros evangelhos foram rejeitados, uma vez que apontavam Maria Madalena como a verdadeira líder da igreja. “Era tudo uma questão de poder”, diz o livro.

18

Por mais incrível que pareça, descobrimos que Israel, no Antigo Testamento, adorava tanto o Deus masculino Jeová como sua *correspondente feminina*, Shekinah. Séculos mais tarde, a igreja oficial, que odeia o sexo e a mulher, reprimiu essa adoração à deusa e eliminou o sagrado feminino.

Esse conceito de sagrado feminino que a igreja tentou reprimir é, na verdade, a idéia pagã de que em ritos sexuais o homem e a mulher experimentam comunhão com Deus. “A união física com a mulher era o único meio pelo qual o homem podia se tornar espiritualmente completo e chegar a atingir a gnose — o conhecimento do divino.”¹ Mas esse uso do sexo para entrar em comunhão com Deus representava uma ameaça à Igreja Católica, visto que minava seu poder. “Por motivos óbvios, a igreja fez de tudo para demonizar o sexo e reinterpretá-lo como um ato peca-

¹Dan BROWN, *O código Da Vinci*, Rio de Janeiro: Sextante, 2004, p. 328.

minoso e repulsivo. Outras religiões importantes fizeram o mesmo.”²

“... quase tudo o que nossos pais nos ensinaram sobre Jesus Cristo é *mentira*”, lamenta Teabing. O Novo Testamento não passa do produto de uma liderança machista que, para controlar o Império Romano e reprimir a mulher, inventou o cristianismo. O Jesus verdadeiro era um genuíno feminista, mas seus desejos foram desconsiderados para proteger os objetivos masculinos.

Se *O código Da Vinci* fosse anunciado como apenas um romance, seria meramente uma leitura interessante para fanáticos por conspirações que se agradam de suspenses agitados. O que torna o livro preocupante é a alegação infundada de que se baseia em fatos. Nas páginas preliminares, lemos que o Priorado de Sião existe, assim como a Opus Dei: seita profundamente católica e um tanto controversa em virtude de relatos de lavagem cerebral, coerção e “mortificação corporal”.³ Por fim, podemos ler: “Todas as descrições de obras de arte, arquitetura, documentos e rituais secretos neste romance correspondem rigorosamente à realidade”.

Em seu *site*, Dan Brown faz ainda outras declarações sobre a confiabilidade histórica da obra. Alguns críticos enalteceram o livro por sua “pesquisa impecável”. Uma mulher, ao ouvir que o livro era uma fraude, contestou: “Se não fosse verdade, não teria sido publicado!”. Um homem

19

²Ibid., p. 309.

³Busca da purificação espiritual por meio do flagelo físico. (N. do T.)

disse que, agora que tinha lido o livro, jamais conseguiria voltar a entrar em uma igreja.

Os leitores devem saber que a trama central desse livro já existe há séculos e pode ser encontrada na literatura esotérica e da Nova Era, como em *O Santo Graal e a linhagem sagrada*, de Michael Baigent,⁴ que serviu de referência para o romance. A diferença consiste no fato de Brown ter embulhado essas lendas em um conto aparentemente histórico hoje lido por milhões de pessoas. Muitos que lêem o livro ficam imaginando se o que ele afirma poderia, ao menos em parte, ser verdade.

20 Quando a ABC⁵ realizou um documentário sobre *O código Da Vinci*, deu credibilidade ao livro e, na maior parte das vezes, desprezou estudiosos a favor de rumores sensacionalistas e especulações sem fundamento. Embora o programa tenha terminado com a declaração “Não temos nenhuma prova”, fica claro que o livro recebe certo respeito ao sugerirem que, com ou sem provas, Dan Brown pode ter esbarrado em alguma coisa.

Pouco tempo atrás li *The Templar revelation: secret guardians of the true identity of Christ*,⁶ escrito por Lynn Pickett e Clive Prince, que apresenta temática semelhante à de *O código Da Vinci*, supostamente baseada em pesquisas históricas.

⁴Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

⁵American Broadcasting Company [Empresa Americana de Difusão], uma das empresas televisivas oficiais dos Estados Unidos. (N. do E.)

⁶Publicado em português com o título *A grande heresia: o segredo da identidade de Cristo* (São Paulo: Beca, 2000). (N. do T.)

Esse livro tenta legitimar a idéia de que Maria Madalena foi a mulher designada por Jesus para iniciar a igreja. Ainda sustenta que o Novo Testamento teve toda a questão ritualística censurada, incluindo-se os ritos sexuais.

Até que ponto é plausível que uma conspiração tenha mantido em segredo a verdadeira história de Maria e Jesus? Se isso for verdade, toda a estrutura da teologia cristã é uma trama para enganar as massas. Se for fato, todos os apóstolos fizeram parte dessa trama e estavam dispostos a dar a vida pelo que sabiam ser mentira. Se for verdade, nossa fé, a fé dos que confiam em Cristo, não tem fundamento.

REVELANDO O EMBUSTE

Considerando que *O código Da Vinci* afirma ser semi-histórico, é importante perguntar: “Esse livro é digno de crédito?”. Muitos se perguntam onde Brown cruza a linha entre a verdade e a ficção, o fato e a fantasia. Há a possibilidade de que algum dia, em algum lugar, venhamos a descobrir que sua versão da história tem credibilidade?

Escrevi este livro na tentativa de responder a essas e a outras perguntas. Examinaremos temas como o Concílio de Nicéia, os evangelhos gnósticos, o cânon do Novo Testamento e as pinturas de Leonardo da Vinci. Poderia Jesus não ter passado de um líder inspirado que fundou um movimento religioso? Os gnósticos representam uma forma primitiva de cristianismo usurpada pelos apóstolos machistas do Novo Testamento? Ao responder a essas questões, creio que sua fé será não apenas desafiada, mas fortalecida.

Não tenho intenção de listar todos os erros históricos de *O código Da Vinci* — o que seria uma lista realmente longa. Entre suas afirmações infundadas encontramos: “Jesus Cristo foi uma figura histórica de uma influência incrível [... que] inspirou multidões” quando estava na terra e, “Durante 300 anos de caça às bruxas, a Igreja queimou na fogueira a quantidade impressionante de *cinco milhões* de mulheres”.⁷ Essas e outras falsas afirmações não são realmente o mais importante no principal ataque que o livro faz à fé cristã. Minha intenção é concentrar-me, em vez disso, nas observações obscenas feitas a respeito de Jesus e da Bíblia.

Eis algumas das principais questões a que tentarei responder:

- Constantino inventou a divindade de Cristo? Foi o Concílio de Nicéia, convocado por ele, que determinou que livros deviam ser incluídos no Novo Testamento?
- Os evangelhos gnósticos são fontes confiáveis da história neotestamentária?
- Quem definiu os livros que constituiriam o Novo Testamento e qual foi o critério utilizado? Quando essas decisões foram tomadas?
- É admissível que Maria Madalena tenha casado com Jesus?
- A Opus Dei foi encarregada de destruir o Priorado de Sião a fim de esconder segredos sobre o Jesus verdadeiro?

⁷P. 135.

- Será verdade que o gnosticismo (definido mais adiante) é um “cristianismo alternativo” aceitável, que poderia representar a verdadeira fé cristã?
- Se concordamos a respeito de Deus, precisamos também concordar a respeito de Jesus?

Acompanhe-me na jornada que nos levará à fascinante história das origens do cristianismo e aos fatos que definiram a igreja.

Tenha ou não lido *O código Da Vinci*, acredito que você se beneficiará de uma resposta cristã aos ataques desferidos contra o Jesus histórico.

um

O cristianismo, um político e um credo

Não nos faltam boas razões para reagir com ceticismo quando um político abraça a religião, principalmente se a religião o ajuda a alcançar suas ambições políticas.

Vejamos o imperador Constantino, apontado em *O código Da Vinci* como o inventor da divindade de Cristo visando a consolidar o próprio poder. O livro também afirma que ele eliminou do Novo Testamento os livros que não se encaixavam em seus objetivos políticos.

Em *O código Da Vinci*, Brown afirma que, ao declarar a divindade de Cristo, Constantino solidificou seu domínio e adquiriu o direito de declarar herege quem discordasse. O imperador convocou o Concílio de Nicéia em 325 d.C. para ratificar essa nova doutrina que lhe traria o respaldo desejado. Sir Leigh Teabin, um apaixonado pelo

Santo Graal, explica a Sophie que os delegados presentes no concílio tinham concordado sobre a divindade de Jesus. Ele então acrescenta: “... até aquele momento da história, Jesus era visto pelos seus discípulos como um mero profeta mortal... um grande e poderoso homem, mas que não passava de um homem. Um mortal”.

Por razões políticas, portanto, Constantino “promoveu Jesus a divindade quase [três] séculos depois da sua morte”.¹ Ao mesmo tempo, assegurou o domínio masculino e a repressão da mulher. Ao forçar os outros a aceitar sua visão, comprovou seu poder e ficou livre para destruir seus adversários.

A segunda alegação presente no romance é que Constantino rejeitou os outros evangelhos por considerá-los favoráveis ao sagrado feminino. Voltando a citar Teabing: “Mais de 80 evangelhos foram estudados para compor o Novo Testamento, e no entanto apenas alguns foram escolhidos — Mateus, Marcos, Lucas e João. [...] A Bíblia, conforme a conhecemos hoje, foi uma colagem composta pelo imperador romano Constantino, o Grande”.²

Em outras palavras, Constantino reconheceu um bom negócio quando o viu. Por isso, convocou o conselho para assegurar o domínio masculino e aceitar os documentos canônicos favoráveis a seus planos. No romance, Langdon diz: “O Priorado acredita que Constantino e seus sucessores do sexo masculino conseguiram converter o mundo do

paganismo matriarcal para o cristianismo patriarcal através de uma campanha de demonização do sagrado feminino, eliminando a deusa da religião moderna para sempre”.³ Com esse feito, o curso da história da igreja foi consolidado de acordo com os desejos de Constantino. Ainda lemos: “Lembre-se de que era tudo uma questão de poder”.

Começamos a investigar essas afirmações. Neste capítulo, separaremos os fatos da ficção, examinaremos os registros antigos e descobriremos exatamente o que Constantino fez, e o que não fez.

Os historiadores cristãos concordam que, depois dos fatos do Novo Testamento, o mais importante acontecimento da história cristã é a conversão do Imperador Constantino ao cristianismo em 312 d.C. Em poucas palavras, eis a história: as tropas de Constantino estavam estacionadas na ponte Mílvio, próximo aos portões de Roma, onde se preparavam para depor o imperador romano Maxêncio. A vitória faria com que Constantino se tornasse efetivamente o único governante do império. Todavia, na noite anterior à batalha, Constantino teve uma visão que transformou sua vida e a história da igreja.

Nas palavras de Eusébio de Cesaréia, que foi tanto historiador como confidente de Constantino, o imperador estava orando a um deus pagão quando “viu com os próprios olhos a imagem de uma cruz iluminada nos céus, acima do sol, trazendo a inscrição: *Com este sinal vencerás* [...] Então o Cristo de Deus apareceu-lhe em sonho com o sinal que

¹Ibid., p. 251. [A edição brasileira traz erroneamente “quase quatro séculos”.]

²Ibid., p. 248.

³Ibid., p. 134.

ele havia visto nos céus. Ordenou-lhe que reproduzisse o sinal, utilizando-o como proteção em todas as batalhas contra seus inimigos”.⁴

Para encurtar a história, Constantino cruzou a ponte e ganhou a batalha, lutando sob a bandeira da cruz cristã. Posteriormente, promulgou o Edito de Milão, decretando que os cristãos não poderiam mais ser perseguidos. Após isso, embora fosse um político, assumiu a liderança em disputas doutrinárias que estavam perturbando a unidade do Império.

Voltemos a Nicéia (atual Iznik, na Turquia, cerca de 200 quilômetros de Istambul) para descobrir o que aconteceu naquele lugar há 1 700 anos.

BEM-VINDO AO CONCÍLIO

Pessoas criadas em um país em que a religião, em grande medida, é de caráter privado e a diversidade é aceita de bom grado, podem achar difícil acreditar que, no início do século IV, as disputas doutrinárias estivessem dividindo o Império de Constantino. Conta-se que, se você comprasse um pão no mercado de Constantinopla, poderiam lhe perguntar se você cria que Deus Filho fora ou não gerado. E, se perguntasse sobre a qualidade do pão, poderiam dizer-lhe que o Pai é maior e o Filho, menor.

Contribuindo para essas controvérsias, havia um homem chamado Ário, que vinha ganhando muitos seguidores ao

⁴Mark A. NOLL, *Turning points: decisive moments in the history of Christianity*, Grand Rapids: Baker, 1997, p. 50. [Publicado em português com o título *Momentos decisivos na história do cristianismo* (São Paulo: Cultura Cristã, 2000).]

ensinar que Cristo não era Deus em todos os seus atributos, mas um deus criado e inferior. Ele cria que Cristo era mais que um homem, mas menos que Deus. Era um grande orador e, criando frases sonoras e de fácil fixação para sua doutrina, suas idéias se tornaram amplamente aceitas. Apesar de muitos bispos o declararem herege, o debate não tinha fim. Na esperança de resolver as discórdias e unificar o cristianismo, Constantino convocou o primeiro concílio da cristandade em Nicéia. Na verdade, o imperador até pagou as despesas dos bispos que compareceram.

Constantino não se importava com pontos teológicos mais sutis. Logo, praticamente qualquer credo o teria deixado satisfeito, com a condição de que unificasse seus súditos. Como disse um historiador: “O cristianismo tornou-se tanto um caminho para Deus como um caminho para a unificação do Império”.⁵ O próprio Constantino fez o discurso de abertura, dizendo que a desunião doutrinária era pior que a guerra.

Alguns delegados se ressentiram dessa intromissão de um político nas doutrinas e procedimentos da igreja, enquanto outros a acolheram de forma positiva. Veja que, para os que atravessaram um período de intensa perseguição, essa conferência, realizada sob a bandeira imperial, era o céu sobre a terra.

O GRANDE DEBATE

Mais de trezentos bispos se reuniram em Nicéia a fim de solucionar as questões sobre cristologia, ou seja, a doutrina

⁵Ibid., p. 51.

acerca de Cristo. Tão logo Constantino encerrou o discurso de abertura, os debates tiveram início.

A assembléia, de forma maciça, declarou Ário herege. Ainda que Ário tivesse a oportunidade de defender suas concepções, os delegados reconheceram que, se Cristo não era completamente Deus, Deus não era o Redentor da humanidade. Dizer que Cristo fora criado seria negar um claro ensino das Escrituras: “Pois nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos ou soberanias, poderes ou autoridades; todas as coisas foram criadas por ele e para ele” (Cl 1.16). É evidente que, se ele criou *todas* as coisas, não podia ele mesmo ter sido criado! Muitas outras passagens que ensinavam a divindade de Cristo foram acrescentadas, extraídas tanto dos evangelhos como das epístolas (Jo 1.1; Rm 9.5; Hb 1.8 etc.).

Após terem confirmado a divindade de Cristo, os delegados passaram a considerar como ele se relacionava com o Pai. Eusébio, o historiador, apresentou sua visão, afirmando que Jesus tinha uma natureza *semelhante* à de Deus Pai.

Embora não tivesse sido convidado a participar dos debates, o teólogo Atanásio estava presente. Ele cria que até mesmo dizer que Cristo é *semelhante* a Deus é não perceber a plenitude do ensino bíblico sobre a divindade de Cristo. Seu raciocínio de que Cristo só poderia ser Deus em sua plenitude se sua natureza e a do Pai fossem a *mesma* foi expresso por seu representante, Marcelo, bispo da Ásia Menor presente na conferência. Constantino, vendo que o debate seguia em conformidade com a posição de Atanásio, aceitou

a sugestão de um bispo mais erudito e sugeriu que os delegados usassem a palavra grega *homoousion*, que significa “exatamente a mesma coisa”. Em outras palavras, Jesus teria exatamente a *mesma* natureza do Pai.

O conselho concordou e, hoje, temos o famoso *Credo niceno*. Qualquer pessoa que já tenha citado o credo sabe que Jesus é descrito como “Luz de Luz, verdadeiro Deus, de verdadeiro Deus; gerado, não feito; *consubstancial* com o Pai; por quem todas as coisas foram feitas” (grifo do autor). Não há dúvida alguma de que os delegados ratificaram a divindade de Cristo no sentido mais amplo.

E por que esse debate deveria nos interessar? Alguns críticos têm achado curioso que o Concílio de Nicéia tenha discutido tão insignificante questão. A diferença entre as palavras gregas para *semelhante* e *mesmo* se resume em uma única letra: a letra *i*. Alguns defendem que isso se assemelha aos teólogos que discutem minúcias, debatendo pequenos detalhes com quase nenhuma relação com o mundo real. Teria sido muito melhor que ajudassem aos pobres ou se envolvessem na política da época!

Mas William E. Hordern conta uma história que mostra como uma única letra, ou vírgula, pode alterar o significado de uma mensagem. No passado, quando as mensagens eram enviadas por telégrafo, havia um código para cada sinal de pontuação. Uma mulher que viajava pela Europa enviou uma mensagem ao marido, perguntando se podia comprar um belo bracelete de 75 000 dólares. O marido respondeu com a seguinte mensagem: “*No, price too high* [Não, preço muito elevado]”. O telegrafista, ao transmitir a

mensagem, deixou de incluir a vírgula. A mulher recebeu a resposta: “*No price too high* [Nenhum preço é muito elevado]”. Ela comprou o bracelete, o marido processou a empresa de telégrafos e ganhou! Afinal de contas, as pessoas que usam código Morse devem transmitir toda a pontuação. Sem dúvida alguma, uma vírgula ou uma minúcia podem fazer grande diferença na transmissão de uma mensagem!⁶

32 Embora o Concílio de Nicéia estivesse dividido entre as palavras gregas *semelhante* e *mesmo*, a questão era de extrema importância. Se Cristo fosse uma criatura, ainda que a mais nobre e elevada dentre elas, Deus estaria apenas indiretamente envolvido na salvação do homem. Como disse um historiador, Atanásio percebeu que “somente se Cristo for Deus, sem qualquer limitação, Deus terá se tornado homem, e assim, a comunhão com Deus, o perdão de pecados, a verdade de Deus e a imortalidade teriam sido com certeza trazidos ao homem”.⁷

Em *O código Da Vinci*, lemos que a doutrina da divindade de Cristo passou por uma “votação bastante renhida”. Isso não passa de ficção, visto que, dentre os mais de 300 bispos (acredita-se que eram na verdade 318), somente cinco protestaram contra o credo. Aliás, no fim das contas,

⁶*A layman's guide to Protestant theology*, New York: Macmillan, 1955, p. 15-6. [Publicado em português com o título *Teologia protestante ao alcance de todos* (Rio de Janeiro: JUERP, 1986).]

⁷Reinhold SEEBERG, *The history of doctrine*, Grand Rapids: Baker, 1964, p. 211.

somente dois se recusaram a assinar. O resultado da votação não foi exatamente envolto em suspense.

Isso não quer dizer que o Concílio de Nicéia tenha solucionado todas as diferenças. O arianismo continuou a ter seus adeptos e os imperadores posteriores apoiaram a visão que lhes parecia mais oportuna a sua época. Mas, desse momento em diante, a ortodoxia cristã continuou a sustentar que Jesus era “verdadeiro Deus, de verdadeiro Deus”.

Quanto a ser ou não genuína a conversão de Constantino, é algo que merece reflexão e debate. Não sabemos se ele foi um adorador do Sol antes de sua “conversão”. E aparentemente seguiu tal adoração durante o resto de sua vida. Além de tudo, atribui-se a ele a padronização da adoração cristã com o estabelecimento do domingo⁸ como dia de culto. Ele sem dúvida se utilizou do cristianismo para fomentar seus objetivos políticos.

Mas será que ele inventou a divindade de Jesus? Antes daquele concílio, acreditava-se que Jesus não passava de um homem extraordinário? Não há o menor traço de comprovação histórica dessa idéia. A divindade de Cristo não apenas era um consenso entre os delegados, mas, como pode ser facilmente demonstrado, uma doutrina sustentada pela igreja séculos antes desse concílio se reunir.

Ao contrário da afirmação de Teabing em *O código Da Vinci*, ainda antes do concílio de 325 d.C., muitas pessoas acreditavam que Cristo era mais que um “profeta mortal”. Devemos separar alguns momentos para ler o legado

⁸O dia do deus Sol na cultura pagã. (N. do E.)

dos pais apostólicos: aqueles que conheceram os apóstolos e foram ensinados por eles. Então poderemos examinar os escritos da segunda e da terceira geração de líderes, cada um confirmando a seu modo a divindade de Jesus.

OS PAIS DA IGREJA

34 Permita-me apresentar alguém que ansiava morrer por Jesus. Essa era a atitude de Inácio, bispo de Antioquia, na Síria. Em 110 d.C., escreveu uma série de cartas a diversas igrejas enquanto era levado para ser martirizado em Roma. O ponto central de sua doutrina era a convicção de que Cristo era Deus encarnado. “Há um único Deus que se manifesta por meio de Cristo Jesus, seu filho.”⁹ Outra fonte é ainda mais específica: Inácio fala a respeito de Jesus como “Filho de Maria e Filho de Deus [...] Jesus Cristo, nosso Senhor”, e chama a Jesus “Deus encarnado”. Na verdade, chega a referir-se a ele como “Cristo Deus”.¹⁰ Lembre-se de que isso foi escrito completos duzentos anos *antes* do Concílio de Nicéia!

Dentre outros exemplos, figuram os seguintes:

- Policarpo de Esmirna, discípulo do apóstolo João, enviou uma carta à igreja de Filipos entre 112 e 118 d.C. Nessa carta, ele supõe que aqueles a quem a carta se dirige reconhecem a divindade de Jesus, sua

exaltação aos céus e posterior glorificação. Policarpo foi martirizado por volta de 160 d.C., dando testemunho de sua fé na presença de seus executores.¹¹

- Justino Mártir nasceu na Palestina e ficou impressionado com a capacidade que tinham os cristãos de enfrentar a morte de forma heróica. Quando ouviu o evangelho, converteu-se ao cristianismo e se tornou defensor da fé que amava. Disse que Cristo fora “filho e apóstolo de Deus Pai, e mestre de todos”.¹² Nasceu em torno de 100 d.C., sendo martirizado em 165 d.C.
- Ireneu tornou-se bispo de Lião em 177 d.C. Passou grande parte da vida combatendo a heresia do gnosticismo, o qual examinaremos no próximo capítulo. Dissertando sobre passagens como João 1.1, ele escreveu que “qualquer distinção entre o Pai e o Filho é inútil, pois o Deus uno fez todas as coisas por intermédio de sua Palavra”.¹³

A essa lista, poderíamos acrescentar mestres como Tertuliano (150-212) que, cem anos antes de Constantino, defendia que Cristo era completamente humano e completamente divino. Dezenas de outras obras, escritas nos primeiros séculos, provam que a igreja primitiva declarava a divindade de Jesus. Suas convicções estavam alicerçadas nas Escrituras do Novo Testamento, cuja autoridade já era aceita pela igreja.

⁹E. H. KLOTSCH, *The history of doctrine*, Grand Rapids: Baker, 1979, p. 18.

¹⁰Geoffrey BROMILEY, *Historical theology: an introduction*, Grand Rapids: Eerdmans, 1978, p. 4.

¹¹SEEBERG, *The history of doctrine*, p. 69.

¹²BROMILEY, *Historical theology*, p. 14.

¹³*Ibid.*, p. 20.

Durante os dois séculos e meio que *antecederam* o Concílio de Nicéia, a opinião quase universal da igreja era favorável à divindade de Cristo, tal qual ensinavam as Escrituras.

O TESTEMUNHO DOS MÁRTIRES

Quando nos lembramos das perseguições em Roma, encontramos mais provas de que a divindade de Cristo não foi idéia de Constantino. Se tivéssemos pertencido a uma pequena congregação na Roma dos séculos II e III, teríamos ouvido o seguinte anúncio: “O imperador [César Augusto] expediu nova ordem, determinando que todos os cidadãos romanos compareçam à cerimônia político-religiosa planejada para unificar a nação e reavivar o decaído patriotismo dentro do Império”. Os romanos acreditavam que, se alguém tivesse um Deus acima de César, não seria confiável durante uma emergência nacional como em, por exemplo, a guerra. Era ordenado que todos os bons cidadãos “adorassem o espírito de Roma e o talento do imperador”, conforme o texto do decreto. Na prática, essa cerimônia se resumia a queimar incenso e dizer: “César é Senhor”.

Por vezes, a perseguição era especificamente dirigida contra os que adoravam a Jesus. Todavia, na maior parte dos casos, César não se importava com o Deus que uma pessoa adorava. Após fazer a confissão anual obrigatória de que César era “Senhor”, a pessoa ficava livre para adorar o Deus que desejasse, incluindo-se Jesus. As congregações cristãs — e havia muitas delas — tinham de fazer uma escolha difícil: ou cumpriam sua obrigação de cidadão, ou enfrentavam uma cruel punição. Muitos cristãos assistiram a seus parentes e amigos serem atirados às feras

ou chacinados por gladiadores por se recusarem a confessar o senhorio de César.

Se Jesus fosse visto como uma dentre muitas opções, os cristãos poderiam oferecer lealdade a outras manifestações do divino. Por que não chegar a um denominador comum com o conjunto de todas as religiões? Isso não apenas teria favorecido a harmonia, mas também o bem comum do Estado. Assim, a escolha, em rigor, não era se os cristãos adorariam a Cristo ou a César, mas se adorariam a Cristo e a César.

Se você algum dia tiver a oportunidade de conhecer Roma, não deixe de visitar o Panteão: uma das mais antigas e belas construções ainda de pé hoje, concluída em 126 d.C. Uma obra prima de perfeição com um enorme domo hemisférico. Era considerado o “templo dos deuses” para Roma. Um lugar onde todos os diversos deuses da Antiguidade romana estavam dispostos. Cheio de estátuas e artefatos, era ali que ocorria a adoração das muitas religiões romanas.

Curiosamente, os pagãos não viam nenhum conflito entre a adoração ao imperador e a adoração a seus próprios deuses. O paganismo, tanto o antigo como o atual, sempre foi tolerante com outros deuses finitos. Afinal, se seu deus não é uma divindade suprema, não lhe resta escolha. É preciso admitir outros deuses e celebrar o esplendor da diversidade.

Mas os cristãos compreendiam algo com bastante clareza: se Cristo era realmente Deus, e eles assim criam — se era “verdadeiro Deus, de verdadeiro Deus” — não lhes era possível adorá-lo juntamente com outros deuses. Assim,

embora alguns se curvassem diante de César a fim de salvar a vida e a família, muitos — milhares deles — estavam dispostos a desafiar as autoridades políticas e pagar caro por seu comprometimento.

Após um tempo de intensa perseguição para quem declarava a divindade de Jesus, aconteceu o inesperado. O imperador decidiu que a perseguição aos cristãos deveria cessar. Para cumprir sua palavra, autorizou que uma estátua de Jesus fosse posta no Panteão para expressar sua boa vontade e provar que Jesus era agora considerado um deus legítimo, juntamente com os outros. Mas os cristãos disseram: “Muito obrigado, mas não queremos isso”. Eles compreendiam que a divindade de Jesus significava a impossibilidade de abrigá-lo sob o mesmo teto com deuses pagãos.

Quero apenas destacar que, séculos antes de Constantino, esses primeiros cristãos já tinham comprovado crer na divindade de Jesus. E, por suas convicções, passaram por represálias, perseguições e, muitas vezes, a morte. A afirmação de *O código Da Vinci*, segundo a qual Constantino “promoveu Jesus a divindade” é pura ficção.

Não é de admirar que a marca dos hereges nos tempos do Novo Testamento era a negação da encarnação. “... todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne procede de Deus; mas todo espírito que não confessa Jesus não procede de Deus” (1Jo 4.2,3). A convicção de que, em Cristo, Deus se fez homem era o cerne da fé dos primeiros cristãos.

O CONCÍLIO DE NICÉIA E O CÂNON DO NOVO TESTAMENTO

O código Da Vinci, assim como muitos textos ocultistas, afirma que Constantino e seus representantes decidiram

eliminar livros específicos do Novo Testamento, excluindo tudo o que se opusesse a sua teologia do domínio masculino e a seu esforço pela repressão sexual. Já citamos *sir* Leigh Teabing dizendo que mais de oitenta evangelhos foram apreciados na formação do Novo Testamento e que a Bíblia como a conhecemos foi compilada por Constantino.

Pude ler visão semelhante em *The Templar revelation* [*A revelação dos templários*], livro em harmonia com *O código Da Vinci* que alega apresentar a plausibilidade histórica desses acontecimentos. Os autores asseveram: “Em nossa opinião, a Igreja Católica jamais quis que seus membros soubessem do relacionamento entre Jesus e Maria. Eis o motivo de os evangelhos gnósticos jamais terem sido incluídos no Novo Testamento, razão também de a maioria dos cristãos nem saber que eles existem. O Concílio de Nicéia, ao rejeitar os muitos evangelhos gnósticos e votar para incluir somente Mateus, Marcos, Lucas e João, não dispunha de um mandato divino para perpetrar esse enorme ato de censura. Agiram visando à própria preservação, pois naquela época, no século IV, o poder de Madalena e seus seguidores já estava por demais difundido para que o patriarcado pudesse lidar com isso”.¹⁴

Mais adiante, examinaremos com detalhes a formação do cânon e a vida de Maria Madalena. Por ora, no entanto,

¹⁴Lynn PICKNETT & Clive PRINCE, *The Templar revelation: secret guardians of the true identity of Christ*, New York: Touchstone Books, Simons & Schuster, 1998, p. 261. [Publicado em português com o título *A grande heresia: o segredo da identidade de Cristo* (São Paulo: Beca, 2000).]

atente para o seguinte: os dados históricos sobre Nicéia não trazem prova alguma de que Constantino e os representantes tivessem sequer discutido os evangelhos gnósticos ou qualquer outra coisa a respeito do cânon. Por mais que tentasse, não achei uma única linha nos documentos sobre Nicéia que registrasse algum debate sobre os livros que deveriam ou não entrar no Novo Testamento. Praticamente tudo o que sabemos sobre Nicéia vem do historiador Eusébio. Ora, nem ele nem mais ninguém dá qualquer sinal de que tais assuntos tivessem sido debatidos. Vinte decretos foram promulgados em Nicéia, e o conteúdo de cada um deles ainda está disponível. Nem um único diz respeito ao cânon.

Por sorte, consegui rastrear a fonte desse engano. O barão D'Holbach, em *Ecce homo*, escreve: "A definição dos evangelhos autênticos e espúrios não foi debatida no primeiro Concílio de Nicéia. Essa história é fictícia".¹⁵ D'Holbach identifica Voltaire como a origem da ficção, mas, ao pesquisar mais profundamente, descobrimos uma fonte ainda mais antiga para esse boato.

Um documento anônimo chamado *Vetus synodicon*, escrito por volta de 887 d.C., tem um capítulo dedicado a cada concílio realizado até aquela data. Todavia, o compilador acrescenta detalhes ausentes nos registros históricos. Em seu relato sobre Nicéia, ele escreve que o concílio tratou de assuntos como a divindade de Jesus, a Trindade e o cânon. Ele diz: "Os livros canônicos e apócrifos foram diferenciados da seguinte maneira: na casa de Deus, os livros eram

colocados no chão, ao lado do altar sagrado. Então o conselho orava ao Senhor, pedindo que as obras inspiradas fossem encontradas em cima do altar, como de fato aconteceu".¹⁶ Está mais do que claro que isso não passa de lenda. Não há menção alguma de tais procedimentos nos documentos principais que dizem respeito a Nicéia.

Ainda que essa história fosse verdadeira, continuaria sem comprovação a afirmação de que o concílio rejeitou determinados livros do Novo Testamento por promoverem o feminismo ou a idéia de que Maria Madalena fora casada com Jesus. Esses assuntos simplesmente não entraram em debate.

Por falar em lendas, há outra em torno do *Credo de Nicéia*. Essa lenda conta que, após a morte dos dois bispos que não assinaram o credo, os pais da igreja, não querendo alterar o milagroso número 318 (supostamente o número de delegados presentes), depositou o credo sobre suas tumbas durante toda uma noite, "onde suas assinaturas foram miraculosamente acrescentadas".¹⁷ Esse tipo de superstição pululava na era medieval.

Mais adiante veremos que Constantino solicitou que cinquenta Bíblias fossem copiadas para as igrejas de Constantinopla. Mas é falsa a afirmação encontrada em *O código Da Vinci* de que Constantino manipulou as Escrituras ou excluiu determinados livros. É um bom lembrete de que as lendas são muitas vezes confundidas com os fatos, de tal

¹⁵<http://www.tertullian.org>

¹⁶Ibid.

¹⁷Ibid.

modo que chegam a suplantá-los. Quando se apresenta uma história sem consulta às fontes, pode-se escrever qualquer coisa que venha à mente. No panteão das falsificações, *O código Da Vinci* está bem ao lado das aparições de Elvis.

A HISTÓRIA SE REPETE

Já vimos que o governo oficial romano abominava o exclusivismo do cristianismo: a idéia de que Cristo era o único caminho para Deus. Os romanos ficavam encolerizados diante da simples menção de que Cristo estava acima dos outros deuses — ou, ainda, de que nenhum outro deus sequer existia. Para eles, era insuportável, tanto do ponto de vista político quanto religioso, a insistência cristã de haver um só redentor legítimo disposto a vir salvar a humanidade. Os romanos eram tolerantes com todos, menos com os intolerantes.

No próximo capítulo, veremos que outro poderoso ataque contra a fé cristã não veio da classe dominante, mas de fanáticos religiosos que queriam mudar a doutrina cristã. Apesar de o gnosticismo ser um movimento religioso e não político, partilhava das mesmas motivações do governo romano: não podia tolerar as afirmações exclusivistas feitas por Jesus. Os gnósticos, de maneira cínica, usaram o que lhes aprouve na fé cristã, negando o que consideravam doutrinas tacanhas ensinadas pela igreja primitiva.

Ao investigarmos o gnosticismo, verificaremos notáveis semelhanças com a busca pela espiritualidade encontrada hoje em dia. O gnosticismo convida seus seguidores a dividir a lealdade entre Jesus e as divindades conflitantes

inferiores. Afirma que nossa verdadeira necessidade não é o perdão, mas a auto-iluminação. Jesus, afirmam os gnósticos, pode ajudar-nos nessa empreitada, mas não é indispensável em nossa busca pela salvação.

O gnosticismo rejeita a conclusão de Nicéia, a menos, é claro, que todos sejamos vistos como divindades. Como os adeptos da Nova Era em nossos dias, os gnósticos acreditavam que cada pessoa pode encontrar Deus em sua vida. Não é de admirar que Paulo escrevesse: “Pois virá o tempo em que não suportarão a sã doutrina; ao contrário, sentindo coceira nos ouvidos, juntarão mestres para si mesmos, segundo os seus próprios desejos” (2Tm 4.3).

Acompanhe-me na investigação dos documentos gnósticos.

dois

Aquela outra Bíblia

Você sabia que há outra Bíblia à venda nas livrarias de sua cidade? Não estou me referindo a uma nova tradução da Bíblia, mas a uma versão completamente diferente: uma Bíblia com cerca de cinquenta livros. Alguns desses livros trazem nomes como *Evangelho de Tomé*, *Evangelho de Filipe*, *Evangelho de Maria* e *Evangelho da verdade*.

Seja bem-vindo à *Bíblia gnóstica*, que mantive aberta na minha frente enquanto escrevia este capítulo. Algumas pessoas gostam mais dessa Bíblia do que aquela com que estamos familiarizados. Gostam do que ela ensina sobre Deus, Cristo, a humanidade e a mulher. Essa Bíblia permite-nos transformar Deus no que quisermos que ele (ou ela) seja. Essa Bíblia aceita o sagrado feminino e o conhecimento esotérico pessoal. Enfim, estamos livres de

doutrinas coibitivas como o nascimento virginal, a divindade exclusiva de Jesus e sua ressurreição. Essa Bíblia é suficientemente ampla para abranger toda a nossa cultura, permitindo-nos crer no que desejamos.

Há um sentimento cada vez maior de que descobrimos um cânon alternativo, o qual nos apresenta um jeito diferente de “ser cristão”. Argumenta-se que os chamados evangelhos gnósticos trazem relatos da vida de Jesus e de seus ensinamentos mais confiáveis que os presentes nos evangelhos canônicos. Os evangelhos gnósticos, diriam algumas pessoas, representam melhor o cristianismo primitivo que aquela Bíblia com que a maioria de nós foi criado.

46 A introdução da *Bíblia gnóstica* diz: “Apresentamos estes textos como livros sagrados e escrituras sagradas dos gnósticos, formando assim, no todo, a literatura gnóstica sagrada”.¹ Desse modo, de par da nossa Bíblia clássica, temos agora textos “sagrados” que competem com ela.

Em *O código Da Vinci*, os evangelhos gnósticos fornecem a base histórica para o suposto casamento entre Jesus e Maria Madalena, aparentemente presente no *Evangelho de Filipe*. No romance, *sir* Leigh Teabing cita a passagem e fala: “Infelizmente, para os primeiros editores, um tema terreno particularmente perigoso vivia aparecendo nos evangelhos. Maria Madalena. [...] Mais especificamente,

¹Willis BARNSTONE & Marvin MEYER, *The gnostic Bible*, Boston/London: Shambhala, 2003, p. 19. Existem ainda outras traduções dos *Evangelhos gnósticos*, como a editada por James M. ROBINSON, *The Nag Hammadi Library* (3. ed., Leiden: Brill, 1988). [Recém-lançada em português, o livro *Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia* (São Paulo: Novo Século, 2004) contém todos os evangelhos gnósticos mencionados nesta obra. (N. do R.)]

o casamento dela com Jesus Cristo”.² Mais adiante no romance, o *Evangelho de Maria* é citado para demonstrar que Jesus tencionava que Maria Madalena se tornasse a líder da igreja.

Visto que o tal casamento entre Jesus e Maria Madalena é o cerne de *O código Da Vinci*, examinaremos essa questão com mais detalhes no capítulo seguinte. Por ora, quero apenas fazer uma rápida apresentação dos evangelhos gnósticos, a fim de compreendermos melhor suas origens e doutrinas.

A palavra *gnóstico* origina-se do grego *gnosis*, que significa “conhecimento”. A palavra é utilizada, mais exatamente, com o sentido de conhecimentos ocultos acessíveis somente aos iluminados. Os gnósticos acreditavam compartilhar de experiências espirituais secretas que lhes punham em posição privilegiada para interpretar a religiosidade do mundo. Sua versão do cristianismo era, dentre outras coisas, feminista. Deus é às vezes descrito como um ser andrógino, ou seja, com características tanto masculinas quanto femininas. Alguns desses textos descrevem ritos sexuais, outros fazem referências confusas a ensinamentos sobre Jesus e seus discípulos. Naturalmente, esses textos são usados na literatura feminista na tentativa de redefinir o cristianismo, revelando a “verdadeira história” por trás de suas origens.

“Dezenas de textos cristãos já foram considerados sagrados, depois, heréticos e, por fim, esquecidos. Por que estamos voltando a procurá-los?”³ Essa dúvida foi apresentada na

²P. 261.

³David van BIEMA, *The lost Gospels*, *Time*, 22 dez. 2003, p. 56.

revista *Time*, cuja matéria de capa tratava desses evangelhos. Lemos ali que esses evangelhos “preenchem uma necessidade evidente de visões alternativas da história cristã, tanto por parte de prosélitos da Nova Era como por parte de fiéis heterodoxos incomodados com algumas restrições teológicas em sua fé”.⁴ O artigo afirma que alguns grupos de estudo de igrejas estão lendo esses evangelhos alternativos e descobrindo que estão em harmonia com o atual espírito de tolerância, endossando a religião do tipo “faça você mesmo”.

48

Visto que a Bíblia — a tradicional — sobreviveu ao teste do tempo e os discípulos sobreviveram ao teste da história e da arqueologia, não seria minimamente justo passarmos a *Bíblia gnóstica* pelo mesmo exame histórico recebido pela Bíblia mais conhecida? Infelizmente, isso é ao mesmo tempo mais difícil e mais fácil. É mais difícil porque a *Bíblia gnóstica* não traz referência alguma a rios, vales ou seqüências de acontecimentos específicos, como faz a Bíblia tradicional. Na maior parte, os evangelhos gnósticos não têm nenhuma pretensão de ser um registro fidedigno de qualquer fato. São mais exatamente meditações de vários mestres. Na verdade, como veremos mais adiante, os escritores gnósticos não acreditavam que os fatos históricos fossem realmente relevantes à busca espiritual.

Não obstante, é fácil fazer uma crítica desses evangelhos, visto que sabemos bastante sobre os gnósticos e seu *modus operandi* para pôr em dúvida sua confiabilidade. Falando

⁴Ibid., p. 56.

de forma gentil, não há motivo para aceitar o valor histórico dos evangelhos gnósticos. Seu mérito se restringe a informar sobre a crença dos gnósticos, embora não tragam mais informações sobre Jesus, Maria Madalena ou o cristianismo primitivo.

No entanto, considerando o fato de esses evangelhos serem constantemente citados em *O código Da Vinci*, além de amplamente utilizados em diversas interpretações ocultistas do Novo Testamento, precisamos observar mais atentamente sua origem e conteúdo. Travamos assim uma batalha por nada menos que a verdadeira Bíblia.

DESCOBRINDO OS ESCRITOS GNÓSTICOS

Em 1945, no Egito, um camponês que cavava em busca de fertilizantes encontrou um jarro de cerâmica vermelha. Imaginou ter achado ouro, mas, como alguém já disse, na verdade achou algo muito mais precioso que ouro. Dentro do jarro havia treze rolos de papiro, envoltos em couro, escritos em copta. Ainda que alguns manuscritos estivessem queimados ou estragados, muitos estavam intactos. É lógico que ninguém sabe quando foram enterrados, mas as datas de origem dos originais vão de 150 d.C. ao século IV ou V. Especialistas traduziram esses documentos para os idiomas modernos, de modo que nós mesmos pudéssemos lê-los. Todos esses escritos, juntamente com outros de origem chinesa e judaica, são encontrados na *Bíblia gnóstica*.

Um rápido histórico se faz necessário. Os gnósticos eram um grupo de pensadores grandemente influenciados por Platão. Discordavam entre si em muitos assuntos, tornando

49

difícil resumir suas crenças exatas em poucas frases. Basta dizer que a maioria negava a idéia de um Deus tornando-se carne, pois a matéria era considerada má e, com base nisso, Deus não podia tornar-se homem. Especulavam sobre a origem do mal e seu relacionamento com a criação. Afirmavam que o homem deve achar seu próprio caminho para a salvação, e seu problema não é o pecado, mas, sim, sua *necessidade de autoconhecimento*.

Alguns gnósticos aceitavam abertamente uma divindade que era tanto feminina quanto masculina. Quase todos negavam a ressurreição física de Jesus. Alguns chegavam a ensinar que Jesus não morrera na cruz, mas outro homem tomou seu lugar. Embora discordassem sobre o modo de alcançar a salvação, concordavam em que estava a nosso alcance. A redenção, para eles, podia ser alcançada pelo encontro direto com o divino, sem nenhuma mediação de Cristo ou da igreja.

Como era de esperar, os ensinamentos gnósticos têm sido conhecidos e estudados desde o início de nossa era. Por sinal, Ireneu escreveu no século II o livro *Contra as heresias*, no qual desmascara os ensinamentos gnósticos e apresenta as razões para os cristãos os considerarem hereges. Assim, de certa forma, os documentos atuais trazem muito pouco de novo. Novidade é a fascinação popular por esses textos por causa do ambiente religioso dos Estados Unidos. Citando Marcus Borg, autor de *The heart of Christianity [A essência do cristianismo]*: “Há grande interesse nas divergências entre os primeiros cristãos porque muitas pessoas que saíram da igreja e algumas que ainda estão nela buscam outra forma de ser cristãos”.⁵

⁵Ibid., p. 56.

UMA AVALIAÇÃO DA BÍBLIA GNÓSTICA

Façamos juntos um passeio pela *Bíblia gnóstica*. Como já vimos, alguns dos livros trazem nomes com os quais estamos familiarizados: *Evangelho de Pedro*, *Evangelho de Maria*, *Evangelho de Filipe* e *Evangelho de Tomé*. Logo, independentemente do que sejam esses “evangelhos”, não há dúvida de que os autores tentaram passar a nítida impressão de que se baseavam em fontes cristãs.

Mas até que ponto essas fontes são confiáveis?

Autoria espúria

Para começo de conversa, nem mesmo o pesquisador mais radicalmente liberal acredita com seriedade que o *Evangelho de Tomé* tenha sido escrito pelo Tomé do Novo Testamento, ou que o *Evangelho de Filipe* tenha sido escrito pelo Filipe do Novo Testamento. Pode-se afirmar o mesmo dos outros evangelhos gnósticos que ostentam o nome de apóstolos. Como poderemos ver, as datas dos documentos e os locais em que foram escritos demonstram terem sido não mais que meramente atribuídos aos apóstolos. Isso tinha por finalidade emprestar-lhes credibilidade, dando assim a impressão de serem uma versão remota do cristianismo.

A igreja primitiva rejeitava completamente qualquer livro escrito sob pseudônimo, ou seja, por alguém usando o nome de um apóstolo a fim de ganhar credibilidade. O apóstolo Paulo, já a par desses escritos em sua época, escreveu: “Irmãos, quanto à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com ele, rogamos a vocês que não se deixem abalar nem alarmar tão facilmente, quer por profecia,

quer por palavra, quer por carta supostamente vinda de nós, como se o dia do Senhor já tivesse chegado” (2Ts 2.1,2). Os hereges, já naquela época, escreviam cartas usando o nome de Paulo. Tais fraudes não condizem com a inspiração divina creditada aos documentos do Novo Testamento.

Um dos motivos pelos quais a segunda epístola de Pedro era rejeitada por algumas pessoas na igreja primitiva eram as dúvidas sobre Pedro ser de fato seu autor.

Aqui não é lugar para tratarmos dos motivos de tal controvérsia, mas podemos dizer que Orígenes, por volta de 240 d.C., afirmou que tal epístola era contestada, sem no entanto rejeitá-la. Eusébio, que já tivemos oportunidade de conhecer, também o incluiu em uma lista de livros contestados, mas não o deixou de fora do cânon. Caso tivesse sido escrito por outro autor, ele provavelmente não teria começado com a saudação: “Simão Pedro, servo e apóstolo” (2Pe 1.1). Pedro, mais que qualquer outro autor que quisesse usar seu nome para atribuir autoridade ao livro, teria maior tendência a referir-se a si mesmo como Simão.

Ademais, suas doutrinas estão de acordo com os outros livros do Novo Testamento. Tal concordância é mais um sinal positivo de sua canonicidade. A natureza pessoal de sua experiência também confirma que o livro foi escrito por Pedro, discípulo de Jesus. A história demonstrou a sabedoria da igreja em incluir esse livro em seu cânon. Nenhum livro, cuja autoria fosse considerada espúria, teria sido aceito no cânon sagrado.

Acredito não haver dificuldades para concordar que qualquer escritor, ao atribuir sua obra a alguém mais famoso com o fito de conseguir aceitação, não inspira confiança

alguma. Discordo de John Dominic Crossan, da DePaul University. Em recente especial de televisão, ele afirmou tratar-se apenas de um procedimento convencional que objetivava atingir um público maior, sugerindo que não era antiético os autores usarem um pseudônimo famoso.⁶ Essa prática até poderia ser aceita entre os gnósticos, mas, se a Bíblia é a palavra de Deus, algo de que muitos de nós estão convencidos, um texto inspirado jamais aprovaria tal ardil, ainda que fosse prática comum.

Podemos ler no Antigo Testamento: “As palavras do SENHOR são puras, são como prata purificada num forno, sete vezes refinada” (Sl 12.6; grifo do autor). E no Novo Testamento Paulo escreveu: “Também agradecemos a Deus sem cessar o fato de que, ao receberem de nossa parte a palavra de Deus, vocês a aceitaram, não como palavra de homens, mas conforme ela verdadeiramente é, como palavra de Deus, que atua com eficácia em vocês, os que crêem” (1Ts 2.13). É inconcebível que essa Palavra de Deus pudesse se valer de um engodo.

As datas tardias dos livros

Esses textos gnósticos não foram escritos por testemunhas oculares dos fatos do Novo Testamento. Mesmo estudiosos que preferem atribuir credibilidade a esses documentos afirmam que a data mais antiga não se situa antes de 150 d.C. São pelo menos cem anos ou, mais provavelmente, 150 anos

⁶*Banned from the Bible*, especial do *History Channel*, 25 dez. 2003.

após a época da crucificação de Jesus. Como já disse, outros textos têm sido atribuídos aos séculos IV, V ou mesmo VI — muitas centenas de anos depois dos dias de Jesus.

Cada livro presente na *Bíblia gnóstica* traz uma rápida introdução escrita por algum estudioso contemporâneo. Embora saibamos que o *Evangelho de Tomé* pode ter sido escrito no século I (outros especialistas consideram sua origem muito mais recente), lemos que o *Evangelho de Filipe* foi provavelmente “escrito no século III e, possivelmente, na Síria”.⁷ Considera-se que o *Evangelho de Maria* foi provavelmente escrito no século II.⁸ A questão é a seguinte: alguns desses evangelhos foram escritos diversos séculos após a crucificação de Jesus. Compare isso com os evangelhos canônicos, escritos por testemunhas oculares e escritos antes de 70 d.C. (apesar de o evangelho de João provavelmente não ter sido completado antes de 95 d.C.).

Se você tivesse escolha, em que descrição de Abraham Lincoln acreditaria? Na formulada por seus contemporâneos ou na de pessoas que, 150 anos após sua morte, tecem conjecturas sobre sua vida privada e filosofia política? Ainda mais quando esses especuladores estão decididos a pôr as próprias teorias políticas na boca de Lincoln.

O conteúdo dos livros

Se você ler os evangelhos gnósticos, não ficará impressionado com semelhanças entre eles e o Novo Testamento, mas,

sim, com as mais incríveis discrepâncias. Esses evangelhos não são apenas desprovidos de conteúdo histórico, mas chegam a ser *anti*-históricos. Contêm pouco conteúdo narrativo e nenhum senso cronológico. Não demonstram interesse algum em pesquisa, geografia ou contexto histórico. Não trazem nenhuma pretensão de estar em harmonia com os evangelhos canônicos. Apresentam algumas citações e alusões ao Jesus do Novo Testamento, juntamente com muitas frases absurdas atribuídas a ele.

Para provarmos um pouco de alguns desses livros, veja as seguintes sentenças atribuídas a Jesus no mais famoso dentre os evangelhos gnósticos, o *Evangelho de Tomé*:

Jesus [Yeshua] disse: “Bem-aventurado o leão a quem o homem consome; torna-se o leão homem. Maldito o homem a quem o leão consome; torna-se o leão homem”.

Jesus [Yeshua] lhes disse: “Quando fizerem do dois um e quando fizerem o interior como o exterior, o exterior como o interior, o acima como o embaixo, e quando fizerem do macho e da fêmea uma só coisa, de forma que o macho não seja mais macho nem a fêmea seja mais fêmea, e quando formarem olhos em lugar de um olho, uma mão em lugar de uma mão, um pé em lugar de um pé e uma imagem em lugar de uma imagem, então entrarão no Reino”.

Jesus [Yeshua] disse: “Aquele que conseguiu compreender o mundo encontrou uma carcaça, e daquele que encontrou uma carcaça o mundo não é digno”.⁹

⁷*The Gnostic Bible*, p. 259.

⁸*Ibid.*, p. 478.

⁹P. 46, 51 e 57.

Parece realmente Jesus falando?

Os evangelhos gnósticos contêm conceitos especulativos. A maioria poderia ter sido elaborada a despeito da vinda de Jesus Cristo. Muitas das citações presentes no *Evangelho de Tomé*, por exemplo, poderiam ter sido proferidas por qualquer líder religioso ou pretense profeta. Os gnósticos, no entanto, a fim de autenticar suas especulações, procuravam vincular suas doutrinas a Jesus e aos apóstolos. Em conseqüência, aproveitavam-se de algumas palavras de Jesus, mas desprezavam completamente sua obra de redenção. O que importavam eram as idéias, não os acontecimentos.

56

Como alguém já disse, é simplesmente mentira que o gnosticismo represente o movimento cristão primitivo, mais tarde usurpado pelos primeiros líderes da igreja (tal qual Constantino), os quais impingiram sua versão do cristianismo por razões políticas. A idéia de Jesus desejar que Maria Madalena fosse a líder da igreja, com a adoração do sagrado feminino, bem como a informação de que suas intenções foram suprimidas por dirigentes da igreja ávidos pelo poder, apegados a dogmas e avessos ao sexo, é negada por dezenas de documentos antigos e averiguáveis, como será demonstrado mais adiante neste livro.

Longe de ser uma versão autêntica do cristianismo, o gnosticismo era um parasita que tentava vincular seus conceitos platônicos ao incipiente e popular movimento cristão. Temos todos os motivos para crer que a igreja primitiva estava correta em insistir que o gnosticismo era uma corrupção da verdade original, e não uma fonte legítima e

imparcial de informações sobre Jesus e a fé cristã. A concepção atual de que os gnósticos foram vítimas do cristianismo, sendo então absorvidos por uma igreja ávida por poder, é simplesmente mentirosa.

No capítulo 6, examinaremos com mais detalhes os motivos de não podermos conciliar o gnosticismo com o cristianismo histórico. Verificaremos que são, na verdade, abordagens completamente diferentes da busca religiosa. Por ora, basta observar que os documentos do Novo Testamento não registram apenas os ensinamentos de Cristo, mas principalmente o que Jesus *fez*. Ele não veio para apenas ensinar, mas — o que é mais importante — para morrer na cruz em um sacrifício pessoal pelos pecadores, ressuscitando ao terceiro dia para confirmar suas afirmações. Em outras palavras, o cristianismo é uma religião histórica, com suas raízes em fatos específicos e verificáveis. O gnosticismo é uma teoria baseada em idéias — conflitantes, devo acrescentar —, sem nenhuma fundamentação em fatos com locais e épocas específicos.

Por falar nisso, é importante não confundir os evangelhos gnósticos com os livros chamados apócrifos.¹⁰ Estes são encontrados nas versões católicas da Bíblia e ausentes das protestantes. Na maior parte, estes livros adicionais foram escritos antes do tempo de Cristo. Ganharam credibilidade ao ser incluídos por Jerônimo na *Vulgata*, a tradução latina

57

¹⁰Os apócrifos (*Tobias, Judite, Baruque, Sabedoria, Eclesiástico, 1 e 2 Macabeus* - além de alguns acréscimos feitos em Daniel [caps. 13 e 14]) são todos livros escritos em grego, referentes ao Antigo Testamento. Não dizem respeito, portanto, ao Novo Testamento e a seu cânon (N. do R.)

das Escrituras. Não dispomos de tempo ou espaço para debater se são ou não textos inspirados, portanto basta deixar claro que os apócrifos em nada se relacionam com os textos gnósticos.

VERSÕES DA HISTÓRIA

Podíamos passar mais tempo examinando os evangelhos gnósticos; o que não deixaremos de fazer no próximo capítulo. Por ora, cabe perguntar: por que há o desejo cada vez maior de aceitar esses textos? Vivemos na era pós-moderna, na qual alguns historiadores afirmam que a história já não deve ser a busca de fatos objetivos, mas, sim, da interpretação desses fatos. A história, dizem eles, devia ser revisada com o fim de reforçar a auto-estima e promover intenções politicamente corretas.

Com base nessa mentalidade, a história pode ser moldada conforme o desejo do indivíduo, a fim de alcançar os objetivos desejados. Os registros do passado devem ser esmiuçados, editados e modificados para se amoldarem a nossa época. Esse foi o motivo de um escritor pós-moderno dizer que devemos fazer a sociedade reagir à “história imaginária do passado”.¹¹ Em outras palavras, o esforço de descobrir os fatos deveria ser abandonado a favor de histórias de valor psicológico.

Em *O código Da Vinci*, sir Leigh Teabing, o especialista no Graal, diz que “a história sempre é escrita pelos vencedores. Quando duas culturas entram em conflito, o perdedor é obliterado, e o vencedor escreve a história — livros

que glorificam sua própria causa e menosprezam a do inimigo perdedor. Como Napoleão disse certa vez: ‘O que é história, senão uma fábula sobre a qual todos concordam?’”¹² Se Napoleão estava certo, chegamos à conclusão lógica de que a pesquisa história é desnecessária e contraproducente. Em um mundo assim, a ficção transforma-se em história. Precisamos apenas achar uma mentira com que concordemos e seguir com ela.

Essa ânsia por aceitar os evangelhos gnósticos não se baseia em pesquisa histórica séria, mas em um compromisso prévio com o feminismo e no desejo de ter um Jesus mais parecido conosco. E, como seria de esperar, no conceito de que a comunhão com Deus é alcançada por meio do êxtase sexual encaixa-se perfeitamente à obsessão pelo sexo de nossa era moderna. Uma mentira que alguns escolheram abraçar.

O famoso estudioso do Novo Testamento Raymond Brown (sem relação alguma com Dan Brown) disse que nesses evangelhos “não vemos nem um único novo fato verificável sobre o ministério do Jesus histórico, e no máximo umas poucas novas frases que poderiam ter sido ditas por ele”.¹³

Sobre *O código Da Vinci*, o escritor católico Andrew Greeley disse: “Trata-se de um livro interessante. Com certeza, uma vez iniciada a leitura, o leitor não pára até seu encerramento. No entanto, o leitor devia refletir sobre quanto disso é fantasia. Eu diria que praticamente o livro todo é uma grande fantasia. De tempos em tempos, surge um novo

¹²P. 273.

¹³The Gnostic Gospels, *The New York Times Book Review*, 20 jan. 1980, p. 3.

¹¹Esse comentário de Traian Stoianovich foi citado em *The death of truth*, de Dennis McCallum (Minneapolis: Bethany, 1996, p. 139).

livro que promete contar quem Jesus realmente era e/ou como a igreja escondeu o “verdadeiro” Jesus durante dezoito séculos. De certo modo, nenhum deles se vale de uma pesquisa história séria”.¹⁴

CONHEÇA UM HISTORIADOR

60 Quando abrimos o Novo Testamento, ficamos impressionados com a diferença entre ele e os evangelhos gnósticos. A diferença é, quase literalmente, a existente entre as trevas e a luz. O escritor Lucas, por exemplo, apresenta a metodologia utilizada em seu trabalho histórico. Ele detalhou o que os historiadores costumavam fazer quando os fatos eram relevantes.

Ao ler a Bíblia, você descobrirá que a Palavra de Deus chegou até nós de diversas formas. Algumas vezes Deus falava diretamente com os profetas, revelando coisas que não tinham como ser conhecidas de outra forma. Outras vezes ele mesmo escrevia as palavras, como no caso dos Dez Mandamentos. Todavia, Deus também se utilizou de recursos naturais, como no caso de Lucas, cujo livro foi escrito após cuidadosa pesquisa.

No parágrafo de abertura, Lucas explica como seu livro foi escrito:

Muitos já se dedicaram a elaborar um relato dos fatos que se cumpriram entre nós, conforme nos foram transmitidos por aqueles que desde o início foram testemunhas oculares

e servos da palavra. Eu mesmo investiguei tudo cuidadosamente, desde o começo, e decidi escrever-te um relato ordenado, ó excelentíssimo Teófilo, para que tenhas a certeza das coisas que te foram ensinadas (Lc 1.1-4).

Lucas realizou uma *investigação cuidadosa*. É como se ele tivesse dito: “Estou escrevendo a maior história do mundo, e isso merece a melhor pesquisa que eu possa realizar”. Embora outros tivessem escrito sobre Cristo, e Lucas não despreza esses relatos (aliás, deve ter se beneficiado das pesquisas neles conduzidas), ele estava decidido a escrever com grande cuidado e atenção aos detalhes.

E como ele fez sua pesquisa? Em primeiro lugar, Lucas menciona as fontes e os documentos utilizados. Mesmo que essas fontes já existissem, queria escrever ele mesmo um relato sobre Jesus, visto que toda grande personalidade merece mais de uma biografia. Faz referência então a testemunhas oculares que estavam disponíveis para a verificação de detalhes. Lucas era médico, logo faz sentido que tenha efetivamente conversado com Isabel e Maria sobre o nascimento de seus filhos.

Lucas foi companheiro de Marcos e, mais tarde, do apóstolo Paulo. Dessa forma, podia fazer perguntas que esclarecessem e verificassem os fatos. Como Lucas menciona outras testemunhas oculares presentes “desde o início”, estava em posição de pesquisar a história toda.

Quando afirma que verificou os fatos cuidadosamente (da palavra grega *akribos*), quer dizer que se manteve concentrado na exatidão da tarefa. O bom historiador não aborda sua história com um conceito preconcebido; não começa

¹⁴Da Vinci is more fantasy than fact, resenha literária, *National Catholic Reporter*, 3 out. 2003.

seu trabalho procurando adequar a história a seu gosto pessoal. Ele segue os fatos até onde o levarem.

Em seguida, Lucas *organizou seu material segundo certas características*. Afirmou querer escrever um “relato ordenado” dos acontecimentos. Sua organização nem sempre foi cronológica: vez ou outra, organizou seu material conforme o tema. Algumas vezes agrupou os fatos para tornar o material mais compreensível. Todavia, de forma geral, seguiu a cronologia dos fatos, juntando o que se relacionava mutuamente, a fim de que Teófilo pudesse ter melhor compreensão da história. E o mais importante é que há uniformidade e coerência em seu relato; há uma progressão lógica.

Por fim, escreveu *de modo que o leitor pudesse tomar uma decisão inteligente baseada no material*. Não sabemos muito sobre Teófilo (cujo nome significa *aquele que ama a Deus*), mas parece claramente alguém de destaque, visto que Lucas se refere a ele como “excelentíssimo Teófilo”. Somos gratos por Lucas ter escrito a ele e, com efeito, a todos nós sobre a maravilhosa história de Jesus.

Ao escrever a seu amigo, deixou claras suas intenções: “para que tenhas a certeza das coisas que te foram ensinadas”. Escreveu abertamente, pois sabia que seu amigo precisava ter *certeza* (do grego *asphaleia*). Ao pé da letra, a palavra grega significa alguém “capaz de sustentar-se em local firme”, evitando assim cometer algum erro nesses assuntos de tão grande importância. O objetivo da carta era dissipar qualquer dúvida que Teófilo tivesse, pois, naquele momento, o homem provavelmente ainda não era cristão.

Será que Lucas era capaz de ser um historiador imparcial? É lógico que sim. Ele nutria convicções profundas sobre o que escrevia? Sim. E isso o desacredita? Não mais do que seria desacreditado um sobrevivente do Holocausto ao descrever o que passou, visto que escreve com a convicção e o desejo de informar as pessoas sobre coisas importantes.

Então, até que ponto Lucas era um historiador fidedigno? Ele ainda escreveu Atos dos Apóstolos, repleto de pormenores históricos: cidades, mares, navios e detalhes geográficos. Sir William Ramsey, célebre historiador e arqueólogo do século XIX, esforçou-se por demonstrar que a história de Lucas estava cheia de erros. Após toda uma vida de trabalho e estudos, porém, ele escreveu: “A história de Lucas é insuperável quanto a sua fidedignidade”.¹⁵ Sua avaliação também é confirmada pela arqueologia moderna.

A ESCOLHA DIANTE DE NÓS

Por que alguém preferiria os evangelhos gnósticos em lugar dos relatos verificáveis encontrados nos livros canônicos? A resposta só pode ser encontrada no espírito da época: o anseio pela diversidade doutrinária, a pressão do feminismo e a obstinada insistência de que podemos ter uma experiência direta com Deus sem contemplarmos a pessoa de Cristo. Somente esse desejo de “estar na moda” pode explicar o fato de as pessoas se precipitarem estupidamente rumo às intrincadas doutrinas da *Bíblia gnóstica*.

¹⁵ *The bearing of recent discovery on the trustworthiness of the New Testament*, reed., Grand Rapids: Baker, 1953, p. 81.

Se a historicidade do Novo Testamento não fosse superior à dos evangelhos gnósticos, todos os esforços em defesa do cristianismo já teriam desmoronado há muito tempo. A revista *Time* está certa quando diz: “Os textos recuperados também suprem o cada vez mais voraz apetite por espiritualidade mística nos Estados Unidos”.¹⁶ As pessoas estão buscando um relacionamento com Deus que não esteja vinculado a doutrinas ou religião formal. Buscam um cristianismo alternativo que consiga associar a reinterpretação de Jesus com discernimentos esotéricos, mais o melhor das outras religiões.

Elaine Pagels, que escreveu um livro resumindo as doutrinas dos evangelhos gnósticos, admite que esses textos são atraentes para quem busca a espiritualidade. Isso ocorre porque eles “trazem ecos do budismo e de Freud, com um ainda maior apreço pelo papel da mulher”.¹⁷ Nesses documentos, ela afirma haver encontrado um “cristianismo menos em harmonia com crenças dogmáticas, como o nascimento virginal e mesmo a divindade de Cristo, além de maior concordância com a salvação por intermédio de uma experiência espiritual contínua”.¹⁸

O Jesus de *O código Da Vinci* não é um salvador; foi relegado ao papel de homem. Quiçá um homem até mesmo extraordinário, mas, apesar de tudo, um homem. De acordo com os gnósticos, ele é apenas uma dentre as muitas emanações de Deus. Todavia, no Novo Testamento, vemos

um retrato completamente diferente de um homem divino, capaz de selar a brecha existente entre Deus e nós.

Voltaremos ao gnosticismo no capítulo 6 para demonstrar as razões por que não podemos classificá-lo como outra forma de cristianismo. O Jesus gnóstico e o Jesus do Novo Testamento são radicalmente distintos. E nosso destino eterno depende de saber diferenciá-los.

Entrem pela porta estreita, pois larga é a porta e amplo o caminho que leva à perdição, e são muitos os que entram por ela. Como é estreita a porta, e apertado o caminho que leva à vida! São poucos os que a encontram (Mt 7.13,14).

¹⁶P. 56.

¹⁷*Time*, p. 57.

¹⁸*Ibid.*

três

Jesus, Maria Madalena e a busca pelo Santo Graal

Esse romance, *O código Da Vinci*, traz esse nome em virtude da afirmação de que Leonardo da Vinci foi membro do Priorado de Sião. O Priorado era um pequeno bando de conspiradores que sabia a verdade sobre o casamento de Jesus e Maria Madalena. No entanto, por causa da oposição da igreja, esse explosivo segredo precisava ser escondido. A fim de escapar à ira do Vaticano, os membros do Priorado teriam codificado seu estimado conhecimento em pinturas, livros e obras arquitetônicas, de forma que apenas os iniciados pudessem decifrar o significado. No livro, como seria de esperar, a poderosa organização católica Opus Dei está determinada a intimidar o Priorado, esforçando-se para abafar os fatos que destruiriam o cristianismo como o conhecemos.

Desse modo, continua o livro, podemos encontrar mensagens ocultas nas pinturas de Leonardo

da Vinci. Aliás, suas pinturas trazem a prova codificada de que Da Vinci sabia que Jesus era casado com Maria Madalena e que ela, não um cálice, era o Santo Graal. Lemos ainda que “o casamento de Jesus e Maria Madalena faz parte dos registros históricos”.¹

Mas será mesmo?

Responderemos a essa dúvida neste capítulo, à medida que formos debatendo diversas outras questões: teria Leonardo pintado Maria Madalena, e não João, em *A Última Ceia*, sua obra-prima? Seria a própria Maria Madalena o Santo Graal? O que dizer das evidências históricas que vinculam os dois em um relacionamento especial? E, por fim, seria possível que Jesus tivesse sido casado?

LEONARDO, A ÚLTIMA CEIA E MARIA

Leonardo foi um filho bastardo, que, de acordo com o diário de seu avô, nasceu em 15 de abril de 1452, um sábado, em Vinci, vilarejo que distava cerca de trinta quilômetros a oeste de Florença. (Portanto, “Da Vinci” não é seu sobrenome, mas uma referência ao vilarejo em que nasceu.) Esse jovem precoce foi levado para Florença, onde se tornou aprendiz de um dos mestres pintores. O entusiasmo de Leonardo era tal, que ele trabalhava de sol a sol para aprender seu ofício. Não causa surpresa que Leonardo estivesse seguro de que a pintura era a mais elevada vocação humana. Acreditava que se deve pintar “tudo o que o olho pode ver”. Além disso, passava seu tempo vago projetando brocas, guindastes e equipamentos militares.

¹P. 262.

Não dava a menor importância à religião, a não ser como veículo para sua expressão artística.

Achando que seu mentor em Florença não lhe dava o devido valor, Da Vinci apelou a Ludovico, o duque de Milão, perguntando se seus serviços não poderiam beneficiar o duque. Foi lá que Da Vinci passou vinte anos de sua vida. Em 1495, Ludovico encarregou Leonardo de pintar *A Última Ceia* para o refeitório do mosteiro dominicano na cidade de Santa Maria da Graça, a fim de que os monges tivessem algo agradável para ver enquanto comiam.

Em *O código Da Vinci*, lemos que Leonardo, que estava por dentro do segredo, na verdade pintou Maria Madalena, e não João, à direita de Jesus em seu retrato da Última Ceia. Além disso, não há cálice algum sobre a mesa porque Leonardo queria que as pessoas compreendessem que Maria era o cálice, o Santo Graal. Robert Langdon, uma das principais personagens do romance de Brown, afirma que a presença de Maria na tela representa “o sagrado feminino e a deusa, o que, naturalmente, se perdeu nos dias de hoje, praticamente eliminado pela igreja”.²

Em seu livro *Humanists and reformers: a history of the Renaissance and Reformation [Humanistas e reformadores: uma história sobre a Renascença e a Reforma]*, Bard Thompson afirma que a pintura de Da Vinci é uma obra de teor psicológico, visto que ele não está interessado em doutrinas, como a da ceia do Senhor. Em vez disso, Leonardo está interessado no impacto da traição de Judas. Ao observarmos a pintura, podemos ver a expressão aturdida no rosto de cada discípulo depois de Jesus anunciar que um deles

²Ibid., p. 255.

o trairia. Judas é o único que não se surpreende. Encolhe-se nas sombras e come nervosamente.³

Se já faz algum tempo que você viu uma réplica de *A Última Ceia*, ache alguma e você concordará que João, sentado à direita de Jesus, realmente apresenta uma aparência efeminada. Mas Bruce Boucher do Instituto de Artes de Chicago discorda da interpretação de Dan Brown, considerando-a “um exagero e tanto”. “A criação de Leonardo, na verdade, aponta em outra direção. Confirma a descrição florentina tradicional da Última Ceia, enfatizando a traição e o sacrifício, em lugar do cálice e da instituição do sacramento”,⁴ continua Boucher. Ele ainda acrescenta que essa representação de João condiz com outros retratos de origem florentina. Talvez pudéssemos observar que a figura não tem nenhum sinal de seios. Jack Wasserman, professor aposentado de História da Arte na Temple University, simplesmente diz: “Quase tudo que Dan Brown afirma sobre Leonardo está errado”.⁵

Mas isso leva-nos a explorar a seguinte questão: “Em que consistia a busca pelo Santo Graal, e de que provas dispomos para garantir que Maria Madalena era o cálice que guarda o sangue de Cristo?”.

A BUSCA PELO SANTO GRAAL

Ninguém sabe o que aconteceu com o cálice em que Jesus bebeu na noite em que instituiu a ceia do Senhor. Lendas

afirmam que foi dado a José de Arimatéia, mas não podemos ter certeza disso. O que realmente sabemos é que, no século XII, circulavam histórias sobre o cálice, chamado Santo Graal, o qual, acreditava-se, teria poderes mágicos.

Tais lendas, na verdade, baseavam-se em superstições celtas sobre o cálice como símbolo de transformação e renovação espiritual. Aliás, muitas dessas lendas podem ser encontradas na mitologia grega anterior aos tempos de Cristo. Imaginava-se que determinados cálices e caldeirões podiam trazer conhecimentos secretos e benefícios espirituais para quem os possuísse. Desse modo, esses objetos passaram a ser associados à adivinhação e a várias práticas ocultas.

Tais lendas foram associadas às histórias do rei Artur e dos Cavaleiros da Távola-Redonda. Um relato diz que o Graal chegou de fato a aparecer, lançando um encanto sobre todos os presentes. O rei Artur jurou achá-lo com a ajuda de seus cavaleiros. Lancelot era o mais valente dentre eles, mas, por azar, apaixonou-se pela esposa do rei Artur. Por causa de seu pecado, Lancelot só conseguia ter vislumbres do Graal. Visto que só aparecia aos que fossem mais puros, o Graal o evitou e a todos os outros que o procuraram. De acordo com a história, acreditou-se que um sem-número de taças fossem o cálice sagrado.

Durante muitos séculos, houve a convicção de que o Graal era um objeto — mais especificamente o copo, ou cálice, utilizado na Última Ceia. Mas, lá pelo século XV, surgiu a idéia de que o Graal não era um objeto, mas uma linhagem familiar. Em *O código Da Vinci*, o Graal é apontado como o *sang réal*, a linhagem familiar que descende de

³Grand Rapids: Eerdmans, 1996, p. 141-3.

⁴Does “The Da Vinci code” crack Leonardo?, *The New York Times, Arts and Leisure*, 2 ago. 2003.

⁵Patrick R. REARDON, “The Da Vinci code” unscramble, *Tempo, The Chicago Tribune*, 5 fev. 2004, seção 5, p. 4.

Jesus. Segundo se supunha, Maria Madalena teria dado continuidade à linhagem de Jesus ao dar a luz sua filha, e um dos descendentes de Jesus deu origem à dinastia dos merovíngios, no trono francês. O livro termina com a personagem principal em frente à pirâmide invertida, no museu do Louvre de Paris, orando no que poderia ser o túmulo de Maria. Uma das últimas frases do livro é: “A busca pelo Santo Graal é a busca para se ajoelhar diante dos ossos de Maria Madalena. Uma jornada para orar aos pés da exilada”.⁶ Isso teria aturdido os cavaleiros que procuravam o Santo Graal e acreditavam que se tratasse de um cálice.

72

Mas existe alguma prova razoável de que Maria tenha sido casada com Jesus? Ela é mencionada em passagens dos evangelhos gnósticos apresentados no último capítulo do romance. Como sabemos, a Bíblia não trata de seu relacionamento com Jesus. Foi a primeira testemunha da ressurreição e, por algumas pessoas na igreja, era conhecida por “Apóstolo dos Apóstolos”.

Portanto, quem foi Maria Madalena? Vamos primeiro ver o que o Novo Testamento diz a seu respeito, e depois verificar as referências encontradas nos evangelhos gnósticos.

MARIA MADALENA E O NOVO TESTAMENTO

Lucas, o escritor do Novo Testamento, apresenta um grupo de mulheres que seguia Jesus e seus discípulos, ajudando a sustentá-los financeiramente. Algumas dessas mulheres “havia sido curadas de espíritos malignos e doenças: Maria,

⁶P. 475.

chamada Madalena, de quem haviam saído sete demônios; Joana, mulher de Cuza, administrador da casa de Herodes; Susana e muitas outras. Essas mulheres ajudavam a sustentá-los com os seus bens” (Lc 8.2,3).

Aqui cabe uma pausa para ponderarmos no que essa passagem mostra. Vemos que Jesus rompeu a tradição ao permitir que mulheres viajassem com ele, ajudando a sustentar seu ministério. Os rabinos da época jamais tolerariam que as mulheres tivessem tamanha abertura, nem a honra advinda de uma associação tão direta. Em regra, as mulheres eram identificadas por seus maridos, mas Maria era chamada Madalena — era identificada por sua cidade de origem (Magdala situava-se na costa ocidental da Galiléia). É possível que não fosse casada.

73

No capítulo anterior, Lucas inclui a história de uma prostituta não-identificada que veio até Jesus. Algumas pessoas conjecturam que essa seria Maria Madalena. Em 591 d.C., o papa Gregório, o Grande, proferiu um sermão na Páscoa em que declarou que a prostituta de Lucas 7 era a Maria Madalena mencionada em Lucas 8. Todavia, não há realmente razão alguma para fazermos tal associação.

Talvez a identificação hipotética do papa Gregório visasse a suprimir qualquer lenda em torno do papel de Maria na igreja primitiva. Ainda assim, é exagero supor que ela tenha sido estigmatizada como prostituta com o propósito de eliminar uma suposta rivalidade com o apóstolo Pedro. Segundo *O código Da Vinci*, Jesus pretendia que a igreja fosse estabelecida a partir de Maria, mas a igreja primitiva adulterou os documentos e declarou-a prostituta com a finalidade de torná-la inadequada para tão elevada posição.

De qualquer modo, em 1969, o Vaticano corretamente remediou séculos de deturpação e reconheceu não haver razão alguma para identificar Maria com a prostituta arrependida.

Veja ou outra, Maria Madalena também é erroneamente identificada como Maria de Betânia, irmã de Marta e Lázaro. Não há dúvida alguma de que ela é chamada Maria Madalena com o propósito específico de diferenciá-la das outras Marias dos evangelhos. De uma coisa podemos ter certeza: ela teve uma maravilhosa história de conversão e foi a primeira testemunha da ressurreição do Senhor a que amava.

O ministério de Maria junto a Jesus colocou-a em contato com Salomé, mãe de Tiago e João, e também com Maria, mãe do Senhor (Jo 19.25). Essas corajosas mulheres estavam ao pé da cruz quando Jesus morreu. Maria Madalena ficou velando até que o corpo fosse descido, envolto em linho e depositado no sepulcro de José de Arimatéia (Mt 27.61; Mc 15.47; Lc 23.55).

Então, no primeiro dia da semana, ela e outras mulheres “compraram especiarias aromáticas para unguir o corpo de Jesus” (Mc 16.1). Ao chegar, viram o sepulcro vazio e um anjo, o qual lhes disse que Jesus tinha ressuscitado dos mortos. Maria correu para contar a Pedro e a João, voltando com eles para o sepulcro. Embora estivesse vazio, não puderam encontrar Jesus, então Maria permaneceu lá mesmo após a partida dos dois homens.

Examinando o interior do sepulcro, viu anjos que lhe perguntaram o motivo de seu pranto. Ela respondeu: “Levaram embora o meu Senhor e não sei onde o puseram” (Jo 20.13).

Ela continuou olhando a escuridão da tumba até ficar convencida de que estava vazia. Pode-se imaginar que ela estivesse pensando no que fazer em seguida. Ela, a passos lentos, recuou. Aprumou-se enquanto seus olhos se ajustavam à luz ao redor.

Nisso ela se voltou e viu Jesus ali, em pé, mas não o reconheceu.

Disse ele: “Mulher, por que está chorando? Quem você está procurando?”

Pensando que fosse o jardineiro, ela disse: “Se o senhor o levou embora, diga-me onde o colocou, e eu o levarei”.

Jesus lhe disse: “Maria!”

Então, voltando-se para ele, Maria exclamou em aramaico: “Rabôni!” (que significa “Mestre!”).

Jesus disse: “Não me segure, pois ainda não voltei para o Pai. Vá, porém, a meus irmãos e diga-lhes: Estou voltando para meu Pai e Pai de vocês, para meu Deus e Deus de vocês” (Jo 20.14-17).

Maria Madalena quis agarrar-se aos pés de Jesus como uma criança que teme a partida dos pais. Agora que o tinha achado, não queria perdê-lo.

Naquele momento, porém, Jesus disse: “Não faça isso”.

Jesus estava efetivamente dizendo: “Você voltará a me ver, pois ainda não subi para o Pai. Não pense que me perderá, pois estaremos juntos pelos próximos quarenta dias. Não precisa entrar em pânico”. Sim, era o mesmo Jesus, mas a natureza da relação havia mudado.

Algumas pessoas diriam, em defesa de *O código Da Vinci*, que naqueles tempos uma mulher era proibida de tocar um

homem; logo, esse relato indicaria que ela e Jesus eram casados. Mas trata-se sem dúvida de um ato espontâneo de devoção. Jesus podia, com toda a certeza, ser tocado. Note que mais tarde, quando as mulheres deixaram o sepulcro, encontraram-no e “se aproximaram dele, abraçaram-lhe os pés e o adoraram” (Mt 28.9). Evidentemente, Maria não era a única mulher com permissão para tocar Jesus. Nosso Salvador não se deixava limitar por costumes culturais, quanto mais um que impedisse uma mulher de tocar um homem com decência.

76

Maria, com certeza, amava Jesus profundamente, mas não há indício algum de um romance entre os dois. Foi deveras uma mulher privilegiada e honrada por atrair a misericórdia e o carinho do Salvador. E podemos nos regozijar pelo fato de serem da mesma forma aceitos todos os que se achegam a Jesus. Após a ressurreição, Maria desaparece das páginas do Novo Testamento, voltando a surgir somente séculos mais tarde, na mitologia de ensinamentos ocultistas vinculados ao movimento Nova Era.

Concordo que, de uma perspectiva histórica, a igreja falhou em não dar à mulher seu lugar de direito no ministério cristão. No entanto, não podemos aceitar a afirmação de *O código Da Vinci* de que “Jesus foi o primeiro feminista”, em virtude do significado que essa expressão assume na sociedade atual. Jesus *realmente* desprezou os tabus culturais que atribuíam posição ignominiosa às mulheres, considerando-as cidadãs de segunda classe no Reino de Deus. Nas Escrituras, as mulheres são iguais aos homens, ainda que com funções diferentes.

Não é preciso dizer que aqui não é lugar para debatermos o papel da mulher na igreja. De qualquer forma, devemos

ressaltar que Jesus rompeu padrões, pondo a mulher em um lugar de honra e respeito. O fato de mulheres como Maria Madalena serem convidadas a viajar com ele, bem como o fato de conversar a sós com a mulher imoral no poço de Jacó demonstram sua disposição de passar por cima dos tabus da época, convidando mulheres para sua esfera de influência.

MARIA MADALENA E OS EVANGELHOS GNÓSTICOS

Em *O código Da Vinci*, lemos que, ao ocultar a verdade sobre o casamento de Jesus e Maria, a igreja realizou “a maior operação de dissimulação de toda a história”. As provas desse casamento são supostamente encontradas nos evangelhos gnósticos. Já aprendemos que esses escritos são erroneamente denominados “evangelhos”, pois na realidade não são absolutamente “evangelhos”. Em todo caso, devemos examinar o que eles têm a dizer sobre Jesus e Maria Madalena.

77

Em primeiro lugar, o *Evangelho de Filipe* diz:

Sua companheira é Maria de Magdala. Jesus a amava mais que aos outros discípulos. Beijava-a freqüentemente na face, mais que a todos os outros discípulos. Eles lhe disseram:

— Por que a amas mais que a todos nós?

O Salvador respondeu dizendo:

— Como é possível que eu não os ame tanto quanto a ela? Se um homem cego anda nas trevas junto a outro que pode ver, ambos estão na mesma situação. Quando vier a luz, aquele que vê, verá a luz. O cego continuará em trevas.⁷

⁷BARNSTONE & MEYER, *The Gnostic Bible*, p. 273.

Deve-se ter consciência de que, por causa da má qualidade dos papiros, falta uma ou outra palavra nos originais. O texto diz: “Beijava-a freqüentemente no(a) [texto ilegível]...”, de modo que os estudiosos preenchem o espaço em branco com palavras como *boca, face, testa* etc. Na verdade, todos sabemos que o texto devia dizer “mão”, ou mesmo “bochecha”, pois o relato afirma que ele também beijava os outros discípulos, ao que tudo indica, na bochecha, como ainda se faz no Oriente Médio.

78

O relato, ainda que fosse verdadeiro, não diz nada sobre casamento. Mas *O código Da Vinci* faz a seguinte afirmação: “Como qualquer estudioso do aramaico poderá lhe explicar, a palavra *companheira*, naquela época, literalmente significava esposa”.⁸ Naturalmente, poderíamos observar que esse texto não nos chegou em aramaico, mas em copta. Além do mais, a palavra “companheira”, em ambas as línguas, é muitas vezes usada em referência a “amizade” — de modo algum terá o significado invariável de “esposa”.

Esse relato detém alguma credibilidade? Antes de responder, precisamos lembrar que os estudiosos situam a autoria do *Evangelho de Filipe* por volta do século III, cerca de duzentos anos depois de Jesus. Não se trata exatamente de uma testemunha ocular!

Leia esse evangelho e você verá um amontoado de incoerências. Textos desconexos que mudam abruptamente de assunto. São apresentadas doutrinas como: “Existem muitos animais no mundo que se apresentam de forma humana”. Também diz: “O inverno é o mundo, o verão é o outro

⁸P. 263.

reino. Por essa razão é apropriado que não oremos no inverno”. Se quiser mais sabedoria, veja isso:

Deus é um tintureiro. Assim como os bons corantes, os corantes autênticos, dissolvem-se nas coisas que são tingidas por eles, o mesmo também ocorre com aqueles a quem Deus tingiu. Seus corantes são imortais por causa de suas cores. O que Deus mergulha, ele mergulha em água.⁹

Os gnósticos criam em dois deuses, e o deus criador era mau. “O mundo foi criado por engano. Porque aquele que o criou queria fazê-lo imperecível e imortal. Ele falhou.”¹⁰ No resto do livro, Jesus é apresentado como uma dentre muitas criaturas que procedem de Deus. Esse tipo de texto tem a clara intenção de expressar uma filosofia pagã, não de dizer algo confiável sobre Jesus. Você pode escrever o que desejar se não estiver preocupado com os fatos.

79

Lembre-se de que não temos pista alguma sobre quem escreveu esse evangelho. Com toda a certeza não foi o Filipe do Novo Testamento, mas algum pseudo-escritor que costurou uma enorme quantidade de idéias gnósticas desconexas. Pode ter escrito esse texto por causa das lendas sobre Maria Madalena que já circulavam no século III. De qualquer maneira, esse escritor desconhecido podia apenas especular sobre o relacionamento entre Jesus e Maria. E, ao que parece, fez uso dessas especulações para os propósitos que tinha.

O *Evangelho de Maria* gnóstico descreve uma revelação especial dada a Maria Madalena por seu Salvador.

⁹BARNSTONE & MEYER, *The Gnostic Bible*, p. 270.

¹⁰Ibid., p. 286.

Atendendo a um pedido de Pedro, ela conta aos outros discípulos sobre uma visão que teve de Jesus. Conta ainda ter perguntado a ele se alguém, ao ter uma visão, a tinha com a alma ou com o espírito. O Salvador respondeu: “Não vê nem com a alma nem com o espírito. Mas é a consciência, que vive entre ambos, que tem a visão”.

Após algumas explicações um tanto esotéricas sobre a alma, Pedro perguntou: “Será que ele realmente conversou em particular com uma mulher e não abertamente conosco? Devemos mudar de opinião e ouvir a ela? Ele a preferiu a nós?”. Maria começou a chorar e garantiu a Pedro que não tinha inventado tudo aquilo.

Nesse momento, Levi se intromete na conversa e diz: “Pedro, você sempre foi exaltado. Agora o vejo competindo com uma mulher como contra um adversário. Mas, se o Salvador a fez merecedora, quem é você para rejeitá-la? Certamente o Salvador a conhece bem. Daí tê-la amado mais do que a nós”.¹¹ Então os discípulos são exortados a sair e pregar, ao que obedecem.

Essa história é mais uma tentativa dos gnósticos de legitimar suas doutrinas esotéricas de conhecimento perante seu círculo fechado de iniciados. Essa narração foi provavelmente incluída por duas razões: em primeiro lugar, defender o argumento de que as mulheres eram capazes de pregar; em segundo, ensinar que as revelações de Deus a uma pessoa possuem o mesmo *status* das doutrinas ensinadas pelos bispos. Maria Madalena, que desfrutava de posição de destaque

nos evangelhos canônicos como a primeira testemunha da ressurreição, seria a escolha natural para esse diálogo.

Ainda que essas informações dos evangelhos gnósticos fossem fiéis, continua sendo um exagero afirmar que Maria tinha uma relação romântica com Jesus, quanto mais dizer que eles foram casados. Nessa parte, como em muitas outras, *O código Da Vinci* fundamenta suas conclusões em dados imaginários, esperando que leitores crédulos lhe dêem crédito.

Há uma grande controvérsia em torno do Priorado de Sião, que foi sem dúvida fundado em 1099. Embora não tenhamos conhecimento sobre quais lendas circulavam na época, sabemos não haver nenhum texto, produzido por testemunha ocular, que ateste o casamento de Jesus e Maria. E é bastante improvável que a Opus Dei, fundada em 1928, tenha qualquer ligação com alguma pressão imposta sobre o Priorado para manter o segredo encoberto. Como literatura de ficção, o livro funciona; como livro histórico, é um castelo de cartas que pode desmoronar ao mais leve sopro da verdade.

MARIA E AS LENDAS

The Templar revelation [*A revelação dos templários*]¹² afirma que Jesus e Maria eram casados, ou pelo menos parceiros sexuais. Enquanto escreviam o livro, os autores passearam por locais consagrados a Maria Madalena no sul da França,

¹¹Ibid., p. 479-81.

¹²Publicado em português com o título *A grande heresia: o segredo da identidade de Cristo* (São Paulo: Beca, 2000). (N. do T.)

onde lendas sobre essa personagem começaram a surgir no século IX. O livro tem o propósito de avaliar esse folclore e defender sua plausibilidade. Ao mesmo tempo, procura desacreditar o que se ensina tradicionalmente a respeito de Jesus, ou seja, o que encontramos no Novo Testamento.

Em suas viagens, os autores descobriram que as lendas em torno de Maria Madalena estão vinculadas à deusa pagã Ísis. Além disso, relacionam-se também ao culto da mãe com seu filho, associado a Maria, mãe de Jesus. E não pára por aí: em todos os lugares em que há núcleos de culto a Maria, existem também locais sagrados e mitos sobre João Batista. Os autores defendem que João Batista, na verdade, não se submeteu à autoridade de Jesus como afirma o Novo Testamento. Aliás, Jesus é que foi discípulo de João. E o verdadeiro sucessor ungido de João foi o feiticeiro sexual gnóstico Simão, o Mago, mencionado em Atos dos Apóstolos 8.9-25!

Se você não ouviu o suficiente, ficará surpreso em saber que, segundo algumas pessoas, Jesus, João Batista e Maria Madalena, todos eles tinham uma “percepção gnóstica do sagrado”. Batizavam as pessoas e, desse modo, as iniciavam na “tradição oculta ancestral”. Os milagres de Simão, o Mago, tal qual os de Jesus, eram os intrínsecos a essa prática religiosa. “O ritual era fundamental nesse movimento, desde o primeiro batismo até a representação dos mistérios egípcios. No entanto, a suprema iniciação ocorria por intermédio do êxtase sexual.”¹³

¹³Lynn PICKNETT & Clive PRINCE, *The Templar revelation*, New York: Touchstone Books, Simons & Schuster, 1998, p. 350.

Se você está imaginando aonde os autores podem ter ido buscar essas informações, compreenda que juntaram todas as lendas e práticas ocultistas dos tempos antigos e interpretaram os relatos neotestamentários à luz dessa mitologia esotérica. Assim, não nos deveria espantar que o próprio Jesus acabe virando o filho de uma deusa e que a unção de Maria de Betânia (que os autores acreditam ser Maria Madalena) seja um ritual sexual realizado por uma sacerdotisa. “A unção de Jesus foi um ritual pagão: a mulher que o realizou — Maria de Betânia — era uma sacerdotisa. Considerando esse novo panorama geral, é mais do que provável que seu papel no círculo íntimo de Jesus fosse o de uma mistagoga sexual”.¹⁴

Todo cristão devia ficar estarecido com essas alegações! Mas, uma vez que os mitos recebam *status* de história, com vínculos imaginários entre acontecimentos sem nenhuma relação entre si, qualquer distorção pode ser imposta aos registros do passado. Daí, pode-se chegar a afirmar que o motivo pelo qual a “verdade” genuína foi banida da Bíblia reside no fato de a igreja desde sempre ter defendido a repressão sexual e a degradação da mulher. A igreja, ávida pelo poder e apegada às riquezas, sempre apoiou a supremacia masculina e o controle rígido, rejeitando peremptoriamente o sagrado feminino.

É inacreditável que escritores ocultistas possam distorcer de tal forma o Novo Testamento e transformá-lo em um de seus textos! Os mesmos escritores que nos chamam para uma vida de santidade e pureza, forçados e distorcidos, são uti-

¹⁴Ibid., p. 258.

lizados para confirmar uma filosofia pagã e imoral. Imagine o Jesus que disse “Qualquer que olhar para uma mulher para desejá-la já cometeu adultério com ela no seu coração” (Mt 5.28) aprovando e logicamente participando de um rito sexual ocultista!

Não se esqueça de que os ritos sexuais sempre foram praticados em religiões pagãs, quer nos tempos antigos, quer na atualidade. Ora, a idéia de ser esse o caminho para a santidade ou de que por meio de tais rituais é possível ter comunhão com Deus é exatamente o tipo de doutrina desmascarada por Jesus e pelos escritores do Novo Testamento por ser falsa. Eles alertam contra tais práticas, violadoras da santidade do matrimônio e da pureza moral que se espera dos cristãos. “Porque vocês podem estar certos disto: nenhum imoral, ou impuro, ou ganancioso, que é idólatra, tem herança no Reino de Cristo e de Deus. Ninguém os engane com palavras tolas.” (Ef 5.5,6) Como veremos em um capítulo adiante, estabelecemos um vínculo espiritual com Deus por intermédio de Jesus, não por meio do êxtase sexual.

Podemos compreender os motivos de Ireneu, que, ao comentar sobre como os gnósticos usavam a Bíblia em sua época, afirmou que o gnosticismo é como tomar um belo quadro de um rei e remontá-lo com o fito de formar a imagem de uma raposa. Não se admira que Pedro, ao falar sobre os falsos mestres, tenha escrito: “Muitos seguirão os caminhos vergonhosos desses homens e, por causa deles, será difamado o caminho da verdade. Em sua cobiça, tais mestres os explorarão com histórias que inventaram” (2Pe 2.2,3).

Assim como era naquela época, ainda é nos dias de hoje!

JESUS E O CASAMENTO

Seria possível que Jesus tivesse se casado?

Dan Brown afirma que, na época de Jesus, era raro um homem não ser casado. Além de tudo, sustenta que, por ser humano, Jesus teria desejado relações sexuais e a companhia de uma mulher. Todavia, isso não prova que Jesus era casado. Sabemos com certeza que escritores do Novo Testamento como Mateus e João, os quais conheciam muito bem a Jesus, não fazem nenhuma referência a esse casamento. Ora, se tal casamento tivesse ocorrido, seria com certeza mencionado.

Podéríamos especular a possibilidade de Jesus ter se casado, uma vez que o casamento é “honrado e imaculado”. Considerando que era um ser humano, ainda que sem pecado, podemos presumir que ele poderia ter se casado. No entanto, tendo em mente que sua natureza era tanto humana como divina, precisamos admitir que é impensável que Jesus, o homem-Deus, pudesse unir-se a uma pecadora no mais íntimo elo físico possível ao ser humano. Caso tivesse casado, é de supor que teria sido com alguém tão santo quanto ele, o que limitava suas opções de maneira drástica!

É lógico que algum dia Jesus se casará. Todos ansiamos por seu futuro casamento. Jesus já está noivo de nós, a igreja, sua noiva. Ele não teria se casado na terra, sabendo que seu casamento vindouro seria no céu. Naquele dia, nós, juntamente com Maria Madalena, seremos convidados para a ceia do casamento do Cordeiro, onde o casamento será consumado. Isso não acontecerá com uma união física e sexual, mas na mais sagrada e íntima comunhão que se pode conceber. Sim, Jesus se casará. Não com

uma mulher, mas com todos nós, que formamos a noiva de Cristo.

“... Regozijemo-nos! Vamos alegrar-nos
e dar-lhe glória!
Pois chegou a hora
do casamento do Cordeiro,
e a sua noiva já se aprontou.
Para vestir-se, foi-lhe dado
linho fino, brilhante e puro”.

O linho fino são os atos justos dos santos.

E o anjo me disse: “Escreva: Felizes os convidados para o banquete do casamento do Cordeiro!” (Ap 19.7-9).

Considerando essa perspectiva mais ampla, o óbvio celibato de Jesus era tanto necessário como adequado.

O convite para esse casamento não vem do Jesus gnóstico, mas do Jesus que é Rei dos reis e Senhor dos senhores. “Por isso Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai” (Fp 2.9-11).

Somente os que aceitam seu convite se reunirão para desfrutar do banquete.

quatro

Banidos da Bíblia: por quê?

“A Bíblia é um produto do homem, minha querida. Não de Deus”, afirma *sir* Leigh Teabing em *O código Da Vinci*. “Não caiu magicamente das nuvens. O homem a criou como relato histórico de uma época conturbada e ela se desenvolveu através de incontáveis traduções, acréscimos e revisões. A história jamais teve uma versão definitiva do livro”.¹

Sim, é verdade que a Bíblia não caiu magicamente das nuvens. E também é verdade que o homem escreveu a Bíblia em determinado contexto histórico, muitas vezes em tempos tumultuosos. Mas também existem fortes evidências de que a Bíblia é mais que um livro escrito por homens. Provas de que é um livro escrito por homens inspirados por Deus. Temos todos os motivos para crer que a Bíblia traz

informações confiáveis sobre tudo o que ensina. Tais motivos estão disponíveis a todos os que se interessam pela busca da verdade.²

Todavia, este capítulo nos levará a uma direção ligeiramente diferente. Abordaremos as seguintes questões: “Quais foram os critérios utilizados para definir que livros seriam incluídos ou excluídos do cânon? Será verdade que, como afirma *O código Da Vinci*, os evangelhos gnósticos foram banidos por homens que queriam transformar a igreja de uma comunidade matriarcal em patriarcal? É verdade que alguns livros deixaram de ser incluídos no cânon por causa de um injustificável ato de censura?”

No Natal de 2003, o History Channel [Canal de História]³ levou ao ar um especial intitulado *Banned from the Bible* [*Banidos da Bíblia*]. Era um debate sobre os vários livros que, apesar de escritos na época do Novo Testamento, foram excluídos do cânon. Ficou a nítida impressão de que alguns livros foram afastados simplesmente por ser feministas ou um tanto indecentes para ser incluídos. O documentário ainda insinua que pelo menos alguns desses livros seriam de grande auxílio para as Escrituras se tivessem sido incluídos. Afinal, declara o programa, considerando que a Bíblia é um livro escrito por homens, seus textos foram incluídos ou vetados por pessoas poderosas que agiam por razões políticas ou religiosas.

²Desejando encontrar provas sobre a confiabilidade da Bíblia, leia o livro de Erwin Lutzer *7 razões para confiar na Bíblia* (São Paulo: Vida, 2001).

³Canal de televisão especializado em história local e geral. (N. do T.)

Neste momento, é preciso esclarecer que existem dois grupos de livros que não foram incluídos no cânon. Um grupo é o dos evangelhos gnósticos, já abordados aqui em alguns de seus aspectos. Mas o History Channel, em essência, referiu-se a um segundo grupo de livros notórios há séculos, sendo acessíveis a quem desejar lê-los. Trata-se dos textos apócrifos, já conhecidos desde a Antiguidade. Devo mais uma vez destacar que esses livros não podem ser confundidos com os livros acrescentados às versões católicas da Bíblia, os quais antecedem esses “livros banidos”.

Alguns desses “livros banidos” ensinam que:

- Quando Jesus era menino, matou outra criança empurrando-a do telhado. Ao ser acusado, reagiu usando seu poder para ressuscitá-la. Pelo jeito, Jesus utilizou seus poderes para travessuras e interesses pessoais até crescer, só então passando a usá-los para fazer o bem.
- Após a queda, Adão formulou um plano para que ele e Eva retornassem ao jardim do Éden. O plano consistia em eles permanecerem em rios diferentes. Ele ficou no rio Jordão por quarenta dias, e Eva, por ser mais fraca, deveria permanecer no rio Tigre por 34 dias. Mas o Diabo voltou a aparecer para Eva, e ela saiu da água no décimo oitavo dia, arruinando o plano e causando um enorme desgosto em Adão.
- No inferno, os blasfemadores ficam pendurados pela língua, ao passo que os fornicadores, pela genitália. Mas, se as pessoas pedissem a Deus que as libertasse, o inferno ficaria vazio. No entanto, ninguém sabe disso, porque, se soubessem, pecariam ainda mais.

Naturalmente, também existem outros livros, que, embora mais harmonizados com a Bíblia, jamais foram incluídos no cânon. Existiam dezenas de textos circulando quando o Novo Testamento foi coligido. Muitos deles apresentavam histórias alternativas sobre Jesus. Somente um número reduzido deles pôde disputar uma posição no cânon.

O especial de TV *Banned from the Bible* também sugeria que, somente após a conversão de Constantino, houve um real esforço por compilar o Novo Testamento. Também que, após o Concílio de Nicéia, foram necessários mais quarenta anos para que a igreja canonizasse todos os 27 livros que constituem o Novo Testamento (367 d.C.). O documentário dá a impressão de que, durante séculos, a igreja não chegou a um acordo sobre o cânon.

Quanto disso é verdade? Quanto disso foi distorcido para se encaixar nos conceitos populares sobre a natureza da Bíblia e o processo de canonização? Vamos examinar rapidamente os livros “banidos” da Bíblia e então falar sobre como o cânon foi realmente formado.

OS LIVROS BANIDOS

Os livros excluídos da Bíblia eram considerados pela igreja primitiva pseudépigráficos, ou seja, textos fraudulentos que os primeiros líderes da igreja consideravam fábulas produzidas por imaginações férteis. A história demonstra não ser incomum o surgimento de lendas em torno de figuras famosas, e não devíamos estranhar o fato de algumas pessoas criarem superstições infundadas em torno de Jesus. Esses são os livros que trazem os relatos mencionados há pouco: narrativas fictícias sobre a infância de Jesus, entendimentos

alternativos a respeito do inferno e textos semelhantes. Ao contrário dos evangelhos gnósticos, essas lendas são conhecidas desde a Antiguidade.

A questão resume-se no seguinte: “Por que alguns livros foram incluídos no cânon, enquanto outros foram rejeitados?”. E, mais importante: “Quem tomou essas decisões e quando foram tomadas? Será verdade que não houve concordância a respeito do cânon senão quarenta anos após a época de Constantino? E seria correto considerar o cânon aberto, ou seja, teria alguém o direito de insistir na inclusão de outros livros nas Sagradas Escrituras?”.

O DESENVOLVIMENTO DO CÂNON

A Bíblia é um extraordinário conjunto de 66 livros unidos em torno de um tema comum. Como uma tapeçaria, eles tecem juntos a história da redenção provida por Deus para a raça humana. O fato de esses livros terem sido reunidos, aprovados e aceitos como a Palavra de Deus já é em si um milagre da providência divina. Esboçar mais amplamente a situação nos ajudará a manter os detalhes em perspectiva.

Muitas pessoas presumem que as decisões sobre quais livros incluir ou excluir foram tomadas por um concílio eclesástico reunido a portas fechadas, a debater os méritos de cada livro, aceitando uns e rejeitando outros. Outros imaginam que esses livros foram reunidos “por acaso”, sem nenhum critério específico que definisse se eram ou não dignos de constituir as Escrituras. Outros ainda pensam que as decisões foram tomadas segundo um sinistro plano de censura, como alega *O código Da Vinci*.

Antes de tudo, vamos resumir a forma em que os livros do Antigo Testamento foram reunidos. Isso nos fornecerá

uma estrutura importante no debate sobre a seleção dos livros do Novo Testamento.

O cânon do Antigo Testamento

Quando Deus autorizava que um manuscrito fosse produzido, e o povo de Deus o reconhecia como tal, esse manuscrito era preservado. Moisés, por exemplo, escreveu “tudo o que o SENHOR dissera” (Êx 24.4), e tudo o que foi escrito foi cuidadosamente depositado na arca da aliança (Dt 31.26). O mesmo aconteceu com os textos de Josué (Js 24.26) e Samuel, cujas palavras foram postas “num livro e [colocadas] perante o SENHOR” (1Sm 10.25). Pode-se dizer o mesmo dos livros de Jeremias e Daniel (Dn 9.2).

É evidente que o número de livros foi crescendo, e as gerações posteriores os honraram como Palavra do Senhor. Esdras, por exemplo, tinha uma cópia da lei de Moisés e dos profetas (Ne 9.14,26-30). Essa lei era lida e reverenciada como Palavra de Deus.

Nem todo escrito religioso judaico era considerado inspirado. Havia, por exemplo, o Livro de Jasar (Js 10.13), o Livro das Guerras do SENHOR (Nm 21.14) e outros (1Rs 11.41). Esses livros não sobreviveram à passagem dos séculos, por isso não sabemos o que continham.

À medida que o cânon ia crescendo, muitas vezes recebia a designação “Moisés e os profetas”. Tempos depois era mencionado como “a Lei, os Profetas e os Escritos” (ou “os Salmos”). O próprio Jesus aludiu a essa divisão em três partes quando falou da “Lei de Moisés, [...] Profetas e [...] Salmos” (Lc 24.44).

Para ser justo, é preciso deixar claro que a canonicidade de cinco livros do Antigo Testamento foram vez ou outra questionados, de cada um por uma razão específica. Para alguns, o Cântico dos Cânticos era sensual demais, Eclesiastes era cético demais e, como Ester não menciona o nome de Deus, alguns o consideravam sem espiritualidade. Outras pessoas punham em dúvida o livro de Provérbios, visto que certos aforismos parecem contradizer outros. Por fim, alguns estudiosos judeus consideravam o livro de Ezequiel contrário a Moisés, afirmando que suas visões tendiam ao gnosticismo.

Apesar dessas objeções, a maioria dos estudiosos judeus não questionou esses livros. Foram considerados canônicos logo após serem escritos e, quando corretamente interpretados, verifica-se que estão em perfeita harmonia com os demais livros do Antigo Testamento. Os séculos provaram ser sábio mantê-los no cânon bíblico.

Até onde sabemos, os judeus concordam que o cânon do Antigo Testamento foi encerrado em torno de 400 a.C., com a profecia de Malaquias. Aliás, o período entre o Antigo e o Novo Testamento é frequentemente mencionado como os “quatrocentos anos de silêncio”. Deus cessou de falar diretamente a seu povo e nenhuma outra palavra sua foi registrada.

E de que podemos ter certeza? Em primeiro lugar, sabemos que nosso Antigo Testamento se baseia no cânon do Antigo Testamento hebraico aceito pelos judeus. Em segundo lugar, esse é o mesmo cânon ratificado por Cristo em suas constantes referências ao Antigo Testamento como a sólida Palavra de Deus. Tendo sua aprovação para esses

livros, podemos confiar que o Antigo Testamento é fidedigno e sua formação está concluída.⁴

Podemos ver nesse processo a providência de Deus. Lembre-se de que esses livros do Antigo Testamento foram selecionados diretamente pelo povo de Deus, sem o benefício de um concílio para debater os méritos de cada livro. Os próprios líderes responsáveis pela vida espiritual de Israel decidiam quais livros compunham o Antigo Testamento. Embora possam ter discordado de vez em quando, tais decisões nunca foram submetidas a uma comissão selecionada para tal fim.

94 Sim, houve um concílio em Jâmnia em 90 d.C., e a definição do cânon veterotestamentário constava da pauta, mas apenas ratificaram livros já aceitos pelos judeus quinhentos anos antes. Os livros autênticos provaram seu valor; o trigo havia sido separado do joio.

O cânon do Novo Testamento

A mesma autoridade observada no Antigo Testamento é atribuída aos escritores do Novo Testamento. Tal autoridade não se baseia em especulações ou na genialidade humana, mas no caráter de Deus. Paulo foi capaz de dizer à congregação de Corinto que o que lhes escrevia era mandamento do Senhor (1Co 14.37).

Jesus delegou aos discípulos a responsabilidade de transmitir a verdade que lhes havia ensinado: “Tudo isso lhes

tenho dito enquanto ainda estou com vocês. Mas o Conselheiro, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, lhes ensinará todas as coisas e lhes fará lembrar tudo o que eu lhes disse” (Jo 14.25,26). Naturalmente, precisamos compreender que a igreja primitiva não tinha locais específicos de adoração onde pudesse, a exemplo dos judeus, guardar seus livros. O cristianismo ultrapassou as fronteiras do judaísmo e se tornou uma religião internacional. Não havia local especial que fosse o centro de toda a autoridade. A perseguição espalhou a igreja em todas as direções.

Os livros do Novo Testamento foram escritos durante a segunda metade do século I. A maioria dos livros foi escrita para igrejas locais (a maioria das epístolas de Paulo foi escrita para igrejas de cidades como Éfeso, Filipos etc.), enquanto alguns se destinavam a indivíduos. Outros livros, escritos por diversas pessoas, visavam a um público maior da Ásia oriental (1Pedro), da Ásia ocidental (Apocalipse) ou ainda da Europa (Romanos).

Com tamanha variedade de destinatários e remetentes, é compreensível que nem todas as igrejas tivessem, de imediato, cópias de todas as diversas cartas. E, com os empecilhos que limitavam viagens e comunicações, foi necessário algum tempo para averiguar os diversos livros considerados confiáveis.

Sem dúvida, o processo de seleção e verificação era importante para os primeiros crentes. Enquanto os apóstolos estavam vivos, tudo podia ser verificado (Lc 1.2; At 1.21,22). João, por exemplo, podia afirmar: “A vida se manifestou; nós a vimos e dela testemunhamos, e proclamamos a vocês a vida eterna, que estava com o Pai e nos foi

⁴D. A. CARSON, Douglas MOO & Leon MORRIS, *An introduction to the New Testament*, Grand Rapids: Zondervan, 1992, p. 491. [Publicado em português com o título *Introdução ao Novo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 1997).]

manifestada. Nós lhes proclamamos o que vimos e ouvimos para que vocês também tenham comunhão conosco. Nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo” (1Jo 1.2,3). Pedro nos assegurou ter sido testemunha da transfiguração, e sua descrição se baseava em experiência própria (2Pe 1.16-18).

Tais quais os livros acrescentados ao Antigo Testamento, os diversos livros do Novo iam ganhando aceitação à medida que eram escritos e circulavam entre os crentes. Desde seus primórdios, a igreja já possuía um cânon operacional, ou seja, *alguns textos já tinham sua autoridade reconhecida, enquanto outros nem tinham sido escritos.*

Paulo ordenou aos tessalonicenses: “Diante do Senhor, encarrego vocês de lerem esta carta a todos os irmãos” (1Ts 5.27). E tornou a escrever aos colossenses: “Depois que esta carta for lida entre vocês, façam que também seja lida na igreja dos laodicenses” (Cl 4.16). João prometeu uma bênção a todos os que ouvissem a leitura do livro de Apocalipse (Ap 1.3). As cartas apostólicas eram nitidamente destinadas a toda a igreja. Era como um revezamento de livros, que crescia entre as igrejas de forma regular.

O fato de alguns livros serem aceitos como parte das Escrituras logo após serem escritos pode ser confirmado pelas palavras de Pedro. Ele possuía um conjunto das cartas de Paulo e as considerava parte das Escrituras. Veja sua fascinante confirmação da autoridade de Paulo. Pedro escreveu: “Tenham em mente que a paciência de nosso Senhor significa salvação, como também o nosso amado irmão Paulo lhes escreveu, com a sabedoria que Deus lhe deu. Ele escreve da mesma forma em todas as suas cartas, falando

nelas destes assuntos. Suas cartas contêm algumas coisas difíceis de entender, as quais os ignorantes e instáveis torcem, como também o fazem com as demais Escrituras, para a própria destruição deles” (2Pe 3.15,16). As cartas de Paulo, quase de imediato, eram consideradas fidedignas e parte das Escrituras.

Outros livros desfrutaram da mesma aceitação. A citação de Pedro em Judas 17 e 18 (extraída de 2Pe 3.3); em 1Timóteo 5.18, Paulo cita o evangelho de Lucas como Escritura (Lc 10.17). Fica claro que os crentes da igreja primitiva aceitavam como Palavra de Deus um conjunto de escritos cada vez maior. No fim do primeiro século, mais de dois terços do Novo Testamento atual já era considerado inspirado por Deus. Os outros textos eram conhecidos e citados como fidedignos, embora não tivessem alcançado ampla circulação.

Com certeza existem algumas discordâncias. Algumas pessoas consideravam Hebreus um livro suspeito, visto que a autoria do livro é desconhecida; outros duvidavam de que 2Pedro tivesse sido escrito por Pedro, atribuindo-o a um autor desconhecido que buscou seu conteúdo no livro de Judas. Apocalipse não consta em algumas das primeiras relações de livros inspirados, provavelmente por ser desconhecido em alguns lugares.

Quando o herege conhecido por Marcião, opondo-se aos textos cristãos, apareceu com sua versão das Escrituras em 135 d.C., a igreja viu-se obrigada a definir os livros considerados confiáveis. Marcião era totalmente avesso à fé judaica e se opunha à lei bíblica. Convicto de que o Deus do Antigo Testamento era diferente do Deus do Novo

Testamento, ele eliminou o Antigo Testamento e escolheu os livros do Novo Testamento que se adequavam a sua fantasia. A igreja precisou reagir e declarar quais eram os livros oficiais.

Um documento chamado *Fragmento muratório*, datado de cerca de 175 d.C., avalia os vários livros canônicos juntamente com os rejeitados pela igreja. Infelizmente, parte desse antigo documento foi destruído. Todavia, embora faltem algumas partes, os estudiosos conseguem identificar uma lista que contém 23 dos atuais 27 livros. O documento também lista alguns textos forjados atribuídos ao apóstolo Paulo. Ao falar desses textos falsos, o autor observa que tais livros não podem ser recebidos pela igreja “por não ser apropriado misturar veneno com mel”.⁵ Tais textos não foram banidos da Bíblia, mas postos de lado por serem reconhecidamente falsificações.

Em verdade, podemos dizer que alguns poucos livros foram banidos da Bíblia, como *O pastor*, de Hermas. Esse livro era aceito como canônico por algumas igrejas, mas, após algum tempo, foi rejeitado por ter sido escrito muito tarde e por conter uma teologia que contradizia os demais textos do cânon. O livro ensina que, se continuarmos pecando, não poderemos ser salvos; também, que temos apenas uma oportunidade de arrependimento. Devíamos ficar agradecidos pelo fato de *O pastor*, de Hermas, não fazer parte das Escrituras! Algumas pessoas acham que a *Epístola de Barnabé* e um texto conhecido como *Didaquê* (ensino

dos apóstolos) deveriam constar do cânon. Esses e outros livros não-canônicos eram lidos em algumas igrejas.

O CÂNON É ENCERRADO

Que dizer então sobre a alegação de que os livros do Novo Testamento só foram definidos quarenta anos depois do Concílio de Nicéia, o qual foi realizado em 325 d.C.? É bem verdade que a lista completa dos 27 livros aceitos aparece pela primeira vez na mensagem de Páscoa de Atanásio, em 367 d.C. No entanto — e isso é muito importante — naquela altura, esse cânon de 27 livros, com algumas variações, já vinha funcionando como regra na igreja por mais de 250 anos!

Vimos no capítulo 1 que Constantino não decidiu quais livros seriam incluídos no cânon; na verdade, o assunto do cânon nem foi abordado no Concílio de Nicéia. Naquela época, a igreja primitiva lia um cânon de livros já considerado Palavra de Deus havia duzentos anos.

No entanto, o que Constantino efetivamente fez foi incumbir o historiador Eusébio de Cesaréia de produzir cinquenta Bíblias, para serem copiadas em pergaminhos de boa qualidade, por escribas capacitados, e utilizadas nas igrejas de Constantinopla. Seria ótimo termos uma lista do material incluído, para então verificar quais livros do Novo Testamento foram incluídos nessas cópias.

No entanto, ainda que não haja cópias dessas Bíblias, temos todos os motivos para crer que a lista dos livros incluídos no Novo Testamento era a mesma do nosso cânon atual. F. F. Bruce, que ocupou durante vinte anos a cátedra Rylands de Crítica Bíblica e Exegese na Universidade de

⁵F. F. BRUCE, *The canon of Scripture*, Downers Grove: InterVarsity, 1988, p. 160.

Manchester, afirma que, embora não saibamos quais livros estavam no Novo Testamento dessas Bíblias, “a resposta não constitui uma verdadeira dúvida. As cópias continham todos os livros que Eusébio listava como universalmente reconhecidos [...] em suma, os mesmos 27 livros que aparecem nas cópias atuais do Novo Testamento”.⁶ As evidências levam à conclusão de que Eusébio aceitava tão somente os livros já reconhecidos pela igreja como Escritura inspirada.

Por favor, entenda que tudo o que a igreja podia fazer era reconhecer esses livros como inspirados pelo Espírito Santo. Nenhum concílio ou igreja poderia tomar livros sem autoridade e dotar-lhes de autoridade divina. Um livro tem ou não autoridade intrínseca; provém ou não de Deus. Uma carta escrita por George Washington seria autêntica mesmo que os historiadores não a reconhecessem como tal. E, se não tivesse sido escrita por ele, nem todos os concílios e declarações de homens poderiam torná-la escrita por suas mãos. Tudo que a igreja primitiva podia fazer era apurar se um livro era ou não inspirado por Deus.

Devemos ser gratos pelo fato de que, após os atuais 27 livros do Novo Testamento terem sido aceitos, não existiu nenhum movimento digno de crédito dentro da igreja que retirasse ou acrescentasse um livro. Existem boas razões para crer que a igreja primitiva discerniu corretamente os livros inspirados por Deus. O resultado desse processo não foi forjado.

⁶Ibid., p. 204.

CRITÉRIOS PARA ACEITAÇÃO

Analisando em retrospecto, quais foram os critérios utilizados na definição de quais livros seriam incluídos no cânon? Em primeiro lugar, havia a *apostolicidade*, ou seja, se o livro era escrito ou endossado por um apóstolo. Embora Marcos não fosse apóstolo, seus ensinamentos revelam a associação com Pedro; Lucas viajava com Paulo. Esse foi um dos motivos por que *O pastor*, de Hermas, foi rejeitado: foi escrito demasiadamente tarde para ser vinculado a um dos apóstolos.

Em segundo lugar, havia a *conformidade* com a regra de fé; ou seja, se as doutrinas do livro condiziam com os profetas do Antigo Testamento e os apóstolos do Novo. Desse modo, embora a autoria de Hebreus seja desconhecida, o livro era visto como uma exposição inspirada sobre como Jesus cumpriu a lei e os rituais do Antigo Testamento.

Em terceiro lugar, um documento precisava ter sido aceito de forma ampla e ininterrupta para ser incluído. Jerônimo apresenta suas razões para demonstrar que não importa quem realmente escreveu o livro de Hebreus: é obra de um “escritor da igreja” e está em harmonia com a verdade das igrejas em que é regularmente lido e aceito.⁷

Nunca é demais ressaltar o seguinte: os vários livros não foram aceitos ou rejeitados por um concílio ou comissão. O processo não foi o que *O código Da Vinci* apresenta como a tomada de poder. Os concílios apenas ratificavam o que

⁷CARSON, MOO & MORRIS, *An introduction to the New Testament*, p. 492-5.

a igreja já praticava; *nenhum concílio ou papa impôs às igrejas quaisquer livros que o povo já não tivesse aceitado.*

Veja esse rápido esboço de como o Novo Testamento foi formado:

1. As cartas dos apóstolos eram escritas e recebidas nas igrejas; cópias eram feitas e distribuídas.
2. Desenvolveu-se um grupo crescente de livros reconhecidos como Escritura inspirada. Dentre as considerações importantes para sua aceitação estavam: o livro foi escrito por um apóstolo ou então por alguém que conhecia os apóstolos, contando assim com a marca da autoridade apostólica? O livro estava em harmonia com as outras doutrinas aceitas?
3. No fim do primeiro século, todos os 27 livros presentes no cânon atual já tinham sido escritos e aceitos pelas igrejas. Ainda que algumas das listas de livros canônicos fossem incompletas, isso não pode ser sempre interpretado como rejeição a alguns livros. Muitas vezes, apenas informa que alguns livros eram desconhecidos em alguns locais.
4. Como indicação tanto de concordância como de ampla aceitação dos livros do Novo Testamento, devemos observar que, na geração seguinte ao fim da era apostólica, todos os livros do Novo Testamento foram citados como oficiais por algum pai da igreja.⁸

⁸Norman GEISLER & William E. NIX, *A general introduction to the Bible*, Chicago: Moody, 1986, p. 430. [Publicado em português com o título *Introdução bíblica* (São Paulo: Vida, 1997).]

5. Dúvidas ou debates sobre determinados livros continuaram a existir até o século IV. Vale repetir que, até onde sabem os historiadores, a lista de 27 livros aparece pela primeira vez na mensagem de Páscoa de Atanásio, destacado líder da igreja, em 367 d.C.
6. Os 27 livros de nosso Novo Testamento foram ratificados pelo Concílio de Hipona (393 d.C.) e pelo III Concílio de Cartago (397 d.C.).

A *New Catholic encyclopedia* [*Nova enciclopédia católica*]⁹ afirma: “O cânon, já indiscutivelmente implícito na era apostólica, tornou-se aos poucos manifesto por causa de diversos fatores providenciais que o formaram e determinaram”.¹⁰ Os concílios da igreja não tinham nenhum conhecimento ou poder que não estivesse ao alcance de todos os cristãos. Não houve nenhum processo de canonização politicamente engendrado.

SERIA POSSÍVEL QUE A IGREJA TIVESSE SE ENGANADO?

Vimos neste capítulo como o povo de Deus reconheceu determinados livros como Escritura inspirada tão logo iam sendo escritos. Esse povo foi cuidadoso na observância de tudo o que os apóstolos ensinaram e escreveram, crendo estes serem representantes do Cristo que, por sua vez, conheceram pessoalmente.

⁹Publicada no Brasil com o título *Nova enciclopédia católica*, Rio de Janeiro: Renes, 1969.

¹⁰Cit. Don KISTLER, org., *Sola Scriptural!: the Protestant position on the Bible*, Morgan: Soli Deo Gloria Publications, 1995, p. 19.

Mas será possível que a igreja tenha se equivocado? Creemos que foi a igreja *falível* que escolheu a lista *infalível* dos livros que compõem nosso Novo Testamento. Em teoria, a igreja poderia ter errado, pois a igreja não é infalível. Mas não existe razão para crer que isso tenha acontecido. Em primeiro lugar, nenhum outro livro apresenta alegações plausíveis para ser incluído no cânon do Novo Testamento. Os evangelhos gnósticos, como o *Evangelho de Tomé*, simplesmente não passam nos testes necessários para inclusão, sendo o mais importante o fato de não estarem em harmonia com a regra de fé. A quem pensa que a igreja errou, eu digo: “Exponha seus argumentos, mostre-me qual livro deveria ser incluído e por quê”.

Em segundo lugar, existem muitas provas circunstanciais demonstrando a condução divina do processo de seleção dos livros que a igreja concordou serem canônicos. Considerando as distâncias geográficas, as dificuldades de comunicação e a diversificada formação cultural das igrejas, tal concordância é extraordinária.

Ainda lhe perturba o fato de cremos serem infalíveis as Escrituras selecionadas pela igreja falível? Isso não devia surpreendê-lo. *Afinal de contas, foram seres humanos falíveis que escreveram as Escrituras infalíveis.* O rei Davi, no Antigo Testamento, e o apóstolo Pedro, no Novo Testamento, são exemplos de escritores cujos pecados e fracassos são notórios. Ainda assim, Davi escreveu Salmos infalíveis, e Pedro, que negou a Cristo, escreveu duas epístolas infalíveis. Da mesma forma, uma igreja falível poderia ser liderada por Deus na escolha de uma lista infalível de livros.

Se você tem dúvidas quanto à inclusão de outros livros, digo-lhe que passe algum tempo lendo os evangelhos gnósticos ou os supostos livros perdidos da Bíblia. Você descobrirá que estão repletos de doutrinas sem nexos, superstições e heresias ridículas. Então examine as Escrituras e ficará impressionado, não pelas semelhanças entre os livros bíblicos e esses textos deploráveis, mas pelas enormes diferenças.

Afirma-se que as Escrituras foram “inspiradas por Deus”. Não se reconhece a mesma autoridade em concílios da igreja ou em “palavras de conhecimento”. Voltemo-nos para as palavras de Paulo: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra” (2Tm 3.16,17).

Somente um seletivo grupo de livros satisfaz critérios tão elevados.

cinco

Uma bem-sucedida busca por Jesus

Mas você me disse que o Novo Testamento se baseou em um monte de invenções.

Langdon sorriu.

— Sophie, toda fé do mundo se baseia em invenções. É essa a definição de *fé* — aceitação daquilo que imaginamos ser verdade, que não podemos provar.¹

Logo em seguida, a discussão em *O código Da Vinci* passa à suposta existência de milhares de documentos secretos que provariam cientificamente que o Novo Testamento é um depoimento fraudulento. No entanto, por mais incrível que pareça, Langdon não é a favor de trazer à tona documentos que destruiriam o cristianismo. Ele não

¹BROWN, *O código Da Vinci*, p. 362.

deseja arruinar a fé dos cristãos e, por sinal, nem de nenhuma outra religião.

Então continua: “Aqueles que realmente entendem suas religiões compreendem que essas histórias são metafóricas [...] A alegoria religiosa tornou-se parte do tecido da realidade. E viver nessa realidade ajuda milhões de pessoas a enfrentarem os desafios da vida e a serem melhores”.² Em outras palavras, a história de Jesus não é verdadeira, mas é útil para a vida neste mundo. Como poderemos ver no capítulo seguinte, isso equivale dizer que é possível desfrutar das folhas ainda que não existam árvores!

E então? Será verdade que o Novo Testamento é baseado em fantasias e que a fé cristã se resume em aceitar o que “imaginamos ser verdade” e “não podemos provar”? O que respondemos a quem nos diz que o Novo Testamento não é confiável? Quão confiáveis são os dados que fundamentam a fé cristã? Você sente sua fé estremecer quando lê que poderia haver, em algum lugar, algo que refute o Novo Testamento?

Esse capítulo responderá às seguintes questões: “Existem boas razões para ainda crer no Jesus tradicional, no Jesus dos credos? Seria verdade que as recentes ações revisionistas prejudicam de tal forma o perfil de Jesus apresentado no Novo Testamento, que ficamos livres para moldá-lo conforme a imagem que desejarmos?”.

JESUS SEMINAR

Talvez nenhum grupo de estudiosos tenha feito mais para tentar desacreditar o perfil do Jesus apresentado no Novo

Testamento que o Jesus Seminar [Seminário sobre Jesus]. Eles se reúnem com regularidade na Califórnia para votar se crêem ou não na veracidade de cada ato ou palavra de Cristo. Os participantes inventaram uma forma criativa de realizar as votações: cada um deposita sua bolinha de plástico em um balde. A cor da bolinha significa a opinião do estudioso. Vermelho significa “Foi Jesus!”; rosa, “Parece ter sido Jesus”; cinza, “Bem, é possível”; preto, “Deve haver algo errado”.

Eles chegaram à conclusão de que apenas 18% das palavras atribuídas a Jesus nos evangelhos podem realmente ter sido ditas por ele. O resto das palavras foi aparentemente forjado pela igreja primitiva e posto na boca de Jesus. É óbvio que a ressurreição de Jesus foi rejeitada, juntamente com todos os outros milagres. Não é de admirar que tenham chegado à conclusão de que Jesus *não* disse “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim” (Jo 14.6). Somente feitos e palavras politicamente corretos são atribuídos a ele.

O propósito declarado desses estudiosos liberais é transformar o modo de as pessoas pensarem sobre Jesus. Suas posições são tornadas públicas e os jornais estão sempre noticiando suas conclusões. Eles querem “libertar a Bíblia dos conservadores religiosos” e crêem que nossa cultura precisa de uma nova visão de Jesus. Vêem a necessidade do Jesus que trate de preocupações modernas como o feminismo, o multiculturalismo, a ecologia e a honestidade na política. O Jesus que não passa de um homem.

Se você, como eu, crê na Bíblia, posso assegurar-lhe que não temos nada a temer com essas especulações subjetivas.

²Ibid., p. 362-3.

Aliás, se nossa compreensão for correta, esses estudiosos, em vez de minar nossa fé, acabam por fortalecê-la! Pois, sem dúvida, tais críticas acabam sendo *mais uma razão para crer que Cristo é quem o Novo Testamento afirma ser!*

Deixe-me explicar.

Em primeiro lugar, não se esqueça de que visões tão radicais como essas são totalmente baseadas nos palpites subjetivos de cada estudioso. Na verdade, cada decisão é tomada com o mais resolutivo preconceito contra os milagres. Na introdução de *The five Gospels* [*Os cinco evangelhos*] (que inclui o *Evangelho de Tomé*), escrita por Robert Funk, fundador do Jesus Seminar, o autor afirma: “O Cristo dos credos e dogmas que vigoraram durante a Idade Média já não pode exigir a aquiescência de quem viu os céus pelo telescópio de Galileu”.³

O raciocínio prossegue afirmando que, como vimos os céus por um telescópio, já não podemos crer no Jesus milagroso. E não se esqueça de que eles não são forçados a essas conclusões por descobertas históricas ou arqueológicas, mas, sim, por convicções preconcebidas e suposições naturalistas conscientemente escolhidas. Sim, esses estudiosos examinaram intensamente a vida e a época de Jesus, mas apenas para dar forma a sua própria visão de quem Jesus realmente foi: Jesus, o homem, o *simples* homem.

Nenhuma evidência histórica faria com que revissem suas conclusões, visto que sua visão naturalista precede a investigação histórica. Movidos pelo forte preconceito contra o

sobrenatural, terminam exatamente onde começam: na mente deles não é possível existir um Jesus sobrenatural.

Uma vez que Jesus é isolado dos relatos de testemunhas oculares, fica-se livre para interpretá-lo conforme o desejo do freguês, com toda a imaginação e criatividade que alguém puder reunir. Jesus é transformado no que desejarmos. Ao comentar sobre o Jesus Seminar, Howard Clark Kee, professor emérito de Novo Testamento na Universidade de Boston, chamou o trabalho feito por eles “desgraça acadêmica”. Disse que seus membros “parecem decididos a descobrir o Jesus livre de todas as características que trazem desconforto aos intelectuais modernos, como demônios, milagres e previsões do futuro”.⁴ Colocamo-nos em terreno muito mais firme quando cremos nos homens que lá estavam, em vez de dar ouvidos a revisionistas de 2 000 anos após esses acontecimentos.

A BUSCA PELO JESUS HISTÓRICO

O esforço para desacreditar o Jesus do Novo Testamento vem de longa data. Os intelectuais liberais vêm tentando durante séculos separar o Jesus histórico (Jesus, o simples homem) daquele a quem chamam “o Cristo da fé”; ou seja, o Cristo das lendas e mitos. Vêm tentando eliminar todas as frases e feitos sobrenaturais encontrados nos evangelhos, com o fim de encontrar esse *homem*, Jesus. Com isso, acabaram chegando a muitos e diferentes “Jesus históricos”; tantos quanto o número de estudiosos. Em vez de escrever uma

³Robert W. FUNK, Roy W. HOOVER & THE JESUS SEMINAR, *The five gospels: what did Jesus really say?*, New York: Scribner, 1993, p. 2.

⁴*U. S. News & World Report*, 1.º jul. 1991, p. 58.

biografia de Cristo, cada estudioso acabou por escrever a dele mesmo!

Essa busca pelo Jesus histórico assemelha-se aos testes psicológicos em que nos mostram uma mancha de tinta, perguntando o que conseguimos ver. Visto que o Novo Testamento era considerado implausível, importando apenas a concepção que a própria pessoa tinha de Jesus, surgiram muitos e distintos perfis de Cristo. Alguns escritores o retrataram como um *hippie* adepto da contracultura; outros o viram como um judeu reacionário, um rabino carismático ou mesmo um feiticeiro homossexual. Albert Schweitzer, o famoso humanitário, escreveu sua biografia de Cristo, concluindo que foi a insanidade de Jesus que o levou a proclamar a própria divindade.

A vida de Cristo é o espelho em que cada estudioso vê o reflexo das próprias dúvidas, ambições e propósitos.

No final das contas, os escritores revelam mais sobre si mesmos que sobre Jesus. Suas contradições imprecisas e opiniões subjetivas acabaram fazendo com que muitos intelectuais se exasperassem, admitindo que a busca pelo Jesus histórico redundou em fracasso. Descobriram que o perfil de Cristo no Novo Testamento é como uma túnica sem emendas; ou seja, não foram capazes de localizar a costura que separaria “Jesus, o simples homem” de “Jesus, o celestial operador de maravilhas”. Nenhuma navalha é bastante afiada para dividir o Novo Testamento com alguma objetividade. Compreendendo que a busca pelo Jesus histórico não levaria a nada, alguns chegaram a concluir que a melhor opção era tão-somente admitirmos não saber absolutamente nada sobre ele.

Você talvez tenha ouvido a história da famosa pintura de Edward Burne-Jones, *Love among the ruins* [*Amor entre as ruínas*]. A obra foi destruída por uma empresa contratada para restaurá-la. Embora fossem alertados de que se tratava de uma aquarela, o que inspirava a maior atenção, fizeram uso do líquido errado e dissolveram a pintura.

Ao longo das eras, os homens têm tentado reduzir a tons de cinza o brilho da imagem de Cristo no Novo Testamento. Têm se esforçado para apagar seus milagres e humanizar suas afirmações. No entanto, até aqui, ninguém encontrou um solvente forte o suficiente para afetar o original, capaz de transformá-lo em uma tela fria e apagada. Independentemente de quem tente misturar seus matizes aos tons de homens comuns, sua imagem permanece inalterada, imune aos que desejam achar uma diferença entre o original e uma pretensa revisão atualizada.

Por mais que tentem, esses incrédulos não conseguem achar o Jesus meramente humano em parte alguma do Novo Testamento. O subjetivismo demonstrado deixou-os com fragmentos aleatórios de informações, mas sem nenhuma visão coerente de Jesus. Vêm-se diante de uma escolha clara: *ou o aceitam como é retratado no Novo Testamento, ou confessam ignorância a seu respeito*. Na prática, deparam com a compreensão de que o Evangelho é ou completamente falso, ou completamente verdadeiro. Decididos a não aceitar o Cristo miraculoso, alguns estudiosos têm optado por afirmar que não deve ter existido Jesus histórico algum!

A questão é que, por mais que nos esforcemos para voltar e achar o verdadeiro Jesus, sempre encontraremos o Jesus

sobrenatural. É a incredulidade, não a erudição, que leva as pessoas a dizer que o Novo Testamento se baseia em “invenções” e que a fé é a “aceitação do que imaginamos ser verdade”.

Agostinho viveu antes de os estudiosos terem atacado as Escrituras com seus caprichos. No entanto, ainda em sua época, as pessoas criam no que queriam e desprezavam o resto. Ele escreveu: “Se você crê na parte dos evangelhos que lhe agrada, rejeitando o que lhe traz desconforto, não é no Evangelho que você crê, mas em si mesmo”.

É isso aí!

UMA AVALIAÇÃO DOS DOCUMENTOS DO NOVO TESTAMENTO

O melhor modo de confirmar a exatidão dos registros neotestamentários é testá-los com os mesmos padrões utilizados na investigação de outros documentos históricos. John Warwick Montgomery, em seu livro *History and Christianity* [*História e cristianismo*], explica com clareza três testes que podem ser aplicados ao Novo Testamento.⁵

Em primeiro lugar, há um teste *biográfico*, que analisa a tradição textual de um documento. Esse teste responde às seguintes perguntas: “Como não estamos de posse do documento original, o texto atual se baseia em cópias confiáveis? Considerando que existe um intervalo de cerca de 250 anos entre os originais e as cópias ainda existentes, é possível ter certeza de que dispomos de uma tradição textual confiável?”.

⁵Downers Grove: InterVarsity, 1971.

A resposta é um inequívoco *sim*. Veja as palavras de *sir* Frederic Kenyon, ex-diretor e bibliotecário chefe do Museu Britânico:

Em nenhum outro caso, o intervalo de tempo entre a composição do texto e a mais antiga cópia existente é tão curto como no caso do Novo Testamento [...] Acreditamos ter cópias exatas, em todos os aspectos, das sete peças completas escritas por Sófocles; todavia, o mais antigo manuscrito confiável em que o texto atual se baseia foi escrito mais de 1 400 anos após a morte do poeta. Ésquilo, Aristófanes e Tucídides encontram-se na mesma situação, ao passo que com Eurípedes o intervalo chega a 1 600 anos. Para Platão podemos chegar a 1 300 anos e, para Demóstenes, menos de 1 200 anos.⁶

Se o intervalo de 250 anos ainda o preocupa, lembre-se de que podemos confirmar o texto do Novo Testamento, de forma independente, por diversos meios. Primeiro, pelos manuscritos em papiros descobertos no Egito. Tais manuscritos são datados de 125 d.C. e trazem fragmentos do Novo Testamento. Segundo, pelas extensas citações do Novo Testamento que encontramos na obra dos primeiros pais da igreja. Isso é visto como mais uma prova de que estavam familiarizados com o Novo Testamento e que o texto que ele continha naquela época é o mesmo que ainda hoje possuímos. Citando Kenyon mais uma vez:

Portanto, o intervalo entre as datas da composição original e da mais antiga cópia confiável é tão pequeno que

⁶Ibid., p. 26-7.

chega a ser, na verdade, insignificante. Foi destruído o último fundamento para qualquer dúvida em relação à precisão existente entre o texto escrito e o que temos em mãos. Tanto a autenticidade quanto a integridade geral dos livros do Novo Testamento devem ser consideradas irrevogavelmente consagradas.⁷

Mesmo considerando os erros cometidos por copistas e levando em conta que os diversos manuscritos trazem variações mínimas, ainda temos um texto bíblico confiável, no qual podemos fundamentar nossa fé. Nenhuma doutrina é afetada por variações de grafia, ordem das palavras ou acréscimo de palavras ou frases explicativas.

O segundo teste é o da *prova intrínseca*, ou seja, as afirmações dos próprios escritores. Eles afirmam ter testemunhado os acontecimentos registrados ou que ao menos receberam suas informações de fonte confiável? João afirmou ter presenciado os fatos do Novo Testamento e diz claramente que estava presente na crucificação (Jo 19.35). Lucas contou dispor de muitos relatos da vida de Cristo e então continuou: “Eu mesmo investiguei tudo cuidadosamente, desde o começo, e decidi escrever-te um relato ordenado, ó excelentíssimo Teófilo, para que tenhas a certeza das coisas que te foram ensinadas” (Lc 1.3,4).

Os escritores do Novo Testamento não caem em descrédito, contradizendo uns aos outros ou descambiando para divagações místicas. Seus momentos de dúvida e ceticismo serviram de incentivo para que buscassem a verdade, a fim de que pudessem escrever com credibilidade. Muitos dos

livros do Novo Testamento foram escritos estando as testemunhas dos acontecimentos ainda vivas. Em alguns casos, os escritores recorriam uns aos outros para verificar se o que escreviam era correto. Quando Paulo defendeu a ressurreição física de Cristo, citou pessoas ainda vivas que podiam comprovar o que dizia (1Co 15.6).

Para terminar, há o teste da *prova extrínseca*. Existem outros documentos históricos que confirmem ou neguem o conteúdo do material em questão? Não dispomos de espaço para recorrer à arqueologia, a não ser para dizer que, na maioria dos casos, ela confirma os registros bíblicos. Seja a *história de Abraão, a existência dos hititas, ou detalhes sobre o reinado de Salomão*, o Antigo Testamento tem repetidamente comprovado que seus relatos históricos são confiáveis.

Quanto ao Novo Testamento, a cada ano ocorrem novas descobertas que atestam a fidedignidade de seus registros. E não podemos deixar de acrescentar que o famoso historiador Josefo mencionou a ressurreição de Cristo. “Naquela época vivia Jesus, homem sábio, de excelente conduta e virtude reconhecida [...] Pilatos ordenou que fosse crucificado e morto, mas aqueles que foram seus discípulos não voltaram atrás. Afirmaram que ele lhes havia aparecido três dias após sua crucificação e que estava vivo”.⁸

SERIA POSSÍVEL QUE OS DISCÍPULOS TIVESSEM FORJADO A HISTÓRIA?

Não teria sido possível, como sugerem os teólogos liberais, que os seguidores de Jesus tivessem inventado histórias a

⁷Ibid., p. 28.

⁸*The essential writings*, tradução de Paulo Maier, Grand Rapids: Kregel, 1988, p. 264. [Publicado em português com o título *História dos hebreus* (Rio de Janeiro: CPAD, 1998).]

respeito dele por desejarem transformar um simples homem no Filho de Deus? Obviamente, é isso que aprendemos com o Jesus Seminar e com outros que tentam despojar a divindade de Jesus.

Montgomery observou que essa teoria é simplesmente inadmissível. Em primeiro lugar, Jesus teria sido um péssimo candidato à deificação. Seus ensinamentos contradiziam as expectativas messiânicas existentes na época. Os judeus da época esperavam um messias que viesse com uma espada para expulsar os romanos, restaurando a nação judaica. Como explica S. W. Baron, em *Social and religious history of the Jews* [*História social e religiosa dos judeus*], o consenso comum era de que o Messias uniria Israel e Judá contra os romanos.⁹ Isso passa longe de Jesus, que disse: “O meu Reino não é deste mundo” (Jo 18.36). Como disse Montgomery: “Somente o fato de os oficiais judeus crucificarem a Jesus por blasfêmia já é prova suficiente para rejeitar a idéia de que Jesus satisfazia os sonhos messiânicos da época!”¹⁰

Em segundo lugar, os seguidores de Jesus jamais teriam declarado que um homem era Deus; tamanho delito seria impensável. Isso teria contrariado as doutrinas da ideologia judaica do primeiro século. Duas leis eram fundamentais para a fé judaica: 1) a unidade de Deus e 2) o primeiro mandamento, que diz: “Não terás outros deuses além de mim” (Êx 20.3). Tomar um simples homem e atribuir-lhe divindade seria sacrilégio do mais alto grau. A punição para tal crime era o apedrejamento.

⁹2. ed., New York: Colombia University Press, 1952, apud MONTGOMERY, *History and Christianity*, p. 68.

¹⁰MONTGOMERY, *History and Christianity*, p. 68-9.

Só há um motivo sensato para Jesus ter sido retratado como Deus no Novo Testamento: o próprio Jesus afirmou isso e o peso das provas convenceu os discípulos de que ele dizia a verdade. Os discípulos eram pescadores, pessoas práticas e relutantes, cujo ceticismo precisou ser superado por um homem que afirmava ser o Messias e dispunha de milagres e sabedoria para prová-lo!

Tomé, por exemplo, não estava propenso a crer na ressurreição, ainda com o testemunho de dez homens. Ele disse: “Se eu não vir as marcas dos pregos nas suas mãos, não colocar o meu dedo onde estavam os pregos e não puser a minha mão no seu lado, não creerei” (Jo 20.25).

Jesus, graciosamente, atendeu o seu pedido. Atravessou uma porta trancada e disse: “Coloque o seu dedo aqui; veja as minhas mãos. Estenda a mão e coloque-a no meu lado. Pare de duvidar e creia”. E a resposta de Tomé? “Senhor meu e Deus meu!” (Jo 20.26-28).

Não parece tratar-se de um homem crédulo, disposto a crer em histórias fantasiosas sobre um pretense messias. O perfil de Jesus nos evangelhos não poderia ter sido inventado. A exemplo do centurião que viu Cristo expirar, somos levados a juntar nossas vozes aos que dizem: “Realmente este homem era o Filho de Deus!” (Mc 15.39).

TESTEMUNHO OCULAR

O apóstolo Pedro, sabendo que sua morte se aproximava, quis deixar para seus leitores o último testemunho sobre a historicidade de Jesus. Ele escreve: “Considero importante, enquanto estiver no tabernáculo deste corpo, despertar a memória de vocês, porque sei que em breve deixarei este

tabernáculo, como o nosso Senhor Jesus Cristo já me revelou. Eu me empenharei para que, também depois da minha partida, vocês sejam sempre capazes de lembrar-se destas coisas” (2Pe 1.13-15). Em seguida, apresenta um eloqüente relato do que viu enquanto estava com Jesus.

Nos tempos de Pedro, os falsos mestres — e cada época tem os seus — atacavam a doutrina da volta de Jesus em glória. Considerando a estabilidade das leis naturais, eles diziam: “Desde que os antepassados morreram, tudo continua como desde o princípio da criação” (2Pe 3.4).

Agora já havia uma resposta de Pedro.

Vimos a transformação do Filho

Previendo quem *não* creia no Jesus operador de milagres, Pedro disse: “De fato, não seguimos fábulas engenhosamente inventadas, quando lhes falamos a respeito do poder e da vinda de nosso Senhor Jesus Cristo; ao contrário, nós fomos testemunhas oculares da sua majestade” (2Pe 1.16). Poderíamos traduzir a expressão grega como “não seguimos lendas capciosas”. Os apóstolos não foram arrebatados pelo fanatismo, nem estavam inclinados a aceitar relatos questionáveis que não pudessem ser verificados.

Pedro continua: “Ele recebeu honra e glória da parte de Deus Pai, quando da suprema glória lhe foi dirigida a voz que disse: ‘Este é o meu filho amado, em quem me agrado’” (2Pe 1.17). Ele tinha o direito de falar, pois estava no monte da transfiguração e viu com os próprios olhos a glória e a honra dadas a Jesus.

Pedro afirma que eles não viram um milagre por estar procurando algum, mas foram surpreendidos assim como

qualquer outra pessoa seria! Isso está de acordo com o que nos diz João, que também foi testemunha ocular da majestade de Jesus: “Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade” (Jo 1.14).

Assim, Pedro, Tiago e João viram em primeira mão a glória que o Filho de Deus terá no Reino vindouro. Não eram apenas homens curiosos explorando a possibilidade da fé cristã, mas foram convidados a vislumbrar Jesus sem as limitações da carne. Tiveram experiências pessoais com Deus e sabiam que a promessa feita por Jesus do Reino vindouro não morreria com ele.

Ouvimos a voz do Pai

Pedro continua: “Nós mesmos ouvimos essa voz vinda dos céus, quando estávamos com ele no monte santo” (2Pe 1.18).

Pedro afirma que eles *viram e ouviram*. Imagine a arrogância das pessoas que acreditam ter a melhor compreensão de fatos ocorridos há mais de 2 000 anos em detrimento dos que testemunharam sua majestade! Em quem acreditaremos? Creremos naqueles com um forte preconceito contra o sobrenatural ou em quem estava lá e viu tudo? Pessoalmente, espero que você me acompanhe e creia naqueles que nos asseguram não ter ido atrás de mitos sofisticados!

Confirmamos o que foi dito pelo Espírito

Então Pedro lembra aos leitores que as experiências dos discípulos confirmaram as profecias. “Assim, temos ainda mais firme a palavra dos profetas, e vocês farão bem se a ela prestarem atenção, como a uma candeia que brilha em lugar

escuro, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça no coração de vocês” (2Pe 1.19). Alguns interpretam essa passagem como a forma de Pedro dizer que a profecia era garantia ainda maior que seu relato. Em outras palavras, as previsões dos profetas eram o argumento ainda mais forte a favor da segunda vinda de Jesus.

Essas palavras também podem ser interpretadas da seguinte maneira: “O que vimos no monte da transfiguração nos dá certeza ainda maior de que as profecias sobre a segunda vinda devem ser verdadeiras”. A glória que viram no monte é a prova mais forte de que os profetas falaram a verdade. Moisés e Elias também estavam lá. Moisés representava a Lei e Elias representava os Profetas. Tanto a Lei como os Profetas apontavam para Cristo.

E Pedro acrescenta: “Antes de mais nada, saibam que nenhuma profecia da Escritura provém de interpretação pessoal, pois jamais a profecia teve origem na vontade humana, mas homens falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo” (2Pe 1.20,21). No Antigo Testamento, o falso profeta era reconhecido por inventar mensagens e confundir seus pensamentos com os pensamentos de Deus (Ez 13.3). O verdadeiro profeta, não raro, precisava proferir palavras contra a própria vontade. Muitas vezes trazia mensagens duras que ninguém ousaria inventar.

No final, Pedro diz que a Trindade confirmou a divindade de Jesus. Os discípulos *viram* o Filho, *ouviram* o Pai e *confirmaram* que as profecias eram inspiradas pelo Espírito Santo. Desse modo deparamos com uma decisão: “Em qual opinião devemos crer? Nos que querem desacreditar o Cristo politicamente incorreto ou nas testemunhas fidedignas dos

acontecimentos do primeiro século?”. Se o Novo Testamento estivesse baseado em mentiras, sua credibilidade já teria sido destruída há muito tempo.

Vejamos as palavras de Bernard Ramm:

Por mais de mil vezes, sou o dobre de sepultamento da Bíblia. O cortejo fúnebre foi formado, as inscrições da lápide foram feitas e a encomenda da alma foi lida. De alguma forma, porém, o corpo nunca fica quieto no lugar.

Nenhum outro livro foi tão picado, fatiado, peneirado, examinado e difamado. Que livro sobre filosofia, religião ou psicologia tem sofrido ataque semelhante ao enfrentado pela Bíblia? Que bela obra clássica ou moderna tem sido alvo de tal peçonha e ceticismo? Onde temos visto ataques tão esmerados e eruditos? Ataques a cada capítulo, linha e princípio?

A Bíblia ainda é amada por milhões e estudada por milhões.¹¹

Talvez possamos achar o motivo da longevidade da Bíblia não nos homens que a escreveram, mas no Deus que a inspirou. “A relva murcha, e as flores caem, mas a palavra de nosso Deus permanece para sempre” (Is 40.8).

Em *O código Da Vinci*, Dan Brown afirma a existência de milhares de documentos secretos que contestam o cristianismo. Vamos pagar para ver e insistir na apresentação desses documentos ao mundo! Não passa de um golpe baixo fazer tal afirmação sem oferecer a menor prova. É preciso

¹¹*Protestant Christian evidences*, Chicago: Moody, 1957, p. 232-3.

estar realmente desesperado para defender o *ceticismo* com base em documentos *imaginários*.

Fazemos bem em nos curvar diante do Cristo do Novo Testamento, aceitando suas afirmações e crendo que sua crucificação foi um sacrifício pelos pecadores. Ao assim fazer, desfrutamos da seguinte promessa: “Contudo, aos que o receberam, aos que creram em seu nome, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus, os quais não nasceram por descendência natural, nem pela vontade da carne nem pela vontade de algum homem, mas nasceram de Deus” (Jo 1.12,13).

seis

Caminhos discordantes: a igreja e seus adversários

Nada é original no cristianismo. O Deus pré-cristão Mitras — chamado *Filho de Deus e Luz do Mundo* — nasceu no dia 25 de dezembro, morreu, foi enterrado em um sepulcro de pedra e depois ressuscitou em três dias”.¹ Essa afirmação de *sir* Leigh Teabing, personagem de *O código Da Vinci*, acusa a igreja do Novo Testamento de tomar suas doutrinas “emprestadas” da história de outro deus presente nas tradições pagãs. É natural concluir daí que o cristianismo se baseia em mitologia e, diga-se de passagem, de mitologia *roubada*.

Podemos afirmar com segurança que o cristianismo não tomou suas doutrinas sobre Jesus por empréstimo das lendas de Mitra, populares na Roma

¹BROWN, *O código Da Vinci*, p. 249.

antiga. Em primeiro lugar, o Antigo Testamento previu a vida, morte e ressurreição de Jesus centenas de anos antes de surgirem as superstições a respeito de Mitra. No livro de Isaías, escrito cerca de setecentos anos antes da época de Cristo, encontramos profecias sobre o nascimento virginal de Jesus (7.14), seu martírio (52.14) e sua crucificação (53.1-11). Em Salmos, temos uma prévia de sua ressurreição (16.10). Podemos acrescentar dezenas de outras profecias que se cumpriram na vida e na morte de Jesus. De forma singular, o Novo e o Antigo Testamento se encaixam como uma luva. Como alguém já disse: “O Novo está escondido no Antigo, e o Antigo se revela no Novo”.

Diversas superstições contraditórias são associadas a Mitra. Isso se deve em grande parte ao fato de os seguidores de Mitra não manterem registros escritos, preferindo transmitir sua fé por meio de rituais secretos. Tudo o que sabemos sobre esse movimento vem de adversários que se opunham a essas lendas.

Em linhas gerais, acredita-se que Mitra foi um deus tanto dos antigos persas como dos arianos da Índia, que fizeram dele um de seus doze principais deuses. No zoroastrismo, ele era um anjo, o deus da “luz celestial”. Em Roma, Mitra era associado às religiões de mistério e honrado pelos militares como o deus da guerra.

Graças a essas diversas visões, o culto a Mitra estava em constante evolução, adaptando-se às necessidades específicas de grupos ou culturas. Naturalmente, essa religião pode ser interpretada de diversas formas, sendo difícil definir suas doutrinas. O mais provável é que essas lendas, envolvendo Mitra num nascimento miraculoso e tornando-o um “deus

salvador”, tenham sido formadas a partir de histórias sobre Jesus, passando a existir após o surgimento do cristianismo na Roma do primeiro século.

Já demonstramos que a fé cristã tem suas raízes firmadas em fatos históricos, não em mitologia. A igreja primitiva opunha-se ao paganismo de forma resoluta e fez todo o possível para garantir que a igreja não adotasse seus mitos e práticas. Neste capítulo, examinaremos mais provas que sustentam a originalidade do cristianismo.

Talvez a melhor forma de demonstrar a diferença radical entre o cristianismo e todas as demais religiões e superstições seja compará-lo ao gnosticismo antigo, apresentado hoje em dia como “outra forma de cristianismo”. Veremos o motivo por que alguns leitores de *O código Da Vinci* preferiram seus ensinamentos ao cristianismo. Embora muitas pessoas acreditem que todas as religiões do mundo são essencialmente a mesma coisa, existindo apenas diferenças superficiais, veremos que a verdade é justamente o oposto: *o cristianismo é essencialmente distinto, sendo apenas superficialmente semelhante a outras religiões e filosofias*. É na verdade algo bastante original.

CRENÇAS PREDOMINANTES

Hoje em dia, é notório que as pessoas procuram conectar-se ao mundo metafísico. Caminhe por uma livraria e verá muitas prateleiras dedicadas à busca espiritual. Temos livros e programas de televisão que falam sobre cura e espiritualidade, autoconhecimento e espiritualidade e, lógico, sexo e espiritualidade. Existem muitos caminhos, e todos

são convidados a escolher um caminho próprio para a realização pessoal.

Milhões de pessoas que jamais ouviram falar da palavra *gnosticismo* são seguidoras de suas doutrinas básicas. Compreender o gnosticismo é compreender o porquê de ele ser tão atraente para a geração atual, comprometida com a diversidade e com a espiritualidade do tipo “faça você mesmo”. Ao compararmos as crenças dos gnósticos com a fé cristã histórica, estamos na verdade fazendo uma crítica do ambiente religioso atual.

Embora o gnosticismo fosse um movimento extremamente heterogêneo, detentor de muitos ensinamentos complicados, abordaremos sua doutrina sobre Jesus em sua forma mais conhecida. O tempo e o espaço exigem que limitemos o assunto a apenas alguns ensinamentos sobre Jesus, os quais aparecem em apenas alguns dos textos. Para uma abordagem mais ponderada do gnosticismo, existem excelentes obras à disposição.²

QUAL JESUS?

Em geral, podemos dizer o seguinte: os gnósticos acreditavam que a morte, o sepultamento e a ressurreição de Jesus eram irrelevantes. Acreditavam que esses acontecimentos não tinham nenhum efeito sobre a nossa salvação. O que lhes interessava era a presença imediata de Cristo, acessível

²Edwin M. YAMAUCHI, *Pre-Christian Gnosticism: A survey of the proposed evidences*, Grand Rapids: Eerdmans, 1973. Esse ótimo livro analisa o gnosticismo primitivo e seu relacionamento com a igreja.

a todos os que experimentassem a *gnosis*, ou seja, a iluminação disponível a todos os despertados para ela. Desse modo, eles incentivavam a experiência direta com Deus, sem a intermediação de Cristo e sem as restrições da igreja.

Os gnósticos não viam a morte de Jesus como o ato de expiação, mas, sim, a oportunidade para descobrir o eu divino dentro de cada um.³ Até mesmo os gnósticos para quem Jesus morrera a favor de outras pessoas não viam expiação alguma nesse ato, mas, sim, a forma de despertar os outros para as possibilidades divinas deles mesmos. Como *logos*, Jesus podia transcender a morte e trazer a *gnosis*. (Muitas vezes, a palavra *logos* era usada pelos gnósticos com respeito à razão, ou em relação a um tipo especial de conhecimento.)

Quanto à ressurreição, os gnósticos eram unânimes em rejeitar a ressurreição física de Jesus. Certo escritor referiu-se a isso como “fé de tolos”. Por esse motivo, a ressurreição não era considerada um acontecimento singular, em que um homem venceu a morte e retornou de fato de sua sepultura. Em vez disso, era interpretada simbolicamente, como metáfora que explicava como a presença de Cristo podia ser experimentada. O importante não era ver uma forma física voltar dos mortos, mas, sim, experimentar a “visão espiritual”. Por isso, no *Evangelho de Maria*, as aparições posteriores à ressurreição são retratadas como visões, sonhos e transes.⁴

³Elaine PAGELS, *The Gnostic Gospels*, New York: Random, 1979, p. 95.

⁴Ibid., p. 11.

Ainda que os gnósticos cressem que essas visões eram acontecimentos reais, permanece o fato de eles negarem a historicidade do Novo Testamento, ou a considerarem irrelevante. Para eles, o que importava era a experiência imediata de Cristo, não os acontecimentos relacionados às experiências dele na terra.

Cristo é um auxílio para nós, mas não fez nada que fosse indispensável a nossa salvação. Na mente deles, a vida de Jesus na terra não foi um acontecimento indispensável, ocorrido no passado, no qual Deus veio à terra para resgatar a humanidade. Jesus devia ser honrado, mas não adorado como mediador ou redentor divino.

AUTO-SALVAÇÃO

Para os gnósticos também, quando encontramos a Deus, estamos na verdade encontrando a nós mesmos, pois o conhecimento do eu é o conhecimento de Deus. Assim, a teologia é na verdade antropologia. O que realmente fazemos é acender a chama do sagrado existente em cada um de nós. Deus, independentemente do modo que o definirmos, seja masculino, seja feminino, é na verdade uma extensão de nós mesmos.

No *Evangelho de Tomé*, quando os discípulos perguntam a Jesus sobre aonde deveriam ir, ele responde: “Há luz no interior do homem de luz e ele ilumina o mundo inteiro. Se ele não brilha, ele é escuridão”.⁵ Dessa forma, não somos conduzidos para Cristo, que existe fora de nós como nosso

salvador. Em vez disso, a fim de nos salvar, devemos olhar para a luz que há dentro de nós.

No *Evangelho de Filipe*, descobrimos uma visão ainda mais radical de nosso relacionamento com Deus. Ele diz: “Deus criou o homem; [mas agora os homens] criaram Deus. É desta maneira que são as coisas no mundo: os homens criam deuses e adoram sua criação. Seria apropriado que os deuses adorassem os homens!”.⁶

De acordo com essa teoria, nem Jesus nem qualquer outro líder religioso é Deus de forma exclusiva. Todos podemos ser deuses e, na verdade, podemos fazer nosso deus! O problema do homem, de acordo com os gnósticos, não é o pecado, mas a ignorância. Precisamos apenas saber como acessar a *gnosis* e então experimentar nossa iluminação. Em vez de ser salvo por uma força exterior, o homem deve resgatar a si mesmo. As pessoas são completamente livres para criar o próprio Deus conforme sua imagem e semelhança.

É desnecessário dizer que não precisamos crer em determinado conjunto de doutrinas para ser salvos. Mestres podem servir ao propósito específico de liderar-nos na direção da verdade, mas, para termos a suprema experiência da *gnosis*, precisamos prosseguir por conta própria. Aliás, para alguns gnósticos, submeter-se à hierarquia religiosa significa submeter-se a “guias cegos”, cuja autoridade provém do criador maligno.⁷ Na prática, os sistemas

⁵Ibid., p. 120.

⁶Ibid., p. 122.

⁷Ibid., p. 110-1.

doutrinários são vistos como obstáculos para o progresso pelo caminho gnóstico.

OS GNÓSTICOS ONTEM E HOJE

Os gnósticos com certeza aprovaram o Parlamento das Religiões Mundiais, a que compareci em 1993. No total, cerca de 6 500 representantes de todas as partes do mundo se reuniram para discutir a possibilidade de unificação das religiões mundiais. As premissas básicas eram as seguintes:

- Nenhuma religião é superior às demais.
- As doutrinas deveriam ser vistas como caminhos subjetivos necessitados de revisão, não como verdades inflexíveis.
- O proselitismo deveria ser proibido, pois tentar persuadir outras pessoas a crer em uma religião específica só serve para despertar o fantasma da exclusividade e a temível palavra *superioridade*.
- O que mais importa é procurar a experiência religiosa conforme os gostos e as inclinações pessoais.

Os gnósticos concordariam em que o caminho tomado não importa, contanto que experimentemos nossa *gnosis* — o centro místico onde experimentamos a iluminação.

No Parlamento encontrei pessoas que diziam: “Eu sou budista cristão” ou “Faço parte do cristianismo da Nova Era”. As pessoas falavam sobre tirar o melhor da cada religião e criar sua mistura, formando uma religião com as crenças de sua preferência. Em muitas seções, Jesus era

falsamente louvado. Algumas pessoas afirmavam sua importância para o Ocidente, mas não para o Oriente. Outros diziam que ele foi um grande mestre e até mesmo uma excepcional revelação de Deus, mas apenas uma dentre muitas revelações semelhantes.

O retorno do gnosticismo aos círculos cristãos deve-se a sua sintonia com a atual tendência da igreja. Um movimento rumo à diversidade religiosa e ao encontro de uma postura que insiste em que o caminho para Deus não pode ser bem definido. Nessa visão, ninguém tem o direito de dizer: “Este é o caminho errado!”. A autoridade reside em cada indivíduo e não deve ser imposta por ninguém, nem mesmo por Jesus. Em outras palavras, é perfeitamente aceitável termos experiências místicas não vinculadas a nenhum fato importante na vida do Jesus histórico.

Há pouco tempo, ouvi em um programa de entrevistas um médium que afirmava se comunicar com os mortos. Quando lhe perguntaram se havia algum julgamento após a morte, ele disse: “Não. Quando morremos, nós mesmos nos julgamos”. Se os gnósticos tivessem crido no juízo final (a maioria não cria), teriam certamente concordado com essa opinião. Se somos capazes de salvar a nós mesmos, também podemos julgar a nós mesmos.

Assim, se cada pessoa busca a Deus a sua maneira e se há alguma verdade em toda e qualquer religião, por que falar de Jesus como se ele fosse a única opção sensata? Já ouvi pessoas me dizerem que, se Jesus funciona para mim, tudo bem; mas, se alguma coisa funciona melhor para outra pessoa, não há problema. Por que não sermos tolerantes

e aceitarmos as opções disponíveis em nossa cultura diversificada e heterogênea?

O GRANDE DIVISOR DE ÁGUAS

Então, o que diferencia o cristianismo da mitologia mitraica e do misticismo gnóstico? Como podemos ter certeza de que temos algo original e não a cópia de alguma outra fé? Sem dúvida é possível que pessoas de várias crenças tenham alguma espécie de experiência religiosa, mas, deixados por conta própria, somos como formigas passeando sobre um quadro de Rembrandt. Percebemos a aspereza da tela e as cores mudando sob nossos pés, mas somos incapazes de compreender o que vemos. A revelação de Deus no Novo Testamento nos ajudará a encontrar o caminho.

Começamos por observar que o cristianismo distingue-se das outras crenças em sua compreensão do pecado. Longe de crer que Deus é essencialmente como nós, os cristãos compreendem a clara doutrina bíblica de que transgredimos as leis de Deus e não somos capazes de, por conta própria, voltar a ter comunhão com nosso Criador. Essa doutrina do pecado original (e nosso conseqüente comportamento ímpio) repercute profundamente em nossas experiências. Ninguém que tenha lido estas páginas escapou do sofrimento da injustiça, dos efeitos sufocantes do egoísmo e das dores lancinantes do remorso.

Creio que foi G. K. Chesterton quem afirmou não conseguir compreender por que alguém negaria o pecado original, visto que é a única doutrina que pode ser comprovada no dia-a-dia ao lermos um jornal! Lemos sobre o mal

perpetrado por outras pessoas e, se formos honestos, sabemos intuitivamente que somos capazes de atos essencialmente iguais. Também sabemos por intuição que, além de nós mesmos, somos responsáveis perante mais alguém. A culpa não é um sentimento que pode ser esquecido. Uma consciência culpada indica o reconhecimento íntimo de que violamos nossos padrões e de que, algum dia, seremos chamados a prestar contas perante o Único que conhece os segredos de nossa alma.

Agora junte isso com a doutrina bíblica da santidade de Deus. As Escrituras o apresentam como puro, imaculado e sem defeito. Ele é o Criador, Provedor e Juiz a quem devemos prestar contas. A Bíblia nega a idéia de que podemos chamar a nós mesmos de Deus, agindo como se tivéssemos os sinais da divindade. Aliás, essa foi a primeira mentira da religião demoníaca encontrada em Gênesis 3. Com certeza somos criaturas feitas à imagem de Deus, mas em nossa essência jamais seremos como ele.

Então entra Jesus.

Jesus é o único que possui as qualificações de um salvador; ou seja, a capacidade de selar a brecha existente entre nós e o Deus da Bíblia. Jesus pode contar-nos sobre Deus, dizer o que espera de nós e em que termos está disposto a se associar a nós. Para resumir, descobrimos em Jesus alguém com informações privilegiadas. Alguém apto a falar em nome de Deus. Graças a Jesus, podemos ter a fé que supre perfeitamente nossas necessidades. Nele, encontramos o Deus redentor.

Para ser claro, Jesus insistia que sua vinda a esse mundo foi um acontecimento histórico único que jamais voltará a

se repetir, no qual a salvação foi comprada para os que nele confiam. Ele precisava estar fisicamente presente para que esse ato de expiação fosse consumado. Tão fisicamente presente como os bombeiros que salvaram vidas na tragédia que ocorreu em Nova York, em 11 de setembro. Doutrinas e idéias maravilhosas não podem salvar alguém preso em um incêndio.

Embora um simples homem possa resgatar outro ser humano de um prédio em chamas, somente um homem divino pode nos reconciliar com Deus. Logo, somente o Jesus divino e humano pode nos trazer à presença do Deus, contra cuja justiça pecamos. Esse Jesus precisou nascer como homem, morrer e se sacrificar por nossos pecados. O sacrifício recebido pelo Pai durante as seis horas que esse homem-Deus ficou pendurado na cruz.

Nossos pecados são tão reais quanto os de um ladrão que rouba dinheiro de uma caixa-forte. E, como a compensação exige que o dinheiro seja repostado, também o pagamento pelo nosso pecado precisou ser feito antes de nos reconciliarmos com Deus. Idéias não podem fechar a brecha existente entre nós e Deus. Somente um ato de expiação pode fazer isso.

Naturalmente, não quero dizer que o pagamento feito por Jesus na cruz teve uma conotação física, como se fosse um bolo de notas de cem dólares. No entanto, lemos: “Pois vocês sabem que não foi por meio de coisas perecíveis como prata ou ouro que vocês foram redimidos da sua maneira vazia de viver, transmitida por seus antepassados, mas pelo precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro sem mancha e sem defeito” (1Pe 1.18,19). Jesus teve de morrer; seu

sangue teve de ser derramado; ele teve de suportar nosso pecado; a justiça do Pai precisava ser satisfeita.

Que os pagãos, antigos ou modernos, peguem o que quiserem das palavras de Jesus. Mas, se negam que sua morte e ressurreição foi a parte principal de sua missão, estão negando o que significa ser cristão. Reduza o impacto de Jesus a seus ensinamentos, e você estará extirpando o cerne do que o Novo Testamento continuamente chama Evangelho: as boas novas.

Essa insistência obstinada em confirmar a vinculação do cristianismo à historicidade de Jesus levou Paulo a mencionar que a ressurreição física poderia ser verificada pelas quinhentas pessoas que efetivamente viram a Jesus. Levou-o também a afirmar que muitas testemunhas continuavam vivas na época. Ele então acrescenta: “E, se Cristo não ressuscitou, inútil é a fé que vocês têm, e ainda estão em seus pecados” (1Co 15.17).

A encarnação é a grande linha divisória entre o cristianismo e o gnosticismo e, a propósito, também entre o cristianismo e o islamismo. Na fé islâmica, a encarnação é uma grande blasfêmia. Os muçulmanos acreditam que Alá não pode ter contato direto com o mundo. Já o cristianismo ensina que não somos salvos pelos exemplos ou idéias de Cristo; nem somos salvos por termos uma revelação ou visão com ele. Nossa *gnosis*, por mais que tenha sido bem elaborada e experimentada, não pode eliminar os obstáculos que nosso pecado fez surgir entre Deus e nós.

Isso explica por que os primeiros escritores cristãos se recusaram a misturar o cristianismo com as outras religiões. Com certeza não estavam interessados em “tomar

emprestado” qualquer coisa das crenças pagãs, opondo-se fortemente a elas. Embora outras religiões possam ter doutrinas éticas semelhantes às do cristianismo, elas diferem em uma questão fundamental: a encarnação e o que ela realizou.

Todas as formas de espiritualidade que afirmam sermos capazes de chegar a Deus (independentemente de como o definam) por conta própria opõem-se claramente à obra salvadora de Deus por intermédio de Cristo. Esse abismo, infinito e intransponível, opõe o gnosticismo ao cristianismo sem nenhuma esperança de chegar ao meio-termo. Somente quem não compreende a verdadeira natureza do cristianismo pode chamar o gnosticismo “forma alternativa de cristianismo”.

As boas novas do Novo Testamento dizem que Deus nos deu o ministério de reconciliação, “ou seja, que Deus em Cristo estava reconciliando consigo o mundo, não levando em conta os pecados dos homens” (2Co 5.19). O cristianismo declara que a salvação de Deus para o mundo compreende a encarnação e os atos subsequentes de Jesus sobre a terra.

DEUS, SIM... MAS POR QUE JESUS?

Muitas vezes ouvimos “Gosto de Deus, mas não de Jesus”, como se existissem muitos caminhos para chegar a Deus. A Bíblia faz duas advertências. Em primeiro lugar, alerta para não adequarmos Deus a nossas preferências: “Não terás outros deuses além de mim” (Êx 20.3), o primeiro mandamento. As palavras tinham acabado de ser escritas na tábuca de pedra de Moisés, e os israelitas já tinham violado o

mandamento fabricando um bezerro de ouro. Também cometemos idolatria quando idealizamos um deus conforme nosso entendimento.

Mas a Bíblia apresenta um segundo alerta: devemos nos acercar ao Deus certo *da maneira correta*. Caim e Abel dirigiram-se ao Deus certo, mas um trouxe uma oferta que foi aceita, enquanto a do outro foi rejeitada. O Novo Testamento fala dos que “seguiram o caminho de Caim” (Jd 1.11), ou seja, que imaginam poder vir a Deus da forma que desejam e em seus termos.

Nadabe e Abiú eram filhos de Arão e sobrinhos de Moisés. Eram consagrados a Deus, como se fossem seminaristas em treinamento para o ministério em tempo integral. Certo dia, “trouxeram fogo profano perante o SENHOR, sem que tivessem sido autorizados”, e Deus respondeu à altura: “Então saiu fogo da presença do SENHOR e os consumiu. Morreram perante o SENHOR” (Lv 10.2).

Somos tentados a dizer que Deus exagerou. Eram jovens e mereciam segunda oportunidade; além disso, eram filhos de Arão, o sumo sacerdote. Esperaríamos um pouco de tolerância. Mas bem ali, diante do altar de Deus, Nadabe e Abiú foram imediatamente aniquilados — sem julgamento ou segunda oportunidade.

Por que Deus fez isso? Ele mesmo explicou: “Aos que de mim se aproximam santo me mostrarei; à vista de todo o povo glorificado serei” (Lv 10.3). O erro desses homens não foi a aproximação do Deus errado, mas tê-la feito da maneira errada. Eles aprenderam, da pior maneira possível, que *não podiam se acercar de qualquer jeito*.

Todo acesso à presença de Deus deve ser mediado. Nós, pecadores, não podemos simplesmente nos aproximar dele por conta própria. E por que devemos chegar por intermédio de Jesus? *Sendo o homem-Deus, Jesus é perfeitamente imaculado. Por isso, ele é o único que pode nos dar a justiça mediante a qual podemos entrar na santa presença de Deus.*

O cristianismo opõe-se inexoravelmente a qualquer crença de que a salvação envolva esforços próprios. Todo mérito humano — atos que nos fazem sentir melhor a respeito de nós mesmos — precisa ser permanentemente afastado para que nos reconciliemos com Deus. Atos de compaixão e gentileza podem ser encontrados em todas as religiões do mundo. É lógico que é muito melhor sermos boas pessoas, e não más. Mas o cristianismo assevera a incapacidade dessas obras de mudar o conceito divino sobre nosso pecado.

Gostamos de pensar em nossa superioridade sobre os outros. Quando, porém, nos comparamos a Deus — único padrão aceito por ele —, percebemos haver pouca diferença entre todos nós, membros da família humana. Não temos nada em comum com a santidade de Deus. Como disse Agostinho: “Quem compreende a santidade de Deus, desespera-se tentando apaziguá-lo”. Se Deus não tomasse a iniciativa de nos salvar, não haveria meios de sermos salvos.

Como Deus pode se associar a pecadores e ainda manter sua honra? A santidade de Deus não poderia ser maculada ou comprometida na realização de seu intento. *Dai concluímos que somente Deus poderia satisfazer as suas exigências, e foi exatamente o que fez em Cristo.* Nenhuma outra religião alega existir um único Deus criador transformado

em homem para nos redimir. Nessas importantes questões, o cristianismo é único e original.

Naturalmente, quando Tomé perguntou a Jesus “Como então podemos saber o caminho?”, ele recebeu uma resposta clara: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim” (Jo 14.6). Um turista atravessando um deserto pergunta a seu guia “Onde é o caminho?”, ao que o guia responde: “Eu sou o caminho”.

Alguém já disse que Cristo é o caminho desde a ruína do homem até Deus Pai, desde a cidade de destruição até a cidade celestial.

Quando Filipe pediu a Jesus “Mostra-nos o Pai, e isso nos basta”, Jesus simplesmente respondeu: “Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14.8,9). Deus entrou em uma desprezível casa judaica, não se envergonhou em trabalhar como um homem e soube o que era ser tentado. Deus foi pendurado na cruz.

Na verdade, Jesus estava dizendo a Filipe: “Ouça minhas palavras! Olhe para mim! Creia em mim! Então você conhecerá o Pai. Eu posso levá-lo por todo o caminho, até em casa”.

A TEOLOGIA DO GATO RISONHO⁸

Os religiosos liberais, em especial os ministros, debatem-se com o que dizer no Natal e na Páscoa. As narrativas do Novo Testamento ficam ali, encarando-os fixamente, mas, se eles

⁸Personagem de *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll. (N. do T.)

não crêem em anjos, estrelas guias ou na ressurreição de Jesus, o que podem dizer de forma honesta? Não causa espanto que em uma igreja da Califórnia tenham escrito a seguinte faixa de Páscoa: “Páscoa é tempo de flores”.

No Natal passado, um ministro de Chicago disse a sua imensa congregação: “E o que fazemos com os relatos de pastores, estrelas e magos [...] Precisamos acreditar que tudo isso aconteceu? Não, não precisamos. O que importa é o *espírito* do Natal!”. Assim, embora supostamente esses fatos não tenham acontecido, somos convidados a buscar o espírito do Natal ou da Páscoa. Os gnósticos teriam adorado isso!

Há mais de sessenta anos, Helmut Richard Niebuhr fez uma descrição do cristianismo nos Estados Unidos que, nos dias de hoje, é ainda mais verdadeira que naquela época: “O Deus sem ira trouxe o homem sem pecado para o reino sem juízo, por meio da ministração do Cristo sem cruz”.

Isso me faz recordar o Gato Risonho de *Alice no País das Maravilhas*. Lembre-se que, ainda que o gato desaparecesse, seu sorriso podia ser visto na escuridão. Obviamente, quero destacar que o “espírito” do Natal ou da Páscoa não significa nada, a menos que os fatos relacionados tenham realmente acontecido. É como dizer que podemos ter laranjas sem laranjeiras, ou uma roda sem eixo. É mais do que claro que, se esses fatos da salvação não aconteceram, precisamos nos salvar da melhor forma que pudermos.

Ao descrever os falsos mestres de sua época, Judas escreveu: “São nuvens sem água, impelidas pelo vento; árvores de outono, sem frutos, duas vezes mortas, arrancadas pela raiz. São ondas bravias do mar, espumando seus próprios

atos vergonhosos; estrelas errantes, para as quais estão reservadas para sempre as mais densas trevas” (Jd 1.12,13). Ele prossegue dizendo o que é mais do que óbvio, esses mestres “seguem os seus próprios desejos impuros” (1.16).

Mitra não é Jesus, nem o Jesus dos gnósticos é o Jesus do cristianismo. O Jesus do Novo Testamento nasceu de uma virgem, morreu por nossos pecados e ressurgiu. Ele agora nos convida a participar de sua vitória. Se repelirmos a luz, quão imensas são as trevas!

Falando novamente ao povo, Jesus disse: “Eu sou a luz do mundo. Quem me segue, nunca andaré em trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8.12).

epílogo

Do meu coração para o seu

Certa feita, li que o diretor sueco Ingmar Bergman sonhou estar de pé em uma catedral européia, contemplando uma pintura de Jesus. Desesperado por ouvir uma palavra que não pertencesse a seu mundo, ele sussurrou: “Fale comigo!”.

Reinava o mais absoluto silêncio.

Fiquei então sabendo que essa resposta incentivou a fazer *Silence* [*Silêncio*], filme que retratava pessoas já sem esperanças de encontrar a Deus. Em nosso mundo, acreditamos poder ouvir somente a nós mesmos. Não nos chega nenhuma voz exterior à situação humana que nos fale sobre a realidade final. Ao buscar uma palavra de Deus, deparamo-nos muitas vezes com o mais absoluto silêncio.

Será que Deus falou ou o universo mantém silêncio a respeito de questões fundamentais? Se Deus não falou, nós mesmos devemos nos manter em

silêncio, pois não temos a menor idéia do significado da vida. Nem podemos julgar questões morais ou especular sobre a possibilidade de vida após a morte. Também devemos manter silêncio em nossa busca por justiça, pois, se não há Deus, não há como ter certeza de que a balança da justiça algum dia funcionará.

A boa notícia é que temos claríssimas provas de que Deus falou, e falou de forma inequívoca. A Bíblia ensina que Deus tem falado na natureza. Mas a natureza não nos diz se Deus ama o mundo, nem nos conta como podemos nos reconciliar com nosso Criador.

Quando Deus quis falar em uma linguagem humana, veio na pessoa de Jesus. Lemos: “Há muito tempo Deus falou muitas vezes e de várias maneiras aos nossos antepassados por meio dos profetas, mas nestes últimos dias falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e por meio de quem fez o universo” (Hb 1.1,2).

Quando Cristo apareceu em forma humana, houve a explosão de revelação. Ele foi a última e mais completa mensagem de Deus para a humanidade. E, se formos honestos, precisamos admitir que as provas de que ele é o Filho de Deus são esmagadoras.

Em um estudo bíblico em que participei, conheci uma mulher judia que me contou quão desesperadamente queria descobrir a verdade sobre Deus. Disse-me orar todos os dias para que Deus lhe mostrasse como ter um relacionamento pessoal com ele. O simples pensamento, porém, de que Jesus podia ser o Filho de Deus, o Messias, deixava-a apavorada. “Ó Deus”, orava ela, “por favor, que seja qual-quer um menos Jesus!”.

No entanto, ao findar sua busca, essa mulher contou-me que seu pior medo se tornou realidade: *no fim das contas, Deus era Jesus!* Temos muitas e boas razões para crer que ela estava certa. Lênin afirmava que, se o comunismo fosse implementado, haveria pão em todos os lares. Nunca, porém, ele pôde dizer: “Eu sou o pão da vida. Aquele que vem a mim nunca terá fome; aquele que crê em mim nunca terá sede” (Jo 6.35).

Buda ensinava a iluminação; todavia, ao morrer, buscava por mais luz. Ele nunca disse: “Eu sou a luz do mundo. Quem me segue, nunca andarás em trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8.12). Sigmund Freud acreditava que a psicologia poderia curar todas as dores espirituais e emocionais. Não podia, no entanto, dizer: “Deixo-lhes a paz; a minha paz lhes dou. Não a dou como o mundo a dá. Não se perturbe o seu coração, nem tenham medo” (Jo 14.27).

Sempre que encontro um ateu ou agnóstico, lanço o desafio para fazer uma experiência de 21 dias. Em resumo, peço que leia um capítulo do evangelho de João a cada dia, mantendo a mente aberta. Aliás, já cheguei a desafiar incrédulos a orar assim: “Deus, se você existe, mostre-me!”. Aqueles que tiveram a coragem de aceitar minha sugestão, acabaram admitindo, envergonhados, que as histórias sobre Jesus não poderiam ter sido inventadas. Acreditar que quem nos deu o Sermão do Monte poderia mentir sobre sua identidade simplesmente não faz sentido. Ou reconhecemos que ele é o Filho de Deus, ou apresentamos provas de que ele foi um fanático delirante.

Há alguns anos, vi a famosa pintura de Rembrandt, *The nightwatch* [*O guarda noturno*], no Rijksmuseum, em

Amsterdã. Se tivesse ditò à guia que a pintura devia ser re-feita para satisfazer meu gosto e expectativas, ela teria tido todo o direito de dizer: “Não é a pintura que está em julgamento, é você!”.

Assim como amadores são rápidos em apresentar um veredicto diante de uma obra-prima, as pessoas de hoje em dia não se incomodam de julgar superficialmente a pessoa de Jesus. Se ao menos esperassem um pouco mais, perceberiam que são elas que estão em julgamento, não Jesus.

Nenhuma outra religião no mundo ensina o que Cristo ensinou: nossa reconciliação com Deus deve ser um dom gratuito para pecadores indignos. O motivo? Não temos o tipo de justiça que Deus aceita; *não nos podemos tornar suficientemente bons para Deus*. Visto que não temos como corrigir nosso relacionamento com Deus, precisamos de grande dose de graça.

Há esperança para todos, até mesmo para quem se considera além de qualquer esperança. Deus pode salvar grandes pecadores da mesma forma que salva os “melhorzinhos”. A questão não é a grandeza de nosso pecado, mas a preciosidade da justiça creditada a nosso favor. Imagine uma trilha suja e com terríveis buracos. A seu lado, corre uma bela estrada bem pavimentada e bem cuidada. Se cair meio metro de neve, você não poderá dizer a diferença entre os dois caminhos! Da mesma forma, quando confiamos em Cristo, ele cobre nossa “sujeira” (seja grande, seja pequena) com seu perdão e graça.

É evidente que essa graça precisa ser um dom gratuito. Gratuito porque não há nada que possamos acrescentar com nossa bondade e promessas de regeneração. “Pois vocês são

salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2.8,9).

Ao fechar este livro, eu o convido a curvar a cabeça diante de Cristo — não do Cristo de *O código Da Vinci*, mas diante do Cristo do Novo Testamento, que a todos convida para si, onde há graça e perdão. A um parálítico ele disse “Filho, os seus pecados estão perdoados” (Mc 2.5), e a uma mulher imoral ele deu este consolo: “Sua fé a salvou; vá em paz” (Lc 7.50).

Após sua ressurreição e exaltação aos céus, Jesus afirmou: “Não tenha medo. Eu sou o Primeiro e o Último. Sou Aquele que Vive. Estive morto mas agora estou vivo para todo o sempre! E tenho as chaves da morte e do Hades” (Ap 1.17,18).

Essas são as palavras do Salvador em quem vale a pena confiar.